

Artigos

Santo Claudino Verzeleti

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 30/11/2004

Título : A civilização inca

Categoria: Artigos

Descrição: América é uma região mítica e misteriosa do Novo Continente, onde é grandiosa a natureza. Ela é a terra da fantasia, do sonho.

A civilização inca

SANTO CLAUDINO VERZELETI

América é uma região mítica e misteriosa do Novo Continente, onde é grandiosa a natureza. Ela é a terra da fantasia, do sonho.

Tudo ali é misterioso: as civilizações desaparecidas, os tesouros fabulosos, as montanhas gigantescas, o domínio da neve e do gelo sobre o condor, que reina como senhor.

Estranha América, segundo Ruben Dario:

"Do abismo, a queixa amarga vem, sonora; Quando o vento murmura, a onda chora."

A terra andina esconde a história inca, e nela repousa o sangue de seus mártires.

Terra, terra, mãe de todas as raças, mundo de descanso dos homens!

Os povos rendem suas homenagens, retribuindo-lhe com sacrifícios e oferendas.

"Para vós, o oceano desata os elos das coisas, abre-vos a terra imensa, e Tétis vos conduz à descoberta de novos mundos". (Sêneca)

O Império do Peru, reino denominado Biru, se estendia do Equador ao Sul do Trópico de Capricórnio, do Pacífico às florestas da Amazônia e às planícies do Chaco.

As civilizações, no decurso do tempo, sobrepunham-se umas às outras: os Collas aos Chimus, e estes aos Incas, cujos impérios dominavam os altiplanos peruvianos.

Dentre as tribos mais valentes, citamos os Canaris e os Chancas, com seus homens guerreiros, destemidos e religiosos por natureza, um mosaico, um amálgama de civilizações diversas, um Estado artificial formado de elementos heterogêneos.

A civilização dos Chimus, talvez superior à Inca, obteve amplo domínio andino, subjungando outras etnias pela força.

A lenda das origens

"Manco Capac e seus irmãos e irmãs se gloriavam de haverem saído de Pacari-Tambo, a Caverna do Futuro, no primeiro dia em que o sol tomava seu lugar no céu. Eis por que se chamavam Churi-Inti, os filhos do Sol, e adoravam e veneravam o sol como seu pai."

Suas origens são desconhecidas, uma vez que distintos e diferentes dos índios. Sua língua era diversa, sua tez clara, sua inteligência invejável. A beleza e a alva tez das mulheres era ímpar. Agradáveis de se ver, asseadas, com longos cabelos negros caindo sobre os ombros, dando-lhes rara beleza.

Os soberanos incas construíram uma oligarquia pouco numerosa, que exercia poder teocrático, e se apoiava em quadros administrativos e militares fortemente hierarquizados.

Os que profanassem o nome do Inca ou do Sol pereciam de morte atroz. Aos olhos dos povos do império Tahuantinsuyu, o Inca Capac, encarnava o Deus e a Nação. "Em meu reino não há ave que voe nem folha que se mexa, se tal não for a minha vontade", dizia Atualpa.

Todas as vestimentas, objetos, restos de comida, etc, eram tocados uma única vez, e depois incinerados no fim do ano, pois tudo quanto esse senhor, como filho do Sol, tocasse, era sagra- do e, por conseguinte, não podia ser profanado por mãos impuras.

As divindades que eles adoravam era o Mar nutriente, a Lua e a Terra, mãe de todas as coisas.

A rivalidade

Viracocha pretendia deixar o trono a Urco, seu primogênito. Precedentes houve, na história da dinastia inca, envolvendo muitas rivalidades entre irmãos, pelo poder.

Manco Copac assassinou seu irmão Aya Cachê. Mais tarde, irmãos e parentes se entredegolaram, consagrando assim a ruína do império inca.

Pachacutec, mais tarde, descobriu que Urco desejava usurpar o poder, e decidiu tomar a dianteira, com o apoio do irmão caçula. Roca, provocando Urco e liquidando-o, após curta luta.

Depois do combate, ambos pediram a Viracocha que os recebesse em audiência. O velho, embora triste pela perda do filho, não teve escolha, pois tinha outros filhos. Recebeu-os, concordando com Pachacutec.

No apogeu de Cusco, o Inca, todo-poderoso, impunha regras de tratamento ao adversário, tanto quanto possível, decapitando seu chefe como troféu de guerra, e aumentando a coleção de crânios. Funcionava um velho princípio de governo: "Odeia-me, contanto que me temas!" Pachacutec confiou o comando das forças armadas aos irmãos Capac e Huayna que, mais tarde, após a vitória sobre os Chimus, mandou executar seu filho Apayanqui Yupanqui. Os inimigos eram deportados para outras regiões.

O povo rebelou-se contra a obrigação de fornecer guerreiros, e de enviar suas filhas para as casas das "mulheres escolhidas", que eram concubinas dos nobres, ou então imoladas nos altares santuários de Huanacauri.

Pachacutec, já velho, sentiu que deveria ceder o trono a Tupac. Entre suas máximas destacam-se: "A impaciência é produto de um espírito mal formado e de uma vontade que não sabe dominar-se"; "A inveja é uma doença mortal"; "A infelicidade é a bigorna da paciência"; "O poder é o principal elemento de corrupção da alma humana". Sobre a morte do Inca: "Como um lírio dos campos nasci e cresci, mas o tempo passou, a velhice chegou, e meu corpo secou e morreu".

Os funerais dos antigos peruanos eram de um barbarismo perturbador e espantoso. O corpo do morto era embalsamado como se vivo fosse.

O luto durava um ano. Suas mulheres se ofereciam em holocausto, estrangulavam-se, jogavam-se do alto dos rochedos e, em fogueiras.

As causas e conseqüências de sua autodestruição, de natureza mítica e psicológica, derivam da estrutura interna do império inca.

Não foi a superioridade das armas espanholas que os derrotou, mas a moral dos conquistadores. O índio crê que sua existência é dominada por potências cegas e invisíveis; por meio de sacrifícios tenta dobrá-las e, assim, mudar o curso do destino. Estranhos fenômenos se haviam produzido: meteoros rubros rasgaram os céus, tremores abalaram o solo, tempestades de violência insólita devastaram o país. Estaria em vésperas de cumprir-se a profecia que fizera Viracocha, antes de desaparecer no mar, e transmitida de geração em geração? O Deus criador de todas as coisas declarou: "Virão homens que se farão passar por meus

servidores... Não acrediteis neles! No futuro, enviar-vos-ei mensageiros, homens brancos, de barba, para instruir-vos e proteger-vos. Submetei-vos a sua tutela!"

Esse anjo branco, prateado, não seria Pizarro e seus homens?

A revolta das tribos cansadas de submissão resultou na derrota final, a exemplo dos Canaris, os quais apoiavam os invasores.

O povo cansou de ver suas filhas serem entregues ao Inca e aos nobres, e seus filhos trucidados nas guerras. Cajamarca foi o capítulo final do império inca, com a invasão espanhola.

A hora chegou

Pizarro percorreu quilômetro a quilômetro, para não lutar, pois Cajamarca não ofereceu resistência. O inca Atualpa pensava em tudo, em como atacar, já que seus espiões tudo sabiam sobre os invasores. O tempo transcorria rápido, e a insatisfação de ambos os lados chegou a seu apogeu. Atualpa estava curioso, pois os deuses já lhe tinham profetizado, sobre os homens vestidos de prata.

Era o que dizia a lenda, e o Inca desejava vê-los. Quem seriam?

Pizarro já sabia de antemão que o reino passava por negros momentos. Sabia, entretanto que a curiosidade é mãe da imperfeição.

Por isso, Pizarro não perdeu tempo. Na visita que o Inca fazia, tratou de armar da melhor forma seus homens e usar de todos os truques, como colocar guizos no pescoço dos cavalos para provocar mais barulho.

Curiós, O Inca desejava ver Pizarro e conversar com ele. Afinal, chegou a hora. Ambas as partes não ofereceram resistência. Na praça de Cajamara reinava um silêncio de morte.

O Inca estava perplexo diante da atitude dos estrangeiros. Em torno de 20 mil pessoas acompanharam Atualpa.

Um movimento dos incas, em forma de redemoinho, foi o sinal fatal para os homens de Pizarro.

Era o fim do mundo inca. Soaram cornetas, tiros, guizos, enfim, o inferno se fez presente e botou a correr aquele mundo de índios, enquanto o chefe inca era preso.

A luta durou meia hora, com os índios deixando-se chacinar passivamente. Mais de 800 índios foram mortos.

Atualpa, preso, permaneceu em Cajamarca com o pessoal de sua segurança e as mulheres da corte.

Ele foi julgado culpado e condenado à fogueira, porém, foi estrangulado, pondo fim ao império Tahuatinsuyu.

Pizarro, Desoto e Almagro também tiveram um fim trágico.

"Digitus Dei est Hic!" - "Aqui está o dedo de Deus!"

"A glória é uma flor que brota no coração dos defuntos."

Da Revista

Água da Fonte nº 2

Data : 31/07/2005

Título : A Filosofia da Calça Rasgada

Categoria: Artigos

Descrição: A moda forneceu à sociedade uma forma de gastar o que já é gasto.

A Filosofia da Calça Rasgada

SANTO CLAUDINO VERZELETI

Nos idos da caminhada da imigração italiana para a América, mais exatamente, para o Rio Grande do Sul, seus desbravadores traziam no coração o amor à sua família, sua terra e sua pátria.

Os vênetsos que saíram da Paflagônia, no norte da Turquia, alcançando o norte da Itália, percorreram milhares de quilômetros através do oceano e do território brasileiro, até chegar ao Sul, e trouxeram na bagagem seus usos e costumes.

Aqui receberam do Governo Imperial os utensílios necessários para desmatar o caminho e iniciar a vida, derrubando o mato e erguendo a casa de capim com taquaras trançadas.

Suas ferramentas se resumiam a uma foice, uma lâmina sem curva, um machado, uma cunha de ferro, um facão, um malho e um serrote. "Ide ao trabalho e ao vosso lar, cultivar a terra que irá produzir o pão de cada dia."

Com o passar do tempo, fez-se necessário o fabrico de novas ferramentas de trabalho. Também as vestimentas trazidas da Itália, para a proteção do corpo contra as intempéries, já se mostravam cansadas e gastas de tanto roçarem nos espinhos e nas rochas.

As lavouras iam tomando amplitude, iniciando-se a expansão agrícola. O comércio movimentava e desenvolvia as comunidades, através da compra de produtos dos vênetsos; a moeda começou a circular e os imigrantes a obter sucesso com a expansão de suas atividades.

A renovação das roupas de trabalho e de festa já era uma necessidade. Com partes de uma peça reconstituía-se outra (taconi), até que esta não agüentasse mais, pelo uso contínuo no dia-a-dia.

Aos domingos era costume vestir-se bem, para ir à igreja. Isso fazia parte da devoção e do respeito pela casa de Deus. Aquela calça nova, de brim-riscado (litrado), com que os homens da família se vestiam, era sinônimo de poder. Curta até o joelho, para os meninos; e, para os rapazes, longa até o tornozelo.

A calça rasgada pelo trabalho recebia remendos de retalhos da mesma cor. Depois era passada a ferro de brasa. Nada desmerecia o usuário da calça, desde que fosse limpa.

Aos poucos o status dos imigrantes começou a melhorar, exigindo o complemento do paletó. Quanto às mulheres, passaram a vestir longas saias com sobre-saia de outro tecido, mais leve.

Mais tarde, já não se admitia mais o uso da calça remendada ou de algodão riscado, para as ocasiões especiais. Tornou-se obrigatório o uso do terno. No trabalho, porém, a calça masculina poderia apresentar três cores de remendos, ou até mais, pois o estoque de calças havia se esgotado. Ainda, em seu último suspiro, serviam elas de pano para lavar a casa.

De um modo geral, a calça rasgada ou suja era sinônimo de pobreza e relaxamento, e o pobre tinha pouca credibilidade. Um conceito que todos reconheciam como real.

Já nos dias atuais, a modernidade resgatou a calça rasgada ou desfiada, que passou a representar luxo, moda, elegância, até nos meios de comunicação social. Sobretudo entre os jovens, ninguém se envergonha de usá-la. Pelo contrário, eles consideram charme acompanhar essa tendência, embora excêntrica. Acredita-se que represente a pobreza interior do sujeito ativo e ultramoderno. O sujeito passivo, ao contrário, exhibe-se demonstrando aquilo que não é. Parece que a atual sociedade estagnou, não sabe o que quer. Se a moda é mostrar o roto, qual será a disciplina do costurado? A saia, por sua vez, subiu acima dos joelhos, chegando a mostrar a cachoeira da montanha, para a alegria de uns e outros.

A moda forneceu à sociedade uma forma de gastar o que já é gasto. E ainda impõe o constrangimento de não poder participar dela quem não se apresenta com a roupa adequada.

Nossos imigrantes nos legaram provérbios que sintetizam bem a razão de ser do indivíduo:

Bisogna sempre far el passo conforme le gambe.

I zé poveri ma i lavora.

Come valtri magne? Si, si a casa co se gà poenta e salame, o poenta e formaio, e un pochi de radici, no ocor altro.

Lori no i gà niente parche nō i gà ordine.

Da mesma forma, pelo sim pelo não, calça rasgada não é mais sinônimo de pobreza ...

(Santo Claudino Verzeleti pertence à Academia Passo-Fundense de Letras, cadeira 27, cujo patrono é Ana Luiza Ferrão Teixeira.)

Da revista

Água da Fonte nº 3

Data : 31/05/2011

Título : Academia de Letras e de Frutos

Categoria: Artigos

Descrição: A Academia Passo-Fundense de Letras viveu, nas últimas décadas do século XX, uma fase de dificuldades, com referência à situação de seu prédio.

Academia de Letras e de Frutos

SANTO CLAUDINO VERZELETI

A Academia Passo-Fundense de Letras viveu, nas últimas décadas do século XX, uma fase de dificuldades, com referência à situação de seu prédio.

A despeito de sua história, como importante casa de cultura, que abrigou, desde a fundação, em 19 de abril de 1938, destacados escritores e intelectuais, nem ela escapou da ação implacável do tempo. E o comprometimento de suas instalações culminou com a completa desativação, no início dos anos oitenta.

A casa foi ruindo aos poucos, até restar apenas sua fachada histórica, que na ocasião foi protegida por tapumes, visando a sua preservação.

E então aconteceu o inesperado. Os tapumes passaram a esconder também uma surpresa, extremamente agradável. Um pé de tomates, com frutos verdes e vermelhos, desabrochou entre as pedras de uma velha calçada.

Um tanto desajeitada, pela falta de trato, a pequena planta persistia na ânsia de manter-se viva e produzir.

Certo dia, ao passar pelo local, surpreendi-me com o fato inusitado, e relatei a meus companheiros acadêmicos o que presenciei: "Não dá para acreditar que um pé de tomate tenha nascido ali".

Fazia já um bom tempo que o prédio estava sendo restaurado, pela Prefeitura Municipal, em parceria com o Governo Federal. Mas a data de conclusão (sabe-se agora) ainda estava muito distante, uma vez que, por longos anos, só se construiu a base do primeiro piso.

O projeto previa também a instalação da Biblioteca Pública naquele local, constituindo-se assim um complexo cultural importante, uma vez que funcionam, na mesma área: o Museu Histórico Regional e o Museu de Artes Visuais Ruth Schneider, no prédio da antiga Intendência Municipal (ou Prefeitura), e o Teatro Múcio de Castro, na antiga Camara de Vereadores.

Quanto à Academia Passo-Fundense de Letras, após transferir suas instalações e funcionar em vários endereços, durante quase duas décadas, reinaugurou, finalmente, em sua antiga sede, restaurada e modernizada.

Do antigo prédio em ruínas, e da curiosa horta de tomates, com seus belos e sumarentos frutos, restou somente a velha fachada, preservada em nome da tradição e do seu valor histórico e cultural.

Os frutos agora vingam nas estantes de livros e na produção literária dos acadêmicos.

(Santo Claudino Verzeleti é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia de Ciências Contábeis do RS.)

Da Revista

Água da Fonte

31/05/2011

Data : 31/05/2011

Título : Aprendizado sem mestre

Categoria: Artigos

Descrição: A ocasião foi muito especial, pois o tio trazia uma boa-nova ao conhecimento de todos.

Aprendizado sem mestre

Em junho de 1944, meu tio Urbano Tristachi realizou a tradicional visita noturna, que os italianos chamavam de “filó”, à casa de seu cunhado Herculino Verzeleti, a fim de bater um papo e trocar ideias.

A ocasião foi muito especial, pois o tio trazia uma boa-nova ao conhecimento de todos. Ele havia adquirido um rádio, uma vez que achava muito importante e necessário ouvir as notícias da guerra. Era a época da Segunda Guerra Mundial, e não havia outro meio de acompanhar as peripécias do conflito, a não ser pelas ondas do rádio.

Fazia um frio de rachar, quando ele, ao calor do fogão a lenha, deu início à narrativa sobre o que havia escutado durante a semana.

Eu era um garoto e aquelas histórias me fascinavam. Por isso permaneci na cozinha, na companhia dos adultos. Por nada desse mundo haveria de perder a prosa do tio, que falava de sangue e matanças sem fim.

De repente, meu pai se deu conta de que eu não deveria estar lá, escutando aquelas notícias, consideradas por ele como assunto de adultos. Repreendeu-me e ordenou que fosse para a cama. Como a obediência, naqueles tempos, era um princípio inquestionável, não tive alternativa senão cumprir a ordem, nem que fosse somente por meia-obediência. Daí que me plantei atrás da porta, e consegui escutar tudo, até os detalhes da narrativa, como o avanço dos aliados, os bombardeios e as atrocidades promovidas pelos nazistas.

E, graças a essa coragem, aquela noite tornou-se um divisor de águas em minha vida. Ao recolher-me, depois que o tio Urbano se despediu, não consegui conciliar o sono. Continuava a ruminar aqueles trágicos relatos, e tremia todo o corpo só de lembrá-los.

Eu estava com nove anos de idade e, na semana anterior, quando um teco-teco cruzava sobre nossa propriedade, ouvira o pai falar que aquilo era um sinal da guerra. Nunca um avião sobrevoara os céus da Linha Garibaldina, nem mesmo os povoados de Rondinha ou Sarandi.

Nesse tempo, eu cursava o primeiro ano primário na Linha Lageado Seco, e encontrava enorme dificuldade em juntar as letras. Observava com ansiedade a capa da Selecta, o livro que ensinava a gurizada a ler. O alfabeto se parecia mais com um enigma de difícil solução, e a didática empregada pelo mestre não alcançava meus neurônios. Afinal, vivera nove anos distante de tudo aquilo, e minha cabeça falhava, sempre que me mandavam soletrar.

No domingo seguinte, como era hábito das famílias italianas, muito religiosas e tementes a Deus, o pai foi assistir à missa em Rondinha, a uns oito quilômetros de distância. Quem viveu naqueles velhos tempos, sabe muito bem que a cerimônia era toda oficiada em latim, de tal sorte que ninguém entendia nada. Mesmo assim, o fervor e a fé não tinham limites, e todos tratavam de acompanhar as rezas e pregações do celebrante.

Após o ato litúrgico, alguns homens se dirigiam à bodega do Gatti, que era o bar daquela época remota, a fim de comprar caramelos ou beber um trago, enquanto outros se dirigiam à Casa Canônica (onde morava o padre), para buscar o jornal Staffeta, hoje denominado Correio Riograndense, cuja editora está estabelecida em Caxias do Sul.

Naquele dia memorável, assim que o pai entrou em casa com o jornal, vibrei de contentamento, imaginando que as histórias contadas pelo tio Urbano deviam estar escritas ali.

Nem participar do almoço eu quis, mesmo tendo varado a noite em claro. Enquanto os outros se postaram ao redor da mesa, para a refeição domingueira, eu apanhei o jornal e me pus a procurar, de alto a baixo, onde estariam estampadas as notícias da guerra. Tinha certeza de sua presença naquelas páginas, meio enigmáticas, mas tão ricas de simbologia...

Tentei então, num esforço sobre-humano e com extremo sofrimento, juntar as letras e aglutiná-las em palavras. Ainda não sabia ler nem escrever, pois na roça esse processo acontecia bem mais tarde. Basta dizer que minha professora só possuía formação primária, para entender o quanto era difícil a alfabetização daquela gente rude e distante de toda informação.

Mas eu estava decidido a descobrir o que se escondia por trás das letras, e obrigá-las a contar-me os seus segredos. Era inverno, e um ventinho cortante entrava por baixo da porta, quando me sentei na varanda, onde o sol timidamente penetrava, tentando traduzir o que aquelas páginas contavam. Mesmo sentindo frio, eu transpirava, e contorcia-me como um Nanetto Pippeta, procurando acolherar as letras e dar-lhes significado, a fim de que me revelassem as façanhas da guerra.

Após muito pensar, refletir, fazer ligações entre um vocábulo e outro, finalmente, deu-me o estalo! Consegui ler, entrar no âmago de cada palavra e estabelecer relação entre uma e outra, formando as frases. Eureka! Agora o suor descia em bicas! E eu tremia, literalmente. Não sei dizer se era de frio ou de emoção...

Devagar, fui decifrando as primeiras linhas e descobrindo, por mim mesmo, a capacidade de ler sem professor. Aliás, tive um grande mestre, e dos mais excelentes, nesse momento significativo de minha vida: o jornal Correio Riograndense. Foi ele que me oportunizou a maior e mais gloriosa aquisição, naqueles tempos limitados, quando nem todos tinham acesso à leitura. Na escola, a instrução se fazia pela decoreba, não pelo raciocínio e a lógica, como ocorreu comigo.

Daquele dia em diante, o jornal tornou-se meu grande aliado, o fiel escudeiro que me possibilitou comprovar o que meu tio Urbano contava. Esse informativo, ao narrar-me os acontecimentos da guerra e tantos outros, passou a ocupar um espaço privilegiado em meu coração. E a ansiedade dominical para tê-lo entre as mãos, olhá-lo de alto a baixo, percorrer suas páginas e descobrir suas histórias interessantes, só foram aumentando com o passar dos dias. Sou grato a esse veículo de comunicação, pela importância que teve em meu aprendizado, e pela influência em minha formação e enriquecimento cultural.

Já se passaram mais de seis décadas, desde o nosso primeiro contato. Mas até hoje continuo lendo e destacando dele notas importantes, que apresento em meu espaço de rádio, todos os sábados, há 36 anos. O programa denomina-se "Programa em Talian Anita Garibaldi", e vai ao ar das 13 às 14 horas, na Rádio Diário da Manhã, em Passo Fundo.

Pela significância do Correio Riograndense em minha trajetória de vida, e pela oportunidade de acesso a informações que outros periódicos não trazem, sou-lhe imensamente grato, além de um acalorado admirador.

Nota: Texto escrito para a edição comemorativa dos cem anos do jornal Correio Riograndense. Assinante: Centro Cultural Italiano Anita Garibaldi, Passo Fundo/RS.

(Santo Claudino Verzeleti é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia de Ciências Contábeis do RS. Fundador do Centro Cultural Italiano Anita Garibaldi)

Da

Revista

Água da Fonte

31/05/2011

Data : 30/11/2004

Título : As mulheres incas

Categoria: Artigos

Descrição: Poucos povos oferecem destaque às mulheres. A civilização inca deu-lhe amparo e evidência.

As mulheres incas

SANTO CLAUDINO VERZELETI

Poucos povos oferecem destaque às mulheres. A civilização inca deu-lhe amparo e evidência. Coya – esposa legítima do Inca - participava de todos os eventos espirituais, junto do irmão, no templo do Inti. Ostentava um diadema de ouro de uma polegada de largura, com um motivo que representava a Lua. Seu corpo, após a morte, era embalsamado e repousava no templo do Sol.

Além das mulheres legítimas, as "sipa-coya" tinham também certas legitimidades, e seus filhos pertenciam ao clã do soberano.

A casa das mulheres escolhidas, as "acloa-huasi", era um grande prédio, verdadeiro conjunto habitacional, e um local onde ninguém podia entrar, com exceção do Inca, do grão-sacerdote, da esposa do soberano e de suas filhas. Lá viviam as "acllas", "as isoladas", que eram as "virgens do Sol, ou ainda, as esposas do Sol".

Escolhidas entre as filhas das famílias nobres, as "acllas" eram as esposas do Inca e, por conseguinte, de seu filho, o Inca reinante.

A idade para ingresso era de 12 anos, quando eram confiadas às "mamaconas", aquelas que substituem a mãe. Estas iniciavam as "monjas" na prática do culto e do templo do Inti, teciam e costuravam os trajes do soberano, bem como os trajes dos nobres por ocasião das festas.

Preparavam a "quicha", serviam os banquetes no templo e velavam pelo sagrado.

Em circunstâncias excepcionais, elas celebravam seus sagrados esponsais (casamento) com Deus, sobre o altar do Sol.

Não conheciam outro homem a não ser o Inca.

A disciplina era imposta sob todos os aspectos.

As "adías" ministravam ensinamentos gerais, e muitas eram oferecidas pelos governadores aos viajantes.

Em diversas localidades de Cuzco havia essas casas, que funcionavam como internatos para as jovens, a partir dos 10 anos.

Ali recebiam todos os ensinamentos da mãe-esposa. O governador, por sua vez, como diretor da instrução pública, controlava sobretudo a educação das jovens.

Quando saíam da escola (internato), ele organizava uma espécie de leilão, ao qual eram obrigados a comparecer os jovens, também já treinados para a vida e dispostos a tudo, a fim de tomarem as moças como esposas. Elas já contavam com 24 anos. Nos dois primeiros anos do casamento viviam somente para si, com todo o amor, após, após passavam a viver para os filhos.

(Santo Caludino Verzeleti, presidente da Academia dos Contabilistas do Rio Grande do Sul, é membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras, cadeira 27, que tem, como patrona, a educadora Ana Luiza Ferrão Teixeira.)

Da Revista

Água da Fonte nº 2

Data : 31/05/2011

Título : As várias faces do demônio

Categoria: Artigos

Descrição: Além de varias faces, o Demônio Também tem varios nomes. Os mais conhecidos são: Diabo, Demo, Tinhoso, Lucifer, Chifrudo, Belzebu, Leviatã, Satanás e outros mais...

As várias faces do demônio

SANTO CLAUDINO VERZELETI

Além de várias faces, o Demônio Também tem vários nomes. Os mais conhecidos são: Diabo, Demo, Tinhoso, Lucifer, Chifrudo, Belzebu, Leviatã, Satanás e outros mais, tão estranhos quanto esquisitos.

Rebuscando as experiências da vida, encontrei descrições do que significa o diabo para diversos povos, e descobri que equivale sobretudo a dinheiro, inveja, ciúme e luxúria.

O Demo católico, por sua vez, é tudo o que fascina e aguça nossos impulsos. E a corporificação dele, descrita pelo cristianismo, serve, sobretudo para coibir o sexo, considerado a sua principal armadilha.

Para o povo hebreu, o deus Bahal, além de sinónimo de ira, luxúria, era também o deus da tempestade, enquanto Astaroth era tido como tesoureiro do inferno.

Já Negal comandava a política, no conceito dos súmenos. Enquanto Balberith era o líder dos querubins e secretário de Lucifer, também conhecido como Capeta, Cão, Renegado, Sujo, Coisa Ruim e Satanás.

Belzebu, que estimulava o orgulho e a heresia, era considerado o príncipe dos demônios, ao lado de Leviatã.

O rei dos espíritos malignos, chamado Pazuzu, comandava a disputa homem/Deus, por meio das tentações e do pecado.

Tentarei explicar a seguir como age o Diabo na historia dos povos.

Sua origem coincide com a aurora do ser humano. E ele reside no mundo, que é a casa do Bem e do Mal.

Enquanto o homem e a mulher, em seus sonhos, tentam saciar o espírito com prazeres e apelos luxuriantes, os seus demônios íntimos procuram satisfazer seus corpos. No espírito do homem, o Bem e o Mal se apresentam casados, tudo dependendo dos atos e fatos praticados por suas fraquezas, virtudes ou impulsos.

A tradição relata que os demônios todos do mundo foram criados pelos homens da montanha, quando começaram a viver em grupos organizados. Protegidos por muralhas de soldados, desfrutavam a vida com orgias e heresias.

Atribuíam-se a missão especial de ditar regras de conduta aos homens da planície, e subjugar-los de acordo com seus interesses.

O Diabo vivia na montanha e era sinônimo de castigo, fogo ardente, calor e temor, enquanto na planície o homem organizado trabalhava para seu sustento e criação da família, com união e respeito a Deus.

Foram as lutas, o ciúme, a inveja, a luxúria, a desagregação familiar e outras atitudes nocivas do homem que propiciaram o surgimento e crescimento do Diabo. O próprio homem criou as várias espécies de Diabo, ao tomar conhecimento de que o povo estava desviando-se da verdade suprema. E o fez com o intuito de reprimir seus atos pecaminosos.

Dessa forma. Satanás adquiriu força e conquistou o respeito, melhor dizendo, o temor da humanidade.

O homem é considerado o Y da vida. A haste inferior, isto é, o tronco do Ypsilon, representa o próprio homem. Enquanto os traços esquerdo e direito, no vértice da letra, simbolizam o caminho a ser escolhido por ele: o da esquerda, o Mal; e o da direita, o Bem.

A tendência será de seguir até o fim o caminho escolhido, consumando a opção. Poderá haver dúvida e hesitação, mas, em ambos os casos, irá cumpri-lo até o fim, pois os dois caminhos obedecem ao mesmo rito.

Uma vez tomada a decisão, seja por prazer, por autodefesa, por vingança ou autoestima, o homem agirá assim até o final do intento. Impulsionado pela força do cérebro e estimulado pelos fluidos do prazer, da dor, da alegria, acabará também por consumir o ato, exorcisando-se até o êxtase.

Uma vez tomada a decisão, seja por prazer, por autodefesa, por vingança ou autoestima, o homem agirá assim até o final do intento. Impulsionado pela força do cérebro e estimulado pelos fluidos do prazer, da dor, da alegria, acabará também por consumir o ato, exorcisando-se até o êxtase.

Tanto o anjo do bem quanto o do mal estão dentro de nós, pronunciando-se segundo a ação a ser efetivada, por impulsos elétricos do cérebro de cada um.

Quando o cérebro ordena a produção de certas enzimas - cuidado! – porque qualquer deles poderá agir segundo as circunstâncias e os impulsos do momento ou do ambiente.

O Demônio continua até hoje em evidência, como a personificação do mal e inimigo de Deus. O homem, por sua vez, poderá ser pacífico ou violento, bom ou mau, dependendo das situações e dos fatos. Alguns são mais lentos, outros mais ágeis, nessa atuação. O mundo está repleto de tentações, umas oferecendo mais prazer do que outras. Quanto mais difíceis, rudes e agressivas, mais vigorosamente age o Diabo para alcançar seus propósitos.

Diversas confissões religiosas mantêm o dogma com firmeza. Para elas, o Demônio é um ser real, com espírito do bem ou do mal, e suficientemente poderoso para entrar no corpo do ser humano e apossar-se dele. Pois incorporando-se ao espírito, tornar-se-á mais fácil alcançar o que pretende.

Ouve-se da boca do povo, em certas ocasiões: Ele era como um anjo, não tinha coragem de matar uma mosca! – No entanto, matou, trucidou, naquele momento de inversão do sistema de seus neurônios.

Isso ocorre porque a possessão provoca um distúrbio mental ou físico, que leva a tomar uma decisão, orientada para o Bem ou para o Mal. Por isso, incorporar

a palavra de Deus, especialmente às respostas que Jesus deu a Satanás, quando desafiado no deserto, será sempre algo surpreendente e vantajoso.

Eis nessa passagem a chave e o segredo da salvação de cada um de nós. Como homem, Jesus foi submetido a muitas tentações. Todavia, sua força interior e capacidade de mudar de rumo fizeram dele um espírito perfeito, capaz de vencer as artimanhas do Demonio e seguir em frente.

Assim também você, antes de tomar uma decisão ou executar um projeto, convém contar até dez. repetir o procedimento, consultar o seu Ypsilon, para só então decidir, sem egoísmo ou preconceito.

Sobretudo, quando a tentação se apresentar, a fim de subverter seu âmago, não duvide de que Satanás existe, e de que ele pode até ser você mesmo. Todos somos vulneráveis, ao passo que ele é inteligente e astuto. Seja, portanto, vigilante e forte, ante seu próprio espírito.

Como ser concreto, é óbvio que o Demônio não existe. Pois só está presente em nossos distúrbios mentais e em nossas fantasias.

Na Idade Média, o Tinhoso teve grande destaque. Quantas pessoas foram condenadas à fogueira, sem causa, em nome da Cruz, pelo mau espírito daqueles que se intitulavam justos! O homem criava regias para os outros, submetendo gente inocente ao suplício do fogo.

Na Bíblia, o Diabo é muito mais citado do que Deus. E, na era da globalização, Homem e Diabo se complementam, e realizam seus propósitos sob o manto da liberdade. O Demo, que era dotado do dom de anjo, foi expulso do paraíso sepultado no inferno. O melhor lugar de se viver é nestagalaxia, pois, enquanto o ser humano conviver com o temor da existencia do Diabo, respeitará o próximo como a si próprio.

O inferno e o céu são aqui mesmo. Aqui se vive e se desfruta de todas as riquezas da Terra, pagando caro pelas diabruras que se faz.

Ele, o Belzebu, está dentro de nós. Convivemos comele desde o nascimento, uma vez que se transmite aos descendentes no momento da fecundação.

Homem e Diabo são unos. E este age no momento em que a ação do homem se torna agressiva aos outros. Foi o medo enfrentado pelos seres humanos que o inventou, talvez para ludibriar a si mesmo, na tentativa de esconder suas fraquezas. A inteligência e a astúcia humanas produzem imagens através de uma enzima do cérebro que, esse sim, tudo vê e prove.

Nenhuma sociedade jamais conseguiu viver sem a presença do Demônio. Como temos dito, ele convive entre nós. O próprio Papa João Paulo II reconheceu essa verdade, quando disse que "Satanás trabalha para que o mal. Desde o começo, se desenvolva no próprio homem, nos sistemas e nas relações inter-humanas, entre as classes sociais e as Nações".

A Bíblia também destaca o Belzebu, no Novo Testamento, que é a base da doutrina cristã. Nela há mais citações do Mal que do Bem. Mais referências a Satã que a Deus.

A teoria do evangelismo admite que o Mal reside nas entranhas do ser humano, como a sombra junguiana, e contesta a existência do maligno.

Também para o Judaísmo, o Bem e o Mal procedem ambos de impulsos humanos. Na elite judaica, muitos rabinos acusaram Jesus de promover seus milagres sob o poder de Belzebu.

Já no Espiritismo, o Mal é visto como uma contingência da experiência evolutiva e das vivências terrenas de cada pessoa, e cede ao Bem à medida que os espíritos se depuram através de sucessivas reencarnações.

Por sua vez, o Budismo, doutrina que o Mal é resultado da mente inquieta ante a ilusão do eu e das formas do mundo material.

Daimon em grego significa espírito, mas o termo foi ampliado e deturpado no Catolicismo, conforme afirmam seus adversários.

Em tempos mais recentes, Jeffrey Burton Russel prega que o mundo está perdendo o senso do Mal: "Sem o senso do Mal, e sem temer o Mal, a civilização pode desagregar-se e ir, sem trocadilhos, direto para o inferno."

Conclui-se daí que o Tinhoso deve voltar a agir sobre os entes humanos, para contrabalançar com o Bem. Possuidor que é de ambos os espíritos, cabe ao homem a decisão final sobre o caminho a escolher.

Convém lembrar ainda que a doutrina judaica desconhecia o Diabo, ao passo que a Igreja Católica adotou a crença nele e a implantou nos seus fiéis, amedrontando-os com o castigo pelos seus pecados. E como a pregação narra que ele nasceu no deserto, a única forma de expulsá-lo é através do exorcismo.

Concluindo, pode-se afirmar que Deus é Deus e Diabo ao mesmo tempo...

(Santo Claudino Verzeleti é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia de Ciências Contábeis do RS. Fundador do Centro Cultural Italiano Anita Garibaldi)

Da Revista

Água da Fonte

31/05/2011

Data : 07/08/2007

Título : Clube de Esportes de Passo Fundo (Cecon)

Categoria: Artigos

Descrição: A fundação do Clube de Esportes de Passo Fundo obedeceu a critérios desportivos, visando sobretudo interceder junto aos poderes públicos pelos direitos e interesses...

Santo Claudino Verzeleti (*)

A fundação do Clube de Esportes de Passo Fundo obedeceu a critérios desportivos, visando sobretudo interceder junto aos poderes públicos pelos direitos e interesses legítimos da comunidade e das pessoas físicas e jurídicas, além de promover o intercâmbio esportivo nas diversas modalidades do esporte é a sua tarefa primordial.

Foi fundado em 23 de fevereiro de 1979, em decorrência da transformação do Departamento de Esportes dos Contabilistas (DESC). Imbuídos de espírito esportivo, e conhecedores das necessidades de participação, em nível estadual, em competições variadas, seus fundadores criaram a entidade, sob o signo dos anéis olímpicos.

O sonho se concretizou graças ao empenho e à abnegação dos seguintes esportistas: Cláudio Goelner, Lucindo Robin, João Rodrigues da Silva Campos, Alceu Fernandes Carvalho, Ivan Dreher Simões, Marcos Luciano Ferraz, Neucir Rebelato, Wilson Tassi, Abílio Celso Fuão, Vilson Rizzo, João Artur Fortes, Fernando O. Annes, Jorge Engers, Rui Mattos de Souza, Renato Justi, Francisco Xavier, Volmar Souza, Paulo Nunes, Carlos Alexandre Pereira, Sérgio E. P. Sander, Elton Wojann, Carlos Roberto Redel, Ruy Barbisan, Aldo Martio, Luiz F. Klaus, André Luiz Trindade, Telmo M. Vargas, Eduardo Fabiani, Bernardo Martio, Ernani Carlassara de Oliveira, Jorge Roberto Santos, Vernei Barbosa dos Santos, José de Melo Engers e Santo Claudino Verzeleti.

A Diretoria, por sua vez, ficou assim constituída: Presidente: Santo Claudino Verzeleti; vice-presidente: Cláudio Raphael Goelner. Departamentos – de Administração: João Artur Fortes, Vilson Rizzo; Financeiro: Vilmo Bedin; Jurídico: Celso Gonçalves; de Promoções: Guilherme Wolff e Jorge Engers; Esportivo: Renato Justi e Lucindo Robin; de Patrimônio: Armando da Silva Rocha e Jorge Rien. Conselho Fiscal: Neucir Rebelato, Marcos Luciano Ferraz e Wilson N. Tassi.; suplentes: Benhur Baggio, Rubens de Araújo e Flávio Airton Dias.

A entidade prosseguiu em suas atividades desportivas, aglutinando jovens devotados à causa, e concitando-os a participar do esporte amador. Assim, o Clube Cecon cresceu e se promoveu. Com o atleta Ernani Carlassara de Oliveira, conseguiu o título de Campeão Estadual, nas modalidades de 800 e 1500 metros, no ano de 1979. Com Jorge de Mello Engers, que, em 1978, sagrou-se Campeão Internacional da Maratona Fischer, conquistou também o Campeonato Estadual da Maratona de Porto Alegre. Com Ênio de Souza Vargas, foi Campeão Estadual de Corrida de Fundo, em 1981. Bernardo Martio, no Ciclismo, venceu o Campeonato Estadual em 1981, 1982 e 1983, e, no Regional, venceu todas as provas de 81 a 85. O Cecon participou ainda, em nível estadual, sob a direção do professor Renato Justi, do Campeonato Estadual de Voleibol, com ótima performance.

Em 1978, através do desportista Abílio Fuão, participou do Campeonato Estadual de Futebol de Salão, galgando posições invejáveis, tendo em vista a modalidade e as dificuldades financeiras enfrentadas pelo Clube.

O Campeonato de Bicicross, sob a orientação do técnico Ciro Lopes Filho, propiciou ao Cecon o 5º lugar, pelo sul-americano, em Buenos Aires, no ano de 1990, com Lucirene Lopes, e o 1º lugar com Eduardo Burlamaque. Em 91, o clube obteve a quinta colocação nacional, com o piloto Guilherme Lopes. Em 92, o 2º lugar sul-americano feminino, com Letícia Lopes. No mesmo ano, pelo mundial, em Salvador/BA, entre 1.560 atletas, Guilherme Lopes conquistou a 14ª colocação geral, a 2ª posição gaúcha e a 3ª pelo campeonato brasileiro. Em 1998, o atleta Vitor Aneris trouxe para Passo Fundo o 2º prêmio na Meia Maratona de Paris (França), e o 1º na Meia Maratona de Roma (Itália). Em 2001, Rosa Jussara foi campeã da Maratona de Blumenau (Santa Catarina).

No Atletismo, o Cecon conseguiu, em Passo Fundo, por meio de Marcos André Annes, a 1ª colocação na Corrida Noturna de Verão; e, com Tiago Annes, o 4º lugar. Na Maratona Estudantil de 3 mil metros, Marcos Júnior conquistou a 6ª posição e Tiago Mateus a 8ª. Na Rústica Nacional Marcopolo, mini-rústica de 3 mil metros, Marcos Júnior classificou-se novamente, dessa vez na 15ª posição.

Muitos atletas se destacaram usando a camisa do Cecon. Entre eles, Eloy Rodrigues Schleder, tetra-campeão da preliminar na Corrida de São Silvestre, em 1983; 3º lugar, nos Dez Mil Metros Internacional, em São Paulo, e bi-campeão na San Fernando, em Motevidéu (Uruguai).

Foi uma época em que Passo Fundo impôs respeito em todas as competições esportivas, graças à disciplina e à dedicação de seus dirigentes e ao empenho e espírito esportivo dos atletas. É importante que se diga que os bons resultados obtidos foram consequência de muitas lágrimas, muito suor e sacrifício.

O lema do Clube e de todos os que dele participaram era: “O esporte une. Participe!”

Data : 31/12/2003

Título : Cultura vêneta

Categoria: Artigos

Descrição: Na nova terra, os vênetsos receberam do Governo Imperial os utensílios para desmatar o caminho e começar a vida, ...

Cultura vêneta

SANTO CLAUDINO VERZELETI

Em 1875, iniciou a caminhada da imigração italiana em direção da América, mais precisamente, para a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, a fim de

colonizar as localidades de Conde DEu, Dona Isabel e Fundos da Nova Palmira (Pellanda), hoje Garibaldi, Bento Gonçalves e Caxias do Sul. Mais tarde, as levas povoaram também a Quarta Colônia, atualmente, Santa Maria. Ao aqui chegar, uns que outros exclamaram:

- Qui siàmo proprietàri!

Na nova terra, os vênetos receberam do Governo Imperial os utensílios para desmatar o caminho e começar a vida, derrubando a mata e iniciando a construção de suas casas, que eram de capim, amarradas com taquaras. E o fizeram, com uma foice curva e sem lâmina, um machado, uma cunha de ferro, um serrote e algumas sementes. Esclareça-se que nem todos os imigrantes receberam tais ferramentas.

A partir de 1880, os vênetos tiveram que produzir suas próprias ferramentas e utensílios, adaptando cada um deles segundo suas necessidades. As lavouras tomavam amplitude, iniciando-se a expansão agrícola e industrial, com a implantação de ferrarias.

De 1890 em diante, o comércio movimentou-se e desenvolveu a agricultura, com a parceria dos alemães, uma vez que eles já possuíam boa experiência, tendo aportado no Brasil cinquenta anos antes. Através da compra dos produtos vênetos, a moeda começou a circular e os imigrantes foram obtendo sucesso com a ampliação de suas atividades.

Ao alvorecer de 1900, a maioria já possuía estabilidade familiar com o crescimento das famílias e conseqüente mão-de-obra, que favorecia o aumento dos lucros. A indústria manifestou bom desenvolvimento e oportunizou o intercâmbio entre as localidades formadas pela imigração.

Nas horas do descanso familiar, as recordações vinham à tona, relembrando a chegada ao Brasil:

- Eviva il Brasile! Eviva illavoro!

Alguns ditos dos imigrantes italianos merecem ser transcritos, por sua originalidade:

Para viver bem e não ter problemas:

- Bisogna sempre far el passo conforme lê gambe.
- Qua se laora, ma almanco se pissa in tel suo.
- I zé pöveri mà i laora.
- I laora come i orsi, mà i gà de tuto.

Lembravam ainda que, de Porto Alegre até Conde Deu, dista mais de duas horas de vapor e doze horas a cavalo, atravessando o Rio São Sebastião do Caí.

Ainda com saudades, lembravam de Porto Alegre, a terra dos bugres (terra dei bulgari), distante de Conde DEu 2,7 horas de vapor e 12 horas a cavalo, atravessando o Rio São Sebastião do Caí. Na maioria das vezes, a viagem era feita de carroça e cargueiros, sendo as crianças carregadas em cestões (sestini) feitos de taquara, largos e fundos, que ofereciam plena segurança às crianças. Outros iam a pé ou de carroça.

Assim se referiam à sua alimentação:

- Si, si, a casa co se gà poenta e salame o poenta e formaio e um pochi de radi-ci, no oco r altro.

- Lori no i gà niente parche no i gà òrdine (Muitos são pobres por faltar-lhes organização).

O tempo deu-lhes a oportunidade de serem proprietários e galgarem posições no Estado do Rio Grande do Sul, com trabalho e garra. Por isso obtiveram sucesso e expandiram-se para outras partes do Brasil. E enviaram seus filhos para os colégios, a fim de serem doutores. Conquistaram espaço político, elegeram-se representantes de suas comunidades, ampliando os horizontes, com trabalho e persistência.

Novas cidades despontaram como pólos comerciais e industriais, multiplicando seus bens e serviços, através da nova tecnologia.

Fez-se necessário então ampliar os contatos, convênios e participações bilaterais, entre a Itália e o Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul.

Em dezembro de 2002, reuniram-se em Bento Gonçalves, antiga Dona Izabel, representantes do Vêneto, senadores, deputados e ministros, para ouvirem dos imigrantes, suas necessidades tecnológicas e culturais. Seu Ministro da Cultura, Geovanni Meo Zílio, salientou na ocasião a necessidade de se manter intacta a cultura, os usos e costumes, que na região do Vêneto e da Lombardia foram quase perdidos. Por essa razão, seus representantes pretendem resgatá-los, implorando às entidades representativas, no Brasil, que iniciem um trabalho de união e resgate das formas tradicionais de viver dos imigrantes italianos. Concitaram também ao ensino da língua vêneta no estado.

Passo Fundo não se mostrou indiferente ao apelo e tomou as iniciativas devidas para implementar o ensino, devendo iniciar as aulas ainda no mesmo ano. E, nas regiões de colonização italiana, já se possui literatura capaz de formar e dar condições de aprendizagem, com a disponibilização de dicionários e gramáticas. Entre os autores à disposição, citam-se Honório Tonial, Darcy Luzzato e Roviglio Costa.

Em 27 de setembro de 2003, houve um encontro na capital do estado, quando o Centro Cultural Ítalo-Brasileiro "Anita Garibaldi" se fez presente, através do seu presidente, Santo Claudino Verzeleti, a convite do Consiglio Regionale Del Veneto, por seu presidente Enrico Cavliere. O encontro ocorreu por ocasião da realização dell assembleia straordinaria que voltou a constituir um organismo federativo dei descendenti degli emigranti veneti, no Rio Grande do Sul. Na

oportunidade, Verzeleti recebeu o programa para o ensino da língua vêneta em Passo Fundo.

Em seu pronunciamento, o presidente Enrico afirmou que a região do Vêneto está à disposição das autoridades gaúchas, oferecendo intercâmbio cultural e comercial. Para isso deverá ser formada uma entidade representativa dos vênets e lombardos do Rio Grande do Sul, que possibilite às associações de italianos buscar recursos e firmar convênios, tanto culturais como comerciais, encurtando caminhos.

Em março de 2004, serão concretizadas as propostas e definido o objetivo da formação e aprovação da entidade representativa do Rio Grande do Sul, que deverá conter em seu bojo todas as associações e pessoas interessadas.

Em consonância com os objetivos do Centro Cultural, a revista Quatro Ciàcoe, de setembro, publicou em sua coluna Corso Sul Dialeto, um artigo que vem ao encontro dos interesses dos italianos da América, no sentido de que se mantenha viva a chama dos usos e costumes de seus ancestrais.

A coincidência é sumamente importante, já que a região do Vêneto também irá oferecer o ensino da sua língua, mediante um curso organizado pelo Departamento de Lingüística Palazzo Maldura, de l' Università de Padova e de la Region de Veneto, quando sara fato um corso de formassion per insegnanti e operatori culturali, questioni linguistiche e questioni didattiche.

Efetivamente, a Itália desperta depois de um longo tempo, e retoma aos usos e costumes dos seus antepassados.

Da revista

Água da Fonte nº 0

Data : 31/12/2008

Título : Era uma vez um templo...

Categoria: Artigos

Descrição: Em tempos idos, a professora gozava do respeito e da admiração...

Era uma vez um templo...

Em tempos idos, a professora gozava do respeito e da admiração dos alunos e colegas. Representava uma personalidade ímpar no meio comunitário, símbolo de sapiência e conhecimento. Seu modo de trajar se destacava pela elegância e altivez frente à vida cotidiana.

Dedicadas à causa da educação, com entusiasmo e prazer, as mestras não mediam esforços na educação e aprimoramento daqueles que dependiam delas, mesmo se isso lhes custasse sacrifício pessoal. Muitas vezes percorriam distâncias quilométricas, a cavalo ou a pé, até o interior dos municípios pelo Rio Grande afora. Além das adversidades topográficas, as estradas também eram péssimas, para chegar às comunidades do interior.

Mas o respeito e o carinho dos alunos, dava a elas coragem suficiente para enfrentar tais contratemplos. E, nesse afã de semear o saber, a cultura e a educação, percorriam, com outras colegas, diversas localidades. Professoras residentes em Passo Fundo deslocavam-se pela região, até Getúlio Vargas, Coxilha, Campo do Meio, Sertão, Ernestina, e outras mais.

Quantas vezes o veículo encrocava no caminho, obrigando-as a pegar carona nos caminhões que transitavam pelo interior, não raro carregados com toras de madeira. Uma delas se acomodava na cabine e as demais vinham mesmo de cavalo nos troncos.

Sem dúvida, uma vida atribulada e repleta de dificuldades. Em seus corações, porém, ardia o desejo de ensinar e melhorar a vida das crianças e da própria comunidade. Só depois de longos anos nessa maratona pelo interior, as mestras conseguiam remoção para a cidade.

Assim era a vida das educadoras, cinqüenta anos atrás, quando as madrugadas eram sinônimas de sacrifício e desprendimento pessoal. E a viagem marcada por peripécias, mas também de muita alegria, esperança, e até mesmo de elegância pessoal. Elas é que ditavam a moda da época, com seus trajes demonstrando bom gosto e cuidado com a aparência.

Hoje a situação sofreu uma mudança radical. Ao acompanhar, recentemente, no Centro de Eventos da UPF, a investidura de um grupo de Diretores de Escola, de toda a grande região de Passo Fundo, fui tomado de surpresa, ao constatar o quanto os professores de hoje foram aviltados pelos sistemas de ensino, no decorrer dos anos. A própria fisionomia dos mestres, no ato de posse, denotava preocupação ante os desafios que se impunham. Havia frustração e medo naqueles rostos. Insegurança no olhar. Pareceu-me que a vida vem corroendo os semblantes antes mesmo de o tempo executar sua tarefa. Com raras exceções, os professores se apresentavam em trajes simples, revelando até seu baixo poder aquisitivo. Não se percebia aquela empolgação de outrora, nem aquele halo luminoso que cercava os educadores de antigamente. Até alguns protestos foram ensaiados no decorrer da cerimônia de posse, ressaltando a desatenção do Poder Público com as escolas. De um modo geral, porém, reinava certa alegria e descontração, a despeito do desencanto.

Isso tudo me levou a refletir. A situação financeira e o aviltamento da profissão é uma grave questão social e familiar, em vista dos altos custos de sobrevivência impostos pelos padrões da modernidade. E a situação se agrava com o desinteresse de muitos pais que não interagem com a escola, atribuindo só aos professores a responsabilidade pela educação dos filhos.

A falta de remuneração adequada foi aviltada pelos sistemas de ensino, minguando, ano a ano, os salários de nossos mestres, é outro fator de desestímulo.

Quanto aos alunos, muitos não trazem do berço os princípios básicos de convivência e bom relacionamento. Na maioria das vezes, criados sem muitas regras, vão descarregar na escola suas frustrações e problemas mal resolvidos. Por sua vez, o Estado, enfrentará problemas cada vez mais sérios, em decorrência do caos que vem se instalando nas escolas. Arruamentos freqüentes, invasão de gangues organizadas, desacato aos mestres e condutores do processo escolar, e depredação do patrimônio público. Tudo faz parte de um processo lastimável que leva à perda dos referenciais e de perspectivas saudáveis. Trata-se, pois, de um processo que tem de ser revertido com urgência. A escola, no entanto, revela-se frágil e impotente diante da situação, que acabará por solapar os valores dela e de seus obreiros. E o prejuízo, obviamente, será da educação, dos alunos e da comunidade.

A difícil situação financeira, a remuneração inadequada, com a conseqüente perda do poder aquisitivo do professor e o aviltamento de sua profissão, preocupa todos nós, na medida de sua interferência na vida familiar, social e cultural dos mestres, e, sobretudo na qualidade do trabalho docente. Há um desprestígio generalizado da escola e dos seus agentes. Antes respeitadas como um templo sagrado, e geridas por sacerdotes do conhecimento, as casas de ensino são agora profanadas por depredações e inseguranças, quando não, feridas drasticamente em seus princípios de dignidade e valorização do ser humano.

Há que se fazer, portanto, uma reforma educacional no país, e com urgência, antes que o caos se instale, promovendo estragos ainda maiores.

Cabe a todos nós, sem distinção, apelar por essa reforma. Urge que se estabeleçam normas mais rígidas, de respeito, obediência à hierarquia, participação coletiva no processo de educar, gerenciamento da escola como um bem comunitário, não como uma empresa.

A escola precisa evoluir, moral, financeira e institucionalmente, para que o futuro não a encontre irremediavelmente comprometida.

da revista Água da Fonte nº 06

Data : 30/06/2007

Título : Eu vi o Diabo

Categoria: Artigos

Descrição: Nos idos de 1943. mais precisamente no mês de fevereiro, quando morava na Linha Garibaldina, interior da localidade de Rondinha, saí à procura de melancias no meio de um mandiocal. Após a safra sempre há as temporonas. lira a minha esperança.

Eu vi o Diabo

SANTO CLAUDINO VERZELETI

Nos idos de 1943. mais precisamente no mês de fevereiro, quando morava na Linha Garibaldina, interior da localidade de Rondinha, saí à procura de melancias no meio de um mandiocal. Após a safra sempre há as temporonas. lira a minha esperança.

Tomei o caminho que conduzia à roça, em uma estrada de chão batido que terminava no morro, com plantações de cana e mandioca, nos dois lados da estrada.

Andava de um lado para outro, investigando, e na expectativa de encontrar alguma redondinha que me saciasse o desejo e a sede.

Todo o meu pensamento se concentrava nas melancias e o impulso me fazia andar mais e mais, pois, com a caminha- da, crescia também a gula.

O calor era insuportável no meio do mandiocal. E o silêncio, absoluto, sem uma viva alma para puxar uma prosa. Ouvia-se somente o barulho das folhas da mandioca e da cana, roçando umas nas outras pela ação do vento.

Cansado de andar de lá pra cá. sentei-me sobre uma pedra por alguns momentos...

Mas logo, logo dei continuidade à empreitada e cheio de vigor, pois a sede era intensa e o calor a fazia aumentar.

O local não ficava muito longe da casa paterna, junto a um parreira! protegido por uma cerca de palanques e arame farpado.

Determinado, eu vagava sem rumo, na incansável busca da angúria (melancia). Suava como uma bica jorrando água, pois havia passado mais de uma hora, e a minha busca resultava infrutífera, embora ainda com esperança.

Em dado momento, resolvi ultrapassar um valo e passar para o outro lado da estrada, que conduzia à roça e ao morro. Após andar um tempo entre os talos da cana de açúcar, resolvi voltar novamente à estrada.

Quando saí do canavial, ouvi um barulho estranho roçando as folhas da cana. De repente, surgiu entre elas uma cabeça com dois pequenos chifres, a qual avançou para a barranca, na minha direção... Em dois segundos, passou pelo pensamento uma idéia terrível : Era o diabo! O mesmo que se encontrava no quadro da sala em nossa casa, um quadro que a Igreja mandara distribuir a todos os seus fiéis, a fim de coibir os maus pensamentos e as más obras.

Saí em disparada, em direção à casa. Como um relâmpago, pulei a cerca de arame farpado, não sei como. sem me ferir, gritando e chamando pela mãe. Em situação de desespero, só sabia gritar: O diabo! O diabo! Eu vi! Está lá!... —e apontava o local a todos que me cercaram: o pai. a mãe e os irmãos, que vieram ao meu encontro correndo e perguntando o que houve. Eu não conseguia nem mesmo respirar, pois correra uns 150 metros da roça até a casa. Imediatamente, o pai e os irmãos foram até o suposto local. Examinaram, olharam, escutaram, mas nada viram nem perceberam, a não ser uma lerneira solta no meio do canavial, junto à estrada e sobre o barranco.

As minhas pernas tremiam, e por um bom tempo achei que não me manteria de pé. A mãe se apressou em alcançar-me uma caneca d'água, enquanto os irmãos começaram a me gozar: Che paura, caro de dio! (Que medo este teu, filho de Deus!)

Mas eu vi o diabo de verdade! - exclamava ainda tremendo.

Neste meio de tempo o pai retornou, contando a história verdadeira. Tratava-se de uma novilha e não havia diabo nenhum. Enquanto isso, atordoado pela inesperada visão, sentei na varanda da casa, todo sem jeito e deveras encabulado. Que cagaço! Que sensação desagradável! Mas também, que lição de vida! Tudo por causa daquele quadro pendurado na sala... Era tão assustador que fazia a gente criar imagens estranhas no cérebro, acreditando piamente que tudo era verdade...

Hoje os nossos pensamentos são outros. As idéias amadureceram, assentando-se num patamar superior. O quadro... pura enganação para os fracos de espírito... A minha inocência atingia apenas nove anos de idade, e fora criado em pleno mato, só preocupado em ajudar os pais nas lides diárias. E a disciplina era rígida. Todas as noites rezávamos o terço em família, ajoelhados, com muita devoção e respeito.

Foi a mãe quem nos ensinou o primeiro catecismo, ainda em italiano. Quando me senti preparado, fui prestar os exames da Primeira Comunhão, com o Padre Alfredo, em Rondinha... Viajamos, a mamãe e eu, numa égua longa, durante três horas. Eu trotava feliz, pois sabia de cor esalteado o livrinho de orações e a doutrina.

Tivemos de aguardar algum tempo até o padre chamar-nos para a entrevista. De imediato, foi perguntando o que eu pretendia, por que motivo me encontrava ali.

Foi minha mãe quem respondeu: Eu trouxe o Santo, meu filho mais velho, para o exame da Primeira Comunhão! O sacerdote nos mandou entrar e a mãe lhe alcançou o livrinho já surrado no qual aprendi as regras da vida cristã.

Ele examinou e folheu o tal livro e, olhando para ela, foi logo falando: Não serve! Não se aceita mais o catecismo em língua italiana, agora é só em português. E claro que ela retornou para casa amargurada e triste. Quantas noites desono e sberloni (tapinhas leves), para que eu não dormisse, enquanto me dava aulas de catecismo!

Mais um ano de sacrifício e esforço. Enfim, depois desse prazo, a resposta do padre foi satisfatória: Agora sim! –falou o mensageiro de Deus. - E, de fato, ele sabe! - respondeu orgulhosa minha mãe.

No ano seguinte, recebi a Primeira Eucaristia, levandocomo padrinho o senhor Luiz Tartaro, casado com dona Catharina Verzeletti. Lembro que era um belo dia de sol. Com um grupo de meninos e meninas, vestidos a caráter, recebi as bênçãos do Senhor e, do padrinho, um colar de grostoli, como era costume na época. A partir daquele dia deixei de temer o diabo, pois

Deus estava comigo...

As várias faces do demônio Aproveito a motivação provocada pela passagem de minha infância descrita acima, para expor o meu ponto-de-vista sobre o diabo, também conhecido por Demônio, Tinhoso, Demo, Piedoso, Rabudo, Lúcifer, Chifrudo, Dalmon, Arimã, Behal, Asmadeu, Astaroth, Nergal, Realberth, Belzebù, Leviatan, Pazuzu e ainda outros nomes esquisitos.

Rebuscando as experiências da vida, encontrei descrições do que o diabo significa para diversos povos, edescobri que equivale sobretudo a dinheiro, inveja, ciúme eluxúria.

O Demo católico, por sua vez, é tudo o que fascina eaguça nossos impulsos. A corporificação do diabo cristão serve para coibir o sexo, considerado a sua principal armadilha.

Para o povo hebreu, Bchal era sinônimo de ira, luxúria. Deus na tempestade, enquanto Astaroth era tido como tesoureiro do inferno. Já Negai, comandava a política, para os sumérios. Baalberith era líder dos querubins, os secretários de Lúcifer, que é também conhecido como Capeta, Cão, Renegado, Coisa Ruim, Sujo e Satanás.

Belzebù estimulava o orgulho e a heresia. Considerado o príncipe dos demônios, ao lado de Leviatan.

Pazuzu, o rei dos espíritos malignos, comandava a disputa Homem/Deus, por meio das tentações e do pecado.

Tentarei explicar a seguir como age o diabo no mundo.

Enquanto o homem e a mulher, em seus sonhos, tentam saciar seu espírito com prazeres e apelos luxuriantes, os seus demônios íntimos irão satisfazer seus corpos.

A origem do demônio coincide com a aurora do ser humano. E reside nele, que é portador do Bem e do Mal.

No espírito do homem, o Bem e o Mal se apresentam casados, tudo dependendo dos atos e fatos praticados por suas fraquezas, virtudes e impulsos.

Todos os demônios do mundo foram criados pelos homens da montanha, quando começaram a viver em grupos organizados. Protegidos por muralhas de soldados, desfrutavam a vida com orgias e heresias. Atribuía-se o fim especial de ditar regras de conduta aos homens da planície, esubjugá-los de acordo com seus interesses.

O diabo vivia na montanha e era sinônimo de castigo, fogo ardente, calor e temor, enquanto na planície o homem organizado trabalhava para seu sustento e criação da família, com união e respeito a Deus.

Foram as lutas, o ciúme, a inveja, a luxúria, a desagregação familiar e outras atitudes nocivas do homem que propiciaram o surgimento e crescimento do diabo. Foi ele próprio que criou os diabos, ao tomar conhecimento de que o povo estava se desviando da verdade suprema, e o fez com o intuito de reprimir seus atos pecaminosos.

Foi assim que o diabo adquiriu força e conquistou o respeito da humanidade existente.

O homem é considerado o Y (Ypsilon) da vida.

A parte inferior, isto é, o tronco do Ypsilon, representa o próprio homem. Enquanto os traços esquerdo e direito no vértice da letra, representam o caminho a ser escolhido por ele: o da esquerda é o Mal, e o da direita, o Bem.

Conforme o caminho escolhido, sua tendência será de segui-lo até o fim, consumando a opção. Poderá ainda haver dúvida e hesitação, mas em ambos os casos irá consumá-lo. Os dois caminhos obedecem ao mesmo rito.

Uma vez tomada a decisão, por prazer, por autodefesa, por vingança ou autoestima, o homem agirá até o final do intento. Impulsionado pela força do cérebro eestimulado pelos fluidos do prazer, da dor, da alegria, acabará também por consumir o ato, exorcisando-se até o êxtase.

O diabo está dentro de nós, pronunciando-se segundo a ação a ser efetivada, por impulsos elétricos do cérebro de cada um.

Quando o cérebro ordena a produção de certas enzimas-sai da frente! -, porque o Demo vai agir, por bem ou por mal, segundo o ambiente.

O homem poderá ser pacífico ou violento, dependendo das circunstâncias e dos fatos. Uns são mais lentos, outros mais ágeis, nessa atuação. Cada caso é um caso ou... um diabo. E cada um tem o diabo que merece... O mundo está cheio de tentações, umas oferecendo mais prazer do que outras. Quanto mais difíceis, mais rudes e agressivas, mais vigorosamente age o diabo para alcançar seus objetivos.

Alguns levam muito tempo para concluir e realizar seus propósitos. E, ao alcançá-los, agem com vigor eviolência.

O Demônio continua até hoje em evidência, sendo a personificação do mal e inimigo de Deus.

A Igreja Católica mantém o dogma com firmeza. Para ela, o diabo é um ser (homem) bem real, embora em carne e osso, uma vez que se trata de um espírito do mal, suficientemente poderoso para encarnar no corpo de uma pessoa e se apossar dela.

Incorporando-se ao espírito do homem, se tornará mais fácil alcançar o que pretende.

Cansamos de ouvir da boca do povo: Ele era como um anjo, não tinha coragem de matar uma mosca. Entretanto, matou, trucidou, naquele momento de inversão do sistema de seus neurônios.

O caminho a ser trilhado, segundo a sua possessão, provoca um distúrbio físico ou mental que o fará tomar uma decisão para o Bem ou para o Mal.

Incorporar a palavra de Deus, especialmente as respostas que Jesus deu a Satanás, durante os desafios no deserto, será sempre algo surpreendente.

Aqui estão a chave e o segredo da salvação de cada um de nós. Ao surgirem pensamentos contrários à nossa índole, temos que desviar a tentação e interromper a ação do pensamento com outras ações, enveredando por um novo caminho, praticando um ato contrário e rezando.

Jesus foi submetido como homem a muitas tentações. Todavia, a força interior e a capacidade intelectual de mudar de rumo fez dele um espírito perfeito, capaz de ludibriar as tentações e seguir em frente, sem entregar-se a elas.

Antes de tomar uma decisão ou realizar um negócio, convém contar até dez, repetir o procedimento, consultar o seu ypsilon e decidir sem egoísmo.

Sobretudo, quando as tentações subjugarem o seu âmago, não duvide de que o diabo existe, e de que ele é... você. Somos todos vulneráveis, enquanto ele é inteligente e astuto. Seja vigilante e forte contra o seu próprio espírito.

Como ser concreto, o diabo não existe. Ele só está presente em nossos distúrbios mentais e nossas fantasias.

Na Idade Média, ele teve grande destaque. Quantos foram condenados à fogueira, sem causa, em nome da Cruz, pelo mau espírito daqueles que se intitulavam justos.

O homem criava regras para os outros, submetendo gente inocente ao suplício do fogo.

Na era da globalização, homem e diabo se complementam, e realizam seus propósitos sob o manto da liberdade.

O diabo, que era dotado do dom de anjo, foi expulso do paraíso e sepultado no inferno (a Terra). O melhor lugar de se viver é nesta galáxia, pois, enquanto o ser humano conviver com o temor de que o diabo existe, ele respeitará o próximo como a si próprio.

O inferno e o céu são aqui mesmo. Aqui se vive e se desfruta de todas as riquezas da terra e paga-se caro pelas diabruras que se faz.

Ele, o diabo, está dentro de nós. Convivemos com ele desde o nosso nascimento, uma vez que se transmite aos descendentes no momento da fecundação.

Homem e diabo são unos. O Demo age quando a ação do homem se torna agressiva aos outros.

Foi o medo enfrentado pelos homens que inventou o Demônio, talvez para ludibriar a si mesmo e tentar esconder suas fraquezas. A astúcia e a inteligência deles produzem imagens através de uma enzima do cérebro, que tudo vê e prove.

Quando a natureza criou o homem, deu-lhe a razão, para guiar seus passos livremente.

As forças da natureza no início viviam em ebulição e, com o passar do tempo, purificaram o espírito e aperfeiçoaram o ente humano.

Com a evolução, aconteceu a divisão entre o Bem e o Mal. A razão falou mais alto e o homem começou a pensar e criar imagens e sonhos.

Com isso, tornou-se capaz de distinguir as injúrias, maldições, pragas, raivas, e usá-las como forma de livrar-se de si e dos outros, embora, na realidade, de seja um pobre terráqueo, produto da terra (natureza), que logo o tomará de volta.

Se ele produzir bons frutos, estes irão povoar o globo. Da mesma forma, será má a produção dos maus.

O prêmio das boas ações é serem registradas no livro dos justos e lembradas pelos sucessores. E, revelando-se a vida uma constante cobrança de boas ações pela sociedade, é necessário uma admirável capacidade para corresponder a essa expectativa.

Sendo a natureza sábia, pois que tudo dá e tudo tira, segundo o comportamento do homem, se houver da parte dele desconhecimento sobre o meio em que vive, a vingança da natureza não tardará. Pelo mau uso do meio, ela produzirá fogo e vendavais que farão o homem sucumbir.

Portanto, antes de ficarmos admirando o céu esuspirando por ele é melhor que contemplemos a terra e nos integremos a ela.

Produtos do meio, fazemos parte da terra e a ela retornaremos, infalivelmente. Só o espírito escapará, quando a massa corporal se extinguir.

Quanto à violência, é inerente ao ser mortal e pode variar de uma pessoa a outra, segundo seu comportamento, mais ou menos agressivo.

A repressão, por sua vez, se encontra encravada no cérebro, tudo dependendo do grau de lesões que o psicopata apresenta.

Há mais de trinta mil anos que o homem sentiu necessidade de criar rituais, com o objetivo de chamar seus espíritos. Era uma necessidade espiritual do homem primitivo.

As figuras pintadas nas cavernas existentes pelo mundo provam que, para concretizar seus sonhos, os humanos inventaram outro ser à sua semelhança: nada mais nada menos que o diabo. Este, para saciar seus instintos e acalmar os ataques malignos, invoca os espíritos. Daí terem as pessoas se ocupado sempre com os espíritos dos deuses, invocando, em certas circunstâncias, o próprio uso de drogas, para melhor comunicar-se com eles. A fim de satisfazer seu ego, se utiliza de todos os meios a seu alcance.

Todo homem é um Xamã: indivíduo dotado de poderes sobrenaturais, capaz de ter visões fantásticas, além da comunicação com as divindades que reverencia. E, para conseguir seus objetivos, busca na natureza os meios que o fazem atingir o transe.

Da mesma forma, acredita-se no poder das plantas, com igual finalidade: levar o cérebro a viajar para outras dimensões.

De acordo com inúmeros relatos conhecidos, as plantas possuem forças sobrenaturais que curam até males físicos e psíquicos. Ouve-se que certas ervas conseguem operar milagres, propiciar vôos mágicos, viagens a outros planos do universo, bem como transportar o indivíduo para o além.

Já os primeiros habitantes do planeta demonstravam arraigada predileção ao culto do espirito. A imaginação fértil, quase sempre estimulada pelas ervas e plantas, aguçou seu pensamento. E foi com o intuito de apaziguar os espíritos (semelhantes ao diabo), que se tornaram Pajés, Xamãs, utilizando-se do transe para comunicar-se com os mortos.

No passado, a comunicação entre os indivíduos era mais próxima e direta, proporcionando apaziguamento do espírito. Isso fazia com que se sentissem mais seguros, fortese protegidos.

Desde que desceu da árvore, o ser humano teve necessidade de relacionar-se com os demais, o que fez com que seu cérebro em evolução desenvolvesse imagens mentais criasse figuras do desconhecido.

Enquanto viviam em grupo, os homens satisfaziam-se com a convivência. Viver em sociedade representava uma necessidade pessoal ou dos próprios grupos.

Nos dias atuais, apesar de todos os meios de comunicação disponíveis, eles se mantêm distantes uns dos outros, e até se esquecem de quem lhe é familiar.

Nenhuma sociedade jamais conseguiu viver sem a presença do Demônio. Como temos dito, ele convive entre nós. O próprio Papa João Paulo II reconheceu essa verdade, quando disse que "o Demônio trabalha para que o mal, desde o começo, se desenvolva no próprio homem, nos sistemas e nas relações inter-humanas, entre as classes sociais e as Nações".

A bíblia também destaca o Belzebù, no Novo Testamento, que é a base da doutrina cristã. Nela há mais citações do Mal que do Bem. Mais referências a Satã que a Deus.

A teoria do Evangelismo admite que o Mal reside nas entranhas do ser humano, como a sombra junguiana, e contesta a existência do maligno.

Para o Judaísmo, o Bem e o Mal procedem ambos de impulsos humanos. Na elite judaica, muitos rabinos acusaram Jesus de promover seus milagres sob o poder de Belzebù.

No Espiritismo, o Mal é visto como uma contingência da experiência evolutiva e das vivências terrenas de cada pessoa, e cede ao bem à medida que os espíritos se depuram através de sucessivas reencarnações.

Já no Budismo, o mal é resultado da mente inquieta ante a ilusão do eu e ante a ilusão das formas do mundo material. Daimon, em grego, significa espírito, mas a palavra foi ampliada e deturpada no catolicismo, conforme afirmam seus adversários.

Nos tempos modernos, Jeffrey Burton Russel afirma que o mundo está perdendo o senso do mal: "Sem o senso do mal, e sem temer o mal, a civilização pode desagregar-se e ir, sem trocadilhos, direto para o inferno".

Conclui-se daí que o Tinhoso deve voltar a agir sobre os entes humanos, para contrabalançar com o Bem. Possuidor que é de ambos os espíritos, cabe ao homem a decisão final sobre o caminho a escolher.

Devemos lembrar ainda que a doutrina judaica desconhecia o diabo, ao passo que a Igreja Católica adotou a crença nele e a implantou nos seus fiéis, amedrontando-os com o castigo pelos seus pecados. E como a pregação narra que ele nasceu no deserto, a única maneira de expulsá-lo é através do exorcismo.

Deus é deus e diabo ao mesmo tempo...

A essência do espírito

O pensador e escritor Frei Leonardo Boff salienta que "o espírito está em todas as coisas e todas as coisas estão no espírito".

O homem aprendeu a ler o universo, no qual tudo transmite mensagens. Tal como o Xamã, que entra em transe para ter acesso às energias cósmicas, e, através de sons, ritos e danças torna-as benfazejas para os seres humanos. Cada ser possui sua dimensão xamântica que, uma vez desperta, ajuda-o a sintonizar-se com o equilíbrio dinâmico de todas as coisas.

O citado Frei destaca que o espírito seria a parte imortal, inteligente, capaz da transcendência. Convive por um determinado tempo com a outra parte, mortal, pesada e opaca. A morte separa uma da outra, com destinos diferentes: o espírito vai para o além, a eternidade; e o corpo, para o aquém, o pó cósmico.

Em sua essência, o indivíduo busca a liberdade. Ele pertence ao quadro cronológico. Representa a expressão mais alta da vida que, por sua vez, é sustentada pelo restante do universo.

No uso da razão, o espírito da montanha se diferencia daquele da planície, isto é, do humano. A diferença entre o espírito da montanha e o humano não é de princípio, mas de grau. O princípio funciona em ambos, embora de forma diferente.

Segundo Boff, a singularidade do espírito humano é ser reflexivo e auto-consciente. Pelo espírito nos sentimos inseridos no Todo, a partir da parte, que é o corpo animado e, por isso, portador da mente.

No nível reflexo, espírito significa subjetividade que se abre ao outro, se comunica e assim se autotranscende, gestando uma comunhão aberta, até com a suprema Alteridade. Assim define o autor este processo: "A vida consciente, aberta ao todo, livre, criativa, marcada pela amorosidade e o cuidado - eis o que é, conscientemente, o espírito humano".

Com o desmoronamento da montanha, o homem aprendeu a conviver harmonicamente, e com os mesmos direitos, na evolução da humanidade.

(Santo Claudino Verzeleti é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia de Ciências Contábeis do RS; Coordenador do Grupo Pró-Memória de Passo Fundo.)

Da Revista

Água da Fonte nº5

Data : 31/12/2008

Título : Experiências de levitação

Categoria: Artigos

Descrição: Eis que, em dado instante, me senti acima do chão.

Experiências de levitação

Em novembro de 1969, recebi a visita de minha mãe, Theresa Maria Beal Verzeleti, que me proporcionou a alegria de conviver com ela, após muitos anos de afastamento, motivado pelos estudos e pelo trabalho.

Já casado e com dois filhos, essa convivência trouxe-me intensa emoção e boas lembranças, levando-me a recordar a infância vivida na roça.

Quando resolveu retornar a Rondinha, onde morava com o pai e os irmãos, achei por bem levá-la de carro, um fusca que nunca me deixava na mão.

A viagem na estrada nova, entre os municípios de Passo Fundo e Carazinho, transcorreu normalmente, na paz do Senhor. Entretanto, ao chegarmos ao trevo entre Carazinho e Sarandi, que ainda era de chão batido, dobrei à direita para contorná-lo. Inexplicavelmente, ao fazer a manobra, fui acometido por uma sensação estranha que me provocou a perda dos sentidos. Não sei dizer se foi um mal súbito ou se aconteceu algo inusitado, uma espécie de transe. Até hoje não encontrei explicação para o estranho fenômeno. Só o que sei é que fracturei a quinta vértebra lombar e fui parar no Hospital São Vicente de Paulo por um longo período. Durante essa reclusão, em dado momento, fui acometido por muita dor e febre alta. Eram quatro horas da tarde. Envolvido por uma grossa camada de gesso, tive a sensação de estar entrando dentro de mim mesmo. Uma espécie de levitação e de prazer fantástico, um conforto corporal que estaria na razão inversa da vida real. Tenho a convicção de que cheguei às portas da outra vida...

Quinze anos mais tarde, em janeiro de 1984, levado pelo prazer de viajar, aceitei o convite para acompanhar uma excursão através dos Andes, mais precisamente ao Altiplano Andino. O itinerário passava pelo vale santo dos incas,

pela torrente do Vilcamayo, e por Machu Pichu, a cidade mais impressionante do Peru.

Trata-se de um lugar esplêndido e místico. A estrada eleva-se a 3800 metros, até começar a descida. Tomamos o trem às três horas da madrugada, descendo 112 quilômetros, num desnível de 1800 metros. Nesses espaços infinitos, o tempo não conta. Margeamos o Rio Vilcamayo, onde os raios do sol se demoram nas ravinas e gargantas, até o pé das geleiras que branqueiam os cimos de seis mil metros de altitude. É assim o vale sagrado dos Incas... Foi lá em Viracocha que se criou a planta mais preciosa da América, o milho. O vale do rio perde-se nas florestas impenetráveis das baixadas, que talvez encubram o mistério da origem de seus primeiros habitantes.

À medida que íamos descendo, sentíamos o ar carregado de umidade, e pesado de odores da floresta virgem bem próxima (a floresta amazônica). A água do Vilcamayo rasga passagem através do desfiladeiro. E sua garganta desemboca, bruscamente, num vasta bacia, cercada por paredões de montanhas por todos os lados. Um verdadeiro beco sem saída. Nesse local se ergue a estação de Machu Pichu, ponto final da ferrovia.

Aos poucos fomos galgando o cume, por um caminho íngreme e difícil que vai dar ao centro da cidade, numa praça quadrangular, orientada no sentido norte/sul. Por meio de seus prolongamentos, ela divide a cidade em duas partes. No mapa, esse espaço traz o nome de Inti-pampa, que significa Campo do Sol. Escadarias e patamares levam aos edifícios, aos jardins situados mais abaixo, ao bairro dos palácios, aos lugares sagrados e aos fortes. Ergue-se próximo o mais belo monumento de Machu Pichu, o Torreão, ou torre redonda - mausoléu, talvez, - cuja base se solda às paredes da Casa da Princesa, um edifício construído com blocos de andesita branca, destinado a afrontar os séculos.

Todos esses monumentos se destacam por uma disposição retangular geométrica, e pelo aspecto severo. Austeridade pré-concebida e ausência de ornamentação distinguem tais monumentos das construções feitas pelos demais povos ameríndios. Tudo lá exprime poder, solidez, vontade de fixar-se e de manter um domínio tirânico. Seria um local de meditação, de reflexão, situado à altura das nuvens, a meio caminho da mansão dos deuses?

Postei-me entre a Casa da Princesa, a área sagrada e a casa dos sacerdotes. Em frente, deparei-me com uma elevação de pedra, com o desenho de um puma em baixo-relevo. Para que seja bem observado, a pessoa deve colocar-se diante dela, em posição ereta, observando o paredão, e gíngando o corpo da esquerda para a direita, em movimentos lentos. Observará então que o animal se movimenta. No recinto se respira realmente um ar sagrado.

Estava eu sozinho, enquanto pensava em tudo aquilo que via. E, o corpo imóvel como uma estátua, fiquei alguns minutos a refletir e imaginar. Eis que, em dado instante, me senti acima do chão, levitando, tomado de um prazer indescritível. Eu estava suspenso no ar, sem nada ver... Numa elevação equivalente à altura em que me encontrava. De repente, fui sacudido por um violento susto. Foi como acordar de um transe... O pavor que me dominou foi tanto que tratei de afastar-me, o mais rápido possível, daquele lugar misterioso...

Foi deveras um momento de transe, em que me senti flutuando, envolvido por uma energia positiva, como num passe de mágica. Sensação de bem-estar numa antes vivenciada. Um momento de êxtase sobrenatural...

da revista Água da Fonte n° 06

Data : 31/12/2008

Título : Lágrimas olímpicas

Categoria: Artigos

Descrição: Em toda disputa, os concorrentes entram para vencer.

Lágrimas olímpicas

Em toda disputa, os concorrentes entram para vencer. Tanto por seu próprio instinto de prevalência, como também por imposição da torcida, que não aceita outro resultado que não seja o êxito.

As Olimpíadas de Pequim comprovaram plenamente essas afirmações.

Depositou-se, sobre os ombros e o peito de nossos atletas, a obrigação da Medalha, a qualquer preço. Tal cobrança incutiu nos participantes uma verdadeira gana de vitória, a despeito do despreparo psicológico e, em certos casos, também técnico.

E o que presenciamos, quando a supremacia escapava do escore brasileiro, foi um mar de lágrimas. Os competidores, assediados por filmadoras e câmaras digitais, se diluíam em pranto, desolados, inconformados, constrangidos. Justificavam-se, até com sentimento de culpa, pelo dever não cumprido. A frustração foi tamanha que atingiu os próprios familiares dos atletas.

E nós, que torcemos de longe, e engolimos em seco o amargor do fracasso, quedamo-nos apáticos, procurando justificativas para os desacertos de nossos ídolos.

Já nas primeiras reflexões, encontramos um punhado delas. E foi em cima dos fatos ocorridos que cheguei às conclusões que aqui exponho.

O Brasil é um país de divisões sociais expressivas, onde as iniciativas de desenvolver o esporte partem quase sempre dos meios pobres e do próprio atleta, cuja obstinação pessoal o leva à prática da atividade esportiva por sua conta e risco. Só mais tarde terá a intervenção das respectivas entidades e das autoridades constituídas.

Na maioria dos casos, o atleta brasileiro vai para a arena, a fim de conquistar um lugar no pódio, movido apenas por sua força individual, ou patrocinado por ações entre amigos.

Enquanto isso, os outros países traçam metas a longo prazo, para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento do esporte, oferecendo a seus competidores condições efetivas de participação e êxito. Daí que seus sonhos se concretizam, com risos na vitória, sim, mas sem choro na derrota, pois entendem que é assim a regra do jogo.

Quanto aos nossos representantes na China, a emoção à flor da pele mostrou-se corriqueira. E nós vimos, cá de longe, as lágrimas rolarem de seus olhos, tanto na conquista de medalhas quanto na sua perda.

O Governo brasileiro, por meio de programas diversos, oferece bolsas de auxílio aos jovens, para estudo e pesquisa. Por que não se cria também uma bolsa destinada à prática esportiva, supervisionada pelas Federações, para aqueles que se vinculam a clubes de esporte e desejam avançar nessa área?

O município de Passo Fundo, por sua vez, possui diversas quadras para competições e jogos. Entretanto, poucas apresentam condições adequadas à sua finalidade. Todos os nossos espaços se encontram em estado lastimável, a exemplo do próprio Ginásio Teixeirinha.

Sabemos também que muitos recursos federais são desviados de seu real objetivo, qual seja, garantir o efetivo aprimoramento técnico dos atletas.

Além disso, no tocante a certos meios de comunicação, parece que sentem um prazer mórbido em imiscuir-se, com seus microfones, entre os competidores e seus familiares, ansiosos por ver as lágrimas escorrerem. Essa interferência excessiva contribui para o desfecho negativo ou inesperado, porquanto, induz o participante à obrigatoriedade de vencer.

Cabe salientar também que, ser derrotado numa prova, nas oitavas ou quartas de final, não é nenhum demérito, se considerado o grande número de concorrentes.

Mas, infelizmente, a frustração é sempre dolorosa, para o atleta que participa das provas, para sua família, os amigos e a pátria, que, distantes, torcem por seu êxito. Daí o mar de lágrimas que se esparrama pela nação inteira, tanto na vitória quanto na derrota.

Um país que pretende participar de competições do porte das Olimpíadas, deve, acima de tudo, oportunizar a seus atletas acompanhamento psicológico, a fim de motivar a criatividade, aperfeiçoar a liderança, promover a autoconfiança e a capacidade de enfrentar os desafios.

Finalmente, cumpre-me destacar que os sistemas de ensino e as próprias escolas também têm um papel a cumprir, neste contexto. Eles precisam alterar a sistemática da educação, embasando adequadamente o preparo dos participantes em futuras competições. Cabe às instituições, neste nosso país jovial e promissor, pleno de diversidades e também de valores humanos e esportivos, compensar o desleixo político e a falta de responsabilidade social.

da revista Água da Fonte n° 06

Data : 07/08/2007

Título : Liga Passo-Fundense de Futebol

Categoria: Artigos

Descrição: A Liga Passo-Fundense de Futebol – LPF – foi fundada em 08 de maio de 1940, por aficcionados deste esporte.

Santo Claudino Verzeleti (*)

A Liga Passo-Fundense de Futebol – LPF – foi fundada em 08 de maio de 1940, por aficcionados deste esporte. Sua finalidade principal consistia no desenvolvimento e cultivo do futebol amador, segundo as normas estabelecidas pela legislação vigente. Propunha-se, para isso, manter a mais completa harmonia entre as associações filiadas, as quais, por sua vez, ficavam subordinadas à fiscalização da Liga, quanto à observância do Estatuto.

A organização da entidade e a presidência, nos seus primeiros passos, coube a Celso da Cunha Fiori, que lhe deu cunho jurídico e incentivou o seu funcionamento. Faziam parte da primeira Diretoria: Delmar Sitoni (presidente), Deoclécio Rostro (1º vice-presidente), Murilo Coutinho Annes (2º vice-presidente), Antônio Augusto Correa (1º secretário),

Pedro Mencia (2º secretário), Sérgio Osório (1º tesoureiro), Leonel Ramos da Silva (2º tesoureiro), Amílcar Rostro (diretor do Departamento de Inscrições), Sady D. Vianna (adjunto do Departamento de Inscrições).

Também foram filiados à Liga, como representantes dos clubes: Franklin Mader (do Sport Club Gaúcho), Luiz Carlos de Carvalho (do Grêmio 14 de Julho), Eduardo Barreiro (do Independente G. A. de Amadores), Cantidio Lamaison (do Riograndense F. C.).

Os eventos esportivos se sucederam com entusiasmo e com a participação da comunidade, ensejando, de vez em quando, rusgas de cunho ideológico.

A mais importante missão da LPF consistiu em ampliar horizontes, criar novos valores esportivos e oportunizar aos atletas o aperfeiçoamento na arte do futebol.

Muitos deles foram posteriormente contratados por grandes equipes do Rio Grande do Sul e de outros Estados do Brasil, graças à seriedade com que eram treinados e disciplinados.

Entre os presidentes que dirigiram a Liga, destacou-se Armando Cavalcanti, pela imposição de rígidas normas disciplinares, quando mais de quarenta clubes participaram do campeonato varzeano. Criou-se, em sua administração, o

Projeto Dente-de-Leite, que obrigava a cada clube inscrever também um atleta mirim. Por mais de seis anos, a liderança desse dirigente movimentou o desporto da cidade e da região. Depois dele, assumiu a direção Santo Claudino Verzeleti, dando continuidade ao trabalho.

Posteriormente, em virtude de divergências políticas entre Cavalcanti e o então prefeito Fernando Machado Carrion, a Prefeitura Municipal, através do decreto 108/ 82, retomou o campo Delmar Sitoni. Com o ato, a Liga ressentiu-se da falta de um local público apropriado para os jogos, não restando alternativa ao presidente em exercício, senão a criação de uma categoria nova, fora daquele estádio, a qual se tornou a 2ª divisão do futebol varzeano. Cada clube filiado obrigou-se a improvisar seu campo de futebol, administrar os jogos e pagar a arbitragem. À LPF coube elaborar o regulamento disciplinar para as competições e realizar a supervisão geral. Para dar oportunidade e incentivo aos clubes, houve entendimento de que desceriam dois clubes da 1ª divisão, e da 2ª subiriam dois.

Até os dias atuais, a LPF sofre o prejuízo de não dispor de um campo próprio, embora o Delmar Sitoni tenha sido construído para o futebol varzeano, como muito bem identificam as placas afixadas no portal de entrada. Numa delas se lê: “Novembro de 1968 – um sonho do futebol menor que se torna realidade”. Na outra, colocada pela administração Mário Menegaz: “A gratidão do futebol menor”.

É lá, por certo, o verdadeiro lugar do Dente-de-Leite. A bem da verdade, entretanto, é forçoso reconhecer que o referido estádio não está cumprindo com suas finalidades, pois houve a interferência de interesses políticos que falaram mais alto.

Em vista das circunstâncias, Verzeleti, o presidente de então, empenhou-se em conseguir outro campo para a Liga, obedecendo aos critérios determinados na sua criação.

E, após longo período em busca de recursos, logrou êxito e fez a aquisição de uma área no Parque da Roselândia.

Com a construção da quadra, efetuada na administração do prefeito Júlio Teixeira, a Liga Passo-Fundense de Futebol resgatou o direito e o desejo de oferecer um futuro melhor para seus atletas, com a retomada da história interrompida.

Nas proximidades, foram construídas também quadras para futebol sete e vôlei, área verde abundante e um lago para uso dos associados. Mas não faltou, da parte de alguns passo-fundenses menos idealistas, o invejoso empenho em paralisar a continuidade e a conclusão das canchas esportivas. Em decorrência, e ainda por outras razões pouco louváveis, a LPF entrou novamente em declínio. Lamentável para o esporte amador de Passo Fundo, e para os desportistas abnegados (Jorge Duarte, Roberto França, Helio Toldo, Pedro Kurtz, Francisco da Silva e Raul Matte), que nunca mediram esforços na batalha diuturna de vê-lo expandir-se, e desejosos de formar jovens identificados com os nobres valores que emergem das quadras.

Data : 30/11/2004

Título : Nanetto Pipetta: 80 anos de sonho e realidade

Categoria: Artigos

Descrição: Pretende este trabalho levar ao conhecimento dos leitores da Revista "Água da Fonte" a realidade vivida por nossos imigrantes italianos.

Nanetto Pipetta: 80 anos de sonho e realidade

SANTO CLAUDINO VERZELETI

Pretende este trabalho levar ao conhecimento dos leitores da Revista "Água da Fonte" a realidade vivida por nossos imigrantes italianos.

Em 1860, a Itália tinha 30 milhões de habitantes. Nanetto Pipetta retrata os 17 milhões de italianos que, de 1860 a 1914, famintos, emigraram para diferentes países. No mesmo período emigraram também outros 30 milhões de europeus, povoando diversos países, como é o caso do Brasil, de diferentes etnias e culturas.

Dos 17 milhões de italianos que emigraram nesse período, um milhão e meio escolheu o Brasil para satisfazer o sonho de seu estômago de encontrar uma mesa farta que lhe saciasse a própria fome. Assim, nos últimos dois séculos, cerca de 50 milhões de italianos se fizeram cidadãos do mundo. Deixaram a Itália da "emigração e da expulsão, que hoje se volta para o mundo dos seus descendentes, camuflada em Itália de atração".

Em 1877, a Itália, pequena, desorganizada e pobre, dava seus primeiros passos. O jovem reino fora proclamado há 16 anos (1861). E há 7 anos Roma se tornara sua capital (1870). A malária ainda matava 40 mil pessoas por ano (também Cavour morrera de malária), enquanto a pelagra matava 100 mil. A cólera, de 1884 a 1887, dizimou 55 mil.

Estatísticas oficiais falam em 400 mil mortes por ano, metade das quais eram crianças com menos de cinco anos, devido à comida escassa, à falta de higiene e de médicos.

No momento da unificação (1860), a Itália contava com menos de 400 mil operários, com poucas fábricas e o artesanato em crise. Roma possuía 180 mil habitantes. Nápoles, extraordinária e miserável, era a segunda cidade da Europa, com 430 mil.

Em 1887, a Itália podia ser considerada um país sem esperanças, ainda com 30 milhões de pessoas, das quais 21 milhões de agricultores. Estes continuavam usando o rudimentar arado utilizado por Cincinato, dois mil anos antes. A

pesquisa agrária, dirigida pelo católico moderado Jacini, várias vezes ministro, e realizada no período compreendido entre 1811 a 1886, demonstra “uma Itália austera, de necessidades, com falta de dinheiro para remédios, roupas com sucessivos remendos, doentes em manjedouras, e porcos dentro de casa como membros da família”. Vender os filhos era prática difundida no Norte e no Sul da península. Em Altamura, na Puglia, todos os anos na Feira de 15 de Agosto, meninos eram postos à venda como mercadoria. Para 17 milhões de italianos e tantos outros milhões de europeus, corajosos aventureiros de barriga vazia, Nanetto Pipetta é o precursor da "cocanha" (fortuna), primeiramente sonhando encontrá-la pronta, mas descobrindo, depois, que ela só poderia ser formada pelo trabalho.

Nanetto Pipetta partiu da Itália como um herói ao avesso, herói com fome, saindo de um país sem comida para todos; herói com vontade de trabalhar, deixando um país sem terra e trabalho para 21 milhões de agricultores...

Ele se fez cidadão do mundo, esperando encontrar a "cocanha". Em seu poder, apenas a vontade férrea de fazê-la onde encontrasse espaço para concretizar suas idéias de abundância e mesa farta.

Com os braços livres e o coração repleto de sonhos, Nanetto descortinou a esperança. "Centenas de milhares de italianos viviam ainda em grutas ou em cabanas sem janelas, feitas de ramos e barro. Dezenas de milhares de famílias ainda viviam em condições alucinantes, nos úmidos "bassi" de Nápoles ou nos "sassi" de Matera, escavados na rocha, em bairros operários das cidades, nos quais, segundo dados do censo de 1879, havia uma densidade populacional de dez pessoas por cômodo" (Deliso Villa, em *Storia Dimenticata*).

Frei Paulino Bernardi, em sua obra contando a vida de Nanetto, como em geral os demais descendentes, descreveu as dificuldades iniciais: casa provisória, com comida escassa, falta de ferramentas, de sementes, de remédios, de médicos, de escola e capela, enfim, uma América ainda inexistente, que era ilusão pensar encontrar, mas possível, com muito trabalho. América dos sonhos que, em 129 anos, floresce em diferentes realidades, segundo a cabeça e os braços de cada um.

Frei Paulino, filho de Antônio Bernardi e Elisa Polesso, nasceu na Capela São Bartolomeu, da 9ª L. Léguas de Caxias do Sul, a 21 de dezembro de 1903, 16 anos depois de chegarem as primeiras famílias de imigrantes.

Antônio Bernardi deixou sua família na Itália e embarcou para a América, chegando em Caxias a 17 de abril de 1879, junto com a família do tio Matteo, que faleceu algum tempo depois, e Augusta Bernardi, que se tornou a proprietária de meia colônia do lote 105, fato que vai colocar Nanetto às voltas com o pagamento de meia colônia. Frei Paulino tinha mãe padovana e pai trevisano, por isso, em Nanetto, privilegia os dialetos de Pádua e Treviso. O herói italiano nasceu em Veneza, mas de Veneza o autor só fala no Canal Grande (canalasso) e no campanil de São Marcos; morou num conjunto de casa e cozinha, separadas; buscava água na fonte; possuía uma cabra. Lá as casas eram de vários andares, não havia fontes nem terrenos para criar cabras. Mas tudo isso se refere a Veneza, leitores... embora Frei Paulino tenha usado a paisagem do Rio Grande do Sul, para fazer-se entender pelos leitores. Frei Paulino também não define a escolarização de Nanetto, que escrevia com fórmulas conhecidas. Veio de Veneza, mas desconhecia a navegação. Tinha

pouca noção de dinheiro em uma terra de comerciantes. Mas sabia nadar. E em Rio Grande, porque era clandestino, saltou do navio e alcançou a praia, a nado, mas viria a perecer miseravelmente, como herói ao avesso, no Rio das Antas, agarrado a um tronco. Sabia atirar com funda. Porém como atirar com funda em Veneza? Sonhava dar um automóvel aos pais, quando o automóvel ainda não se popularizara, além de que em Veneza, não existiam automóveis. E se existissem, para que serviriam onde não havia estradas?

Antes de varar o oceano, Nanetto nunca conseguira saciar a fome. Essa a característica da imigração, que Frei Paulino apresenta com todo o realismo. Nanetto deixou sua família e aldeia compelido pela fome. E hoje, os sofridos pioneiros, filhos da fome, são 60 milhões de construtores do progresso, que assinalam a presença da Itália no mundo, preocupados com o futuro de sua pátria de origem, em acelerado processo de recuo demográfico.

Realidade e imaginação

Ainda que tivesse nascido em Veneza, Nanetto se desloca sem medo pelas matas brasileiras, onde começava a confusão entre a realidade e sua exacerbada imaginação. Ele não se expressava por meio de histórias tramadas, mas suas palavras apontavam para a presença da família, da religiosidade, da ética, da experiência e da sabedoria acumulada nos embates da vida.

Quando precisava dar-se importância, falava português, porque sabia que, no Brasil, tudo se decidia em português. Arremedava o italiano gramatical, ao referir-se à oficialidade italiana, que se sentia sadicamente feliz em despachar, pelos caminhos do mundo, a famosa "tonelada humana".

Quando foi registrar o Nanetto, seu pai o fez solenemente, acompanhado da esposa. Dirigiu-se ao Sindaco (prefeito) de Veneza e, enfaticamente, cumprimentou-o como Signor Cínico (alfinetando a oficialidade) o qual, no caso, representava todos os cínicos do poder político e econômico, que provocaram a emigração em massa, protegida apenas pela Igreja, sua vanguarda e evangelizadora no mundo, como acenaria o apóstolo dos emigrantes, Dom João Batista Scalabrini, o inventor da igreja tanto emigrante, como imigrante e migrante.

Nanetto demonstrou a dupla situação de ridículo do imigrante italiano: no Brasil, precisava falar português para ser ouvido, e da Itália foi despachado em italiano oficial. Nanetto Pipetta não é um livro de história, de estórias, de contos ou poemas. É tudo isso ao mesmo tempo. Concretamente, trata-se de um romance lingüístico, capaz de mostrar em cada palavra ou frase um traço antropológico e histórico, com privilegiada ironia social e religiosa.

Nanetto é a língua, fez uma língua, sonhou com uma língua e imortalizou-se na primeira história saída da cabeça de um ficcionista, que se aliou à história e à palavra de cada sujeito da mesma panorâmica antropológica. Nanetto encaminhou a imigração italiana no mundo com roupagem própria, social, política, filosófica e religiosa, e com palavras adequadas a expressá-la. Nanetto é uma cultura e uma linguagem. Uma obra aberta que vai sendo construída, de forma lúdica, ora bem sucedida, ora azarada, ora trágica, mas sempre

empolgando... Características do italiano que se realiza através do exagero - dos braços trabalhando, do estômago comendo, da voz cantando, e da paixão, em forma de arte, sexo e religião.

O forte do Nanetto é a ingenuidade esperta, o pitoresco, que vê as realidades conforme seu imaginário de como deveria ser, e expressa as contradições através do ridículo verbal. No sabor verbal está a força de Nanetto. Cada palavra é uma história e um romance. Traduzido, se torna tão ridículo quanto a ridícula (no pensar da elite italiana) emigração que retrata. Embora os muitos sonhos afogados no Rio das Antas, sobrevive a honestidade da família, que manda o Nino, irmão de Nanetto, a pagar parte da meia colônia que ele comprara, sua "cocanha" quase alcançada.

Nanetto era católico praticante, de missa e orações. Rezava em latim, mesclado de italiano, mostrando que a fé não se confunde com palavras, mas é vida e relação com Deus. O latim e o italiano oficial ficaram com os "signori", na Itália. O imigrante preferiu trazer a fé, à qual emprestava o colorido e a roupagem de sua ingenuidade, confundida com ignorância pelos sapientes, que nunca puxaram a enxada, nem mesmo desfilaram as contas de um rosário.

O quadro era tão pungente para os pobres que só restava fugir da fugir da Itália. Em situação de miséria, não havia outra escapatória senão emigrar o mais rápido possível, antes que o inverno batesse à porta. Entre os camponeses, dizia-se: "Viça V América e muòiano i signori" (Viva a América e morram os patrões!). Ampliando este pensamento, o poeta Berto Barbarini assim escreveu:

E i conta frea de tutti - in quanti sio?

Apena diese, Che pol far strapasso;

Il resto donne coi putini in braso,

El resto venci e puteleti a drio.

Ma a star quà, no se magna nò, perdio,

Bisognarà pur farlo sto passo,

Se Pinverno el ne capita col giasso,

Pori nualtri, el ghe fà um desio!

Dentro Potobre, carghi de fagoti,

Dopo aver dito mal di siori,

Dopo aver fusilà ter quatro goti,

Co la testa sbalota, imbrigata

I se dà du strucuni in trà de lori

Etonteando i ciapa su la strada.

Tradução:

"Fazem verificação, quantos são?

Apenas dez que podem fazer algo!

O resto, mulheres com crianças nos braços,
O resto, velhos e crianças, ao redor.
Mas, ficar aqui... Não se come, barbaridade!
E preciso dar o grande passo.
Se o inverno chega com gelo,
Ai de nós! Todos, vítimas duma calamidade!
No mês de outubro, carregados de embrulhos,
-Amaldiçoados todos os patrões-
Após dois ou três copos,
A cabeça estonteante, embriagada,
E, cambaleando, começa a caminhada.
Quando aqui chegaram, os imigrantes assim se pronunciaram, sobre a maldição
do ódio, da raiva e do rancor:
I siori porta sassi
Lêsiori porta malta,
Chi vol andar im Mèrica
Chelàistarà bem.
Noi italianijavoratori
Alegri, andian in Brasile
E voi altri, d'Italia signori
Laoratelo il vostro badile.

Tradução:

Os patrões carregam pedras,
As damas carregam massa,
Quem quiser ir para a América,
Por lá, vai passar bem.
Nós, italianos, trabalhadores,
Alegres, vamos pro Brasil.
E vocês, da Itália senhores,
Arranjem-se... no cabo da pá!
Concluimos, reconhecendo que a saga de Nanetto Pipetta diz um pouco de
todos nós, que almejamos vencer, criar o próprio caminho, na alegria e na dor.

Bibliografia

Vita e Stória de Nanetto Pipetta.

Nanetto in meso i bulgari.

Nanetto in strada.

Jornal "Correio Rio-Grandense".

(Santo Claudino Verzeleti é titular da cadeira 27 da Academia Passo-Fundense de Letras e preside a Academia dos Contabilistas do Rio Grande do Sul.)

Da Revista

Água da Fonte nº 2

Data : 31/07/2005

Título : Nanetto – uma utopia em construção

Categoria: Artigos

Descrição: Nanetto deixa a Itália aos 13 anos. Toma o trem em Veneza e vai até Gênova.

Nanetto – uma utopia em construção

SANTO CLAUDINO VERZELETI

Nanetto deixa a Itália aos 13 anos. Toma o trem em Veneza e vai até Gênova. Lá embarca como clandestino num navio com destino à América.

A viagem de 30 dias termina em Rio Grande, que o aventureiro Nanetto Pipetta descreve com algumas colinas e casas. Nessa cidade gaúcha, joga-se à água e, nadando, chega à terra, andando até encontrar uma família de italianos, que lhe permite secar a roupa e matar a fome.

Inicia sua vida de trabalho na nova terra, como madrinheiro, mas logo se desencanta, pois a tarefa é dura. Abandona a tropa, sem importar-se para onde iriam dirigir-se os animais.

Na fuga encontra um casal de negros e junto deles vive sua primeira experiência com o chimarrão, que o desilude de vez. É tempo de pinhão, que lhe vai muito bem. Trabalha com os negros, mas o pernoite o deixa apavorado. Não gosta de dormir no galpão, e ele foge novamente, terminando na casa de Berto, onde permanece por um ano, aproximadamente. Quando recebe o dinheiro como pagamento dos serviços prestados, Nanetto joga-se no mundo, enfrentando uma

série de contratempos. Ainda por cima, sofre o azar de quebrar uma perna. É a segunda vez que isso lhe acontece. Ao ser socorrido, vê-se imobilizado e conduzido a Porto Alegre, onde permanece por 40 dias hospitalizado. Mas nosso herói nada comenta sobre a capital do estado.

Então Frei Paulino, na sua narrativa, resolve encaminhá-lo para as colônias: Caxias, Conde DEu e Dona Isabel.

Ao chegar a Caxias, antiga Campo dos Bugres, Nanetto está com 15 anos. Passa a viver a aventura dos bugres e novamente quebra a perna, seguindo-se novas aventuras na companhia dos negros.

Recuperado, embrenha-se pelo mato e vai trabalhar com os engenheiros. Assiste a um tremendo vendaval, coisa comum na época, e assume a cozinha do acampamento. Frei Paulino relata detalhes que não se encontram usualmente em outros autores, como a importância da caça no trabalho da medição das terras.

Por dois anos, Nanetto desempenha a contento a sua função. Recebe alguns trocados, e parte em busca de quem lhe tire uma fotografia. O sonho dourado do jovem imigrante era ser fotografado.

Termina na casa de Andolo, pai de Gelina. Viaja a São Sebastião do Caí, vendendo ovos. Sim, vender ovos expressava segurança, abundância e sucesso pintando ... Torna-se noivo de Gelina, por quem é correspondido, e vai para o Rio das Antas, onde trabalha para adquirir a sua meia colônia, a fim de dar início à sua verdadeira e sonhada cucagna. É neste lugar que a morte o surpreende, ao atravessar o rio num caíque. O filho da gloriosa Veneza, marinheiro nato, afoga-se, após muitos brados de socorro a todos os santos. E sem extrema-unção (o cristão ao avesso)! ... O narrador da vida de Nanetto assegura que a morte ocorreu no passo velho do Rio das Antas, entre Bento Gonçalves e Veranópolis.

Em que capítulo da história da colonização pode-se situar Nanetto?

O escritor Frei Paulino publicou seu Nanetto, em 1924-1925, Elaborou a obra por etapas, e acompanhou com interesse a sua repercussão.

Os imigrantes italianos consideram sua data básica de chegada ao Brasil o dia 20 de maio de 1875. O ponto alto da imigração se dá em 1914, quando cerca de 70 mil italianos se estabelecem no Rio Grande do Sul. A história de Nanetto, portanto, deve situar-se entre esses dois extremos. Há, na descrição do trabalho realizado com os engenheiros, quando Nanetto era o mestre-cuca, uma referência que é fundamental. Em Caxias, ele trabalhou na demarcação de terras. Segundo Dom José Barea, o povoamento de Nova Pádua se completa por volta de 1885, o que dá a entender que a demarcação era fato praticamente concluído. O jovem deixa a comissão dos engenheiros com 17 anos, em 1885, o que significa que ele nasceu em 1868, e partiu para o Brasil em 1881, chegando em Caxias quando já estavam povoadas as primeiras léguas de terra.

Peripécias junto às famílias Italianas

Frei Paulino não situa as aventuras do seu herói nos centros ou vilas, embora em uma delas ele se faça retratar, com ufanía.

As peripécias são todas isoladas, no interior, entre as famílias de colonos. E a maior parte não se dá na roça, mas no mato. É que tudo estava ainda por fazer.

A morte de Nanetto se dá aos 18 ou 20 anos, e o final de sua vida seria em 1886 ou 1888. Naturalmente, o narrador não cuidou desses detalhes. Sua pretensão foi apenas contar como era a América, em contraposição aos romances que corriam a Europa. Serviu-se das narrativas familiares transmitidas oralmente, e foi extremamente feliz ao situá-las no tempo.

No capítulo 47, Nanetto tenta promover-se diante de Gelina. Ao ir à missa, a cavalo, decide fazer uma gauchada. Pena que o autor não descreve as relações mantidas pelos imigrantes com brasileiros do campo, os serranos. O italiano manteve as melhores relações com os campeiros, nome que designava os fazendeiros. O homem que andava a cavalo, pilchado, impressionou, favoravelmente, os trentinos, vênets e lombardos. Tanto isso é verdade, que os três pioneiros - Radaelli, Crippa e Speráfico - se fizeram retratar em trajes gauchescos.

O aventureiro Nanetto assimila imediatamente os costumes da terra. Gosta do cavalo e de participar de alguma carreira. Simples manobras de equitação agradavam-lhe sobremaneira, e faziam-no sentir-se muito importante. Já não se pode dizer o mesmo em relação aos negros. Estes não andam a cavalo, não vestem ponchos esvoaçantes, moram em casebres (ranchos), no meio do mato. Sua situação econômica era inferior à dos imigrantes. Frei Paulino cita um negro especial, um bel negreto, com um espadagão à cinta e uma pistola, fato comum nos primeiros tempos da colonização.

O italianinho teve dois encontros com os negros. O primeiro foi mais amistoso. O negro conhece algumas palavras em vênets, o que faz supor um contato anterior. Foi nessa oportunidade que aconteceu a cena do chimarrão, desastrosa para o nosso personagem.

Outro aspecto importante consiste no fato de que a negra, carregando nas costas um negreto, não prima pela limpeza. Também se revela curioso o tratamento dispensado ao negro, tratado como sior Juca (senhor Juca). Após um dia exaustivo de trabalho, o Juca elogia Nanetto, dizendo que ele trabaiô bem.

Os três, o casal e Nanetto, dormem sobre peles de animais. Isso desgostou profundamente o jovem italiano, tanto pelos percevejos que o incomodaram a noite toda, como pelo mau cheiro daqueles forros. Note-se, no entanto, que, apesar de veneziano, ele não estranha o negro, em seu primeiro contato com ele. O que se deve, talvez, ao fato de que na colônia já existia certa familiaridade entre as raças.

O segundo encontro com os negros dá-se no episódio do roubo do dinheiro. Não foi um preto como o sior Juca, mas um moro (moreno), isto é, quase preto. O conceito do imigrante em relação ao mulato tem sido mais preconceituoso que em relação ao negro.

Ainda que o preto e o mulato sejam mantidos em situação secundária, a fé dos imigrantes no arasi do simaron (cerimonial do chimarrão) é muito grande. E não há nisso contradição. O colono, perdido no meio da mata, longe dos seus padres, dos sacramentos e das rezas litúrgicas, sentia-se atraído pelos curandeiros e benzedeiros. Nanetto, por sua vez, era também um bom cristão e praticante da fé.

E quanto ao trabalho?

Bem, ele veio da Itália com 13 anos. Em Veneza, não teve oportunidade de trabalhar, como aconteceria se tivesse nascido em Vicenza, Belluno ou Treviso. Nas famílias da colônia italiana no Brasil, a criança é acostumada à lida desde cedo. Aos 10 anos, já está na roça, auxiliando os adultos. Nanetto, porém, não poderia demonstrar muito entusiasmo pelo trabalho. Sua disposição era ficar na primeira casa que o acolhesse. E tratar de ir juntando seu pé de meia e preparar seu futuro. Frei Paulino não poderia apresentar um personagem que fosse um exemplo de trabalho. Se desse ao aventureiro de além-mar essa qualidade, ele seria certamente um tremendo capinador, um roçador de mão cheia, um ceifeiro incansável de trigo. Dessa forma, as aventuras não aconteceriam e descaracterizariam por completo o exótico personagem.

De outra parte, se ele fosse um vagabundo, cairia logo no ridículo, e o leitor reagiria negativamente. Por isso o autor resolveu o problema criando um "herói às avessas", e o fez muito bem.

Mesmo tendo altos e baixos, Nanetto tende a melhorar e adquirir as qualidades básicas de nosso colono, uma das quais, evidentemente, é a disposição ao trabalho, o apego pela lida dura, física, braçal, como é o serviço na lavoura. O narrador não teria outra escolha senão seguir por este caminho, situando as aventuras num tempo muito distante. É evidente que, neste caso, não precisaria de um aventureiro para movimentar a sua narrativa.

Afirmção da Identidade do italiano agricultor

Os contraditórios e o surpreendente na história - que são a política, a religião, a família, o trabalho, a fortuna - dão colorido à, primeiramente sonhada, depois saudada, América.

Frei Paulino escreveu, em 1924, seu Nanetto Talian, na língua integrada pelas diferentes falas italianas não oficiais. Adiantou-se à celebração do cinquentenário da imigração italiana, que aconteceria no ano seguinte, voltada somente aos vencedores na indústria, no comércio, nas profissões liberais, respaldados pela Itália oficial. Tais comemorações silenciaram e esqueceram completamente os então ditos colonos, que foram e continuam sendo a marca da imigração italiana e das demais correntes européias que se radicaram no Brasil.

Nosso jovem Nanetto, herói de dois mundos, é a afirmação da identidade do italiano agricultor, e a figura representativa de todos os italianos e europeus pobres, que, a partir de 1875, invadiram o mundo, com a missão de imprimir, na alma da humanidade, a mística da solidariedade e da fé.

Ele é um sonho, uma utopia e uma realidade em construção, presente em cada descendente de imigrante. Desde 1999, o jornal Correio Riograndense vem publicando El Ritorno de Nanetto Pipetta, escrito por Pedro Parenti.

E a história continua sendo construída e narrada. Roviglio Costa é outro incansável defensor da cultura italiana e da língua taliana, nosso dialeto cultural, que soube muito bem, aqui em nossas plagas, congregar todos num único ideal: trabalhar, criar a família, dar cultura aos filhos e conquistar espaços de participação na sociedade.

(Santo Claudino Verzeleti pertence à Academia Passo-Fundense de Letras, cadeira 27, cujo patrono é Ana Luiza Ferrão Teixeira.)

Da revista

Água da Fonte nº 3

Data : 31/07/2005

Título : O homem está perdendo o pátrio poder

Categoria: Artigos

Descrição: A mulher de hoje é independente e quer informações de verdade, ...

O homem está perdendo o pátrio poder

SANTO CLAUDINO VERZELETI

O homem está se afastando da condução e defesa da família. Antes a realização da mulher se resumia a cuidar dos filhos e do marido. Hoje, ela começa a determinar o compasso dos negócios e controlar os passos do antigo machão. O mercado de trabalho abre espaço cada vez maior para as mulheres, pela omissão do próprio homem. Talvez seja uma reprimenda por suas ações no passado.

O Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos) revela que, nos últimos onze anos, 12 milhões de mulheres entraram no mercado de trabalho. Além de cuidar dos afazeres domésticos, elas saem em busca do sustento da casa e da família, enquanto ele, o zangão, cada vez mais impotente e incapaz, acomoda-se em tarefas outrora femininas, quando não se submete à rotina vazia dos botequins.

Seja para sustentar suas famílias ou para se tornarem independentes, trabalhar fora passou a fazer parte do dia-a-dia das mulheres. Segundo o IBGE, elas ainda ganham menos do que o homem. Entretanto, conquistam diariamente posições numéricas e qualitativas e, no final da década e do século passados, começaram a assumir postos-chave, cargos de chefia, conseqüentemente, com melhor

remuneração. É só uma questão de persistência, e elas ultrapassarão logo o parceiro, também quanto ao rendimento financeiro de suas atividades. Como diz minha prima: "Ser persistente e jamais entregar os pontos é um dom pra lá de especial da mulher". É por isso que elas não abrem mão de nenhuma das funções que vêm conquistando ao longo dos anos.

Nos grandes mercados de cosméticos, elas ocupam mais de 65% das vagas. Nos supermercados, 85%, nas lojas, 90% ou mais.

A mulher de hoje é independente e quer informações de verdade, para ficar ainda mais antenada e sintonizada com o mundo. O homem, por sua vez, vem se omitindo em sua responsabilidade do pátrio poder, faz corpo mole e vai perdendo o espaço que, historicamente, foi dele. Os jovens também não refletem sobre o momento atual, que está mudando o foco das relações familiares.

Igualmente em relação ao lazer, ao estudo e ao sexo, a mulher vem se tornando mais senhora de si. Se é capaz de sustentar-se, tem o direito de ser dona de suas ações. A dedução é óbvia. E, enquanto o homem continua alimentando preconceitos antigos, ela vai galgando posições em todas as esferas. E ainda possui a seu favor a aptidão para exercer os ofícios, tanto no lar, como no comércio ou em qualquer outro posto.

Mulher moderna é aquela inserida no mundo. Aquela que freqüenta ou usa o que é fashion, antes de se transformar em fashion. Ela se antecipa às situações, sabe das novidades, é bem informada, mesmo sem ter viajado. E consegue conciliar muitas tarefas sem fazer disso um drama. Dá conta de tudo, sempre com seu jeito especial. A mulher de hoje está rompendo barreiras e tabus para chegar onde quer. E isso é muito importante, pois assim ela não estaciona no tempo. Está sempre evoluindo.

A informação é a peça chave para uma mulher ser atual. Isso significa participar e buscar sempre um lugar na fila, e competir de igual para igual com o seu concorrente masculino.

Quanto ao homem moderno, é claro que não pode dar vexame. Tem que ser atento ao mundo e à nova "alma feminina", além de tentar compreender as mudanças que a atingem. Também nossos jovens estão numa dormência de limbo, quase alienados às transformações, que são visíveis e rápidas.

Em síntese, o progresso vem encurralando todos e exigindo escolhas seletivas, tanto domésticas, como profissionais, sociais e afetivas. Urge que o homem, o antigo detentor do poder, e as novas gerações que vêm surgindo, aprendam a enfrentar e lidar com as novas relações criadas pela sociedade e, sobretudo, com a nova mulher.

(Santo Claudino Verzeleti é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e secretário geral do Centro Cultural Ítalo-Brasileiro Anita Garibaldi.)

Da revista

Água da Fonte nº 3

Data : 30/04/2006

Título : O segredo dos Incas

Categoria: Artigos

Descrição: Estávamos a quatro mil metros de altitude. Num trajeto de 112 km, descemos 1.800 metros.

O segredo dos Incas

SANTO CLAUDINO VERZELETI

Estávamos a quatro mil metros de altitude. Num trajeto de 112 km, descemos 1.800 metros. Em todo o percurso, surpresas e mais surpresas. Sobretudo pela falta de segurança dos passageiros, uma vez que os roubos eram constantes.

De qualquer maneira, o trem deslizava montanha abaixo, até o último refúgio de Manco Capac.

Trata-se de um vale verdejante, oposto a tudo quanto se viu até aquele momento. E a verde bacia do Anta, antigo campo de batalha em que se defrontaram Incas e conquistadores. Ela se lança no Vilcomayo, que vai se perder, a milhares de quilômetros dali, nas águas do Amazonas e do Atlântico.

Lá o tempo não importa. História e calendário são noções desconhecidas. Constantes são as fontes de águas termais ao longo do caminho, por um cimo de 6 mil metros de altitude. Esse é o vale sagrado dos Incas, onde o Viracocha criou a planta mais preciosa da América, planta essa de nossa referência nos dias de hoje, ou seja, o milho, que em nenhum outro lugar do mundo brota com igual vigor. Constatamos pés de milho com mais de 4 metros de altura, dentre 32 espécies cultivadas pelos Incas.

Perto dali, nas encostas, existem muitos diques de correção do curso do Rio Vilcomayo (ou Vilcanota, ou Amazonas), com águas turvas e violentas, que desce com uma força incomum, levando detritos de toda espécie, polindo seu curso de pedras, às vezes invadindo as plantações. O vale do Vilcanota perde-se nas florestas impenetráveis das baixadas, onde talvez se esconda o mistério da origem de seus primeiros habitantes.

Por fim, alcançamos a estação que dá acesso à montanha. Após uma pequena ponte, um microônibus nos aguardava, para levar-nos às obscuras origens de Ollantaytambo. O ar se mostrava carregado de umidade, espesso de odores da floresta virgem bem próxima dali. O calor era opressivo e zumbiam milhares de

insetos. Os vales, segundo informação dos nativos, eram infestados de mosquitos, bichos venenosos, aranhas e serpentes.

Da estação Machu Pichu, beco sem saída onde os vales se unem, surgiam gargantas de toda espécie. Um fulgor de coisas diferentes e uma sensação estranha nos dominaram. Para observar o cimo da montanha, era necessário quase virar-se de costas. Muitas nuvens carregadas investiam contra a montanha.

Uma avalanche de idéias logo nos assaltou, à vista de Tiahuanaco. Como se explica a invasão de Machu Pichu pelos espanhóis, sem nunca terem ouvido falar desse lugar? Talvez Machu Pichu fosse residência inca, e como os povos que viviam ao redor odiavam os Incas, pelos pesados tributos que lhes impunham, cogita-se que eles tivessem prazer em revelar aos espanhóis o esconderijo dos seus desafetos. Verdade é que nenhuma dessas tribos ouvira falar em Machu Pichu, que já se encontrava abandonada quando da dominação inca. Isso nos leva a concluir que esse reino Tambo alcançou seu apogeu na época em que as civilizações de Chavin e de Tiahuanaco estavam no zênite.

Por fim, rumamos morro acima, até alcançar o cimo da montanha. Do alto, deslumbramos uma visão fantástica entre a neblina parecendo um véu. A impressão era de um lugar proibido. Mas continuamos subindo, até a crista, e fizemos uma parada em frente ao restaurante, portal de entrada da magnífica cidade de Machu Pichu.

Depois de pagarmos sete mil pesos cada um, seguimos em fila por uma trilha estreita. Tivemos então uma visão do panorama geral, cercado de montanhas por todos os lados, e o sol espiando- nos entre elas. Nosso desejo era chegar a Inti-pampa (campo do sol), mas alguém informou que, para isso, era preciso descer por patamares e escadarias que conduzem aos edifícios e jardins situados mais abaixo, no bairro dos palácios e dos fortes, lugares reconhecidamente sagrados e, por isso mesmo, proibidos.

(Santo Claudino Verzeleti é membro das academias Passo-Fundense de Letrasede e de Ciências Contábeis do Rio Grande do Sul; e Secretário geral do Centro Cultural Ítalo- Brasileiro Anita Garibaldi.)

Da Revista

Água da Fonte nº 4

Data : 30/04/2012

Título : O vínculo entre a natureza e o homem

Categoria: Artigos

Descrição: No instante em que o homem foi criado, foi-lhe concedido, antes de qualquer outra qualidade, o dom do espírito, a fim de que pudesse guiar seus passos livremente, bem como fazer suas escolhas.

SANTO CLAUDINO VERZELETI

No instante em que o homem foi criado, foi-lhe concedido, antes de qualquer outra qualidade, o dom do espírito, a fim de que pudesse guiar seus passos livremente, bem como fazer suas escolhas. No início dos tempos, as forças da natureza viviam em ebulição. E somente pela prerrogativa da evolução, o espírito se purificou, aperfeiçoando o ente humano.

Foi também a evolução que ocasionou o distanciamento entre o bem e o mal. A razão prevaleceu e o homem começou não apenas a pensar, mas igualmente a criar imagens e sonhos. Tornou-se, dessa forma, capaz de reconhecer a injúria, a maldição, a praga, a raiva, e de usá-las como forma de libertação, embora, em seu princípio, o homem fosse um pobre terráqueo, produto da terra ou da natureza, que um dia o tomará de volta.

Se ele produzir bons frutos, estes deverão povoar o mundo. Da mesma forma, será nefasta a produção dos maus.

O prêmio às boas ações há de ser o registro no livro dos justos, bem como a lembrança futura pelos sucessores. Entretanto, revelando-se a vida uma constante cobrança por parte da sociedade, será necessária uma admirável capacidade de exercer o bem, a fim de corresponder a essa expectativa.

De outro lado, sendo a natureza sábia, pois que tudo dá e tudo tira, conforme o comportamento humano, ela não tardará a exercer sua vingança, se houver, da parte das criaturas terrenas, desleixo ou ignorância acerca do meio em que vivem. E sabe-se que, pelo mau uso do meio, a natureza produzirá fogo, vendavais e catástrofes, que poderão levar à sucumbência todos os seres existentes, animados e inanimados.

Portanto, antes de ficarmos admirando o céu e suspirando por ele, é melhor que contemplemos a terra e aprendamos a nos integrar com sua essência. Como produtos do meio, somos parte dela e, infalivelmente, a ela retornaremos. Só o espírito haverá de libertar-se, quando a massa corporal se extinguir.

Há mais de trinta mil anos o ser pensante já sentia necessidade de criar rituais, com a finalidade de comunicar-se com os espíritos. No homem primitivo, era uma necessidade vital. As figuras pintadas em cavernas, que existem pelo mundo afora, provam que ele, a fim de concretizar seus sonhos e satisfazer seus instintos, inventava outros seres à sua semelhança. Em circunstâncias adversas, chamava os espíritos do mal para tirá-lo da encrenca. E nas situações favoráveis, invocava os espíritos do bem, a fim de receber proteção.

Em ambos os casos, a invocação se dirigia aos deuses, e a comunicação se dava de diversas formas, que iam desde o uso de drogas alucinógenas até a reflexão e a prece. Em qualquer das situações, todo meio disponível era válido, desde que o ego resultasse satisfeito.

É crença secular também que todo homem é um Xamã, isto é, um indivíduo dotado de poderes sobrenaturais, capaz de ter visões fantásticas e relacionar-se com as divindades que reverencia. E é na natureza que ele busca os meios apropriados para atingir o transe.

Da mesma forma, o ente humano acredita no poder que possuem os vegetais, de fazer seu cérebro viajar por dimensões desconhecidas. Segundo inúmeros relatos, há plantas dotadas de forças sobrenaturais, que curam não só os males físicos, mas igualmente os espirituais. Basta fazer uso de certas ervas, para confirmar seu poder de operar milagres, propiciar voos mágicos e viagens interplanetárias, bem como de transportar o indivíduo para além de seu corpo e do mundo palpável.

Os primeiros habitantes do planeta demonstravam arraigada predileção ao culto do espírito. Sua imaginação fértil, quase sempre estimulada por ervas e plantas milagrosas, aguçava-lhes o pensamento.

O intuito de apaziguar os espíritos os induzia a se tornarem pajés ou xamãs, e a se utilizarem do transe para a interlocução com os mortos.

No passado, a comunicação entre os indivíduos, com o fim de proporcionar apaziguamento do espírito, acontecia de forma mais próxima e direta. E os induzia a se sentirem mais seguros, mais fortes e mais protegidos.

Desde que desceram da árvore, os humanos sentiram necessidade de se relacionarem com seus semelhantes e também com os espíritos. Isso fez com que seu cérebro em evolução desenvolvesse imagens mentais, criando figuras do desconhecido. Enquanto viviam em grupo, satisfaziam-se com essa convivência, uma vez que a vida em sociedade representava uma necessidade não só individual, mas também coletiva.

Atualmente, apesar de todos os meios de comunicação disponíveis, os seres humanos se mantêm distantes uns dos outros, e não raro até ignoram os que lhe são familiares.

(Santo Claudino Verzeleti é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia de Ciências Contábeis do RS. Fundador do Centro Cultural Italiano Anita Garibaldi.)

Data : 30/04/2004

Título : O Vinho

Categoria: Artigos

Descrição: Seguem algumas considerações que recebemos do Centro Cultural Anita Garibaldi, sobre o vinho "delia Campânia", na Itália.

O Vinho

SANTO CLAUDINO VERZELETI

Seguem algumas considerações que recebemos do Centro Cultural Anita Garibaldi, sobre o vinho "delia Campânia", na Itália. Sua produção, qualificação, seu reconhecimento como um bom vinho. Trata-se de informações valiosas para os degustadores desse precioso líquido.

Fu Noè il uomo ubriaco

Ma prima de tuto il vino è una bevanda le cui origini si perdono nella notte dei tempi. Sin dalTantichità gli uomini conosceva no i grappoli delTuva, e ben presto si accorsero Che questo frutto spremuto dava un succo molto gustoso, Che dopo una misteriosa fermentazione si trasformava in bevanda inebriante. Ebbe allora inizio um fenomeno evolutivo che a coinvolto luomo, la pianta e la bevanda fino ai giorni nostri. Infattim il vino era in origine molto diverso da quello che conosciamo noi.

Una cosa che può farci inorridire, ad esempio, è che ve niva abitalmente miscelato con diversi ingredienti, corno timo, menta, canella di rosa, pere, mele, bacche o radici. Dificilmente il vino bevuto puro, anche perché ad altissima gradazione, ma veniva con acqua, spesso salata. Siccome la storia di questa bevanda è antechissima,, innumerevoli sono gli aneddoti e le curiosità ad essa legate. In questo pagine ne elenchiamo alcune:

Come diz el nono: de ua anca fa vin; mail primo uomo "ubriaco" fu Noè. Dopo il Diluvio Universale, Noè, coltivatore della terra, fece la vigna, ottenne il vino, lo bevve e si inebriò. Ce lo tramanda la Genesi, che attribuisce al vecchio patriarca l'invenzione del vino.

Tre copperdi vino

Dionisio (Dio Greco del vino), in una commedia di Eubulo, raccomanda; "Tre coppe di vino non di più, stabilisco per i bebitori esse nati. La prima per la salute di chi beve; la seconda rivesglia lamore ed il piacere; la terza invita al sonno. Bevutta questa, chi vuol essere saggio, quinta urla; se significa schamzzi; sette occhi pesti; otto arriva lo sbirro; nove la bile, dieci si è perso il senno, si cade a terra privi di sensi. Il vino troppo spesso in una piccola tazza tagria le gambe al bevitore".

Così nasce il termine sommelier

Sembra che la parola sommelier abbia origine dalle abitudini dei soldati della sussistenza dell'esercito di Napoleone di legare (lier) le botti del generale su di un mulo da soma (somme). Infatti "somme" più "lier" è uguale a sommelier. Quindi, chi si aspettava un'origine più nobile del termine rimarrà deluso.

La bottiglia incontra lo zodiaco

Il vino? Lo scelgono se consono al loro segno zodiacale. L'ultimo dei capricci dei divi hollywoodiani diventa trend. Non c'è party ad Hollywood in cui, prima di invitare lo spite vip, non gli si offre il vino più adeguato. Ad inaugurare l'insolita tendenza è stato Mickey Rourke e dietro lui Michael Douglas e Catherine Zeta Jones. Ecco, dalla rivista - Metropolitan Post -, la lista degli abbinamenti - enozodiacali - ideati da Pino Dimastrodanato con la consulenza dell'astrologa Susy Grossi. Ariete: vini corposi e di qualità, soprattutto Rossi, come il Beaujolais, il Merlot o il Cabernet. Toro: perfetto un profumato Brachetto d'Asti. Gemelli: un Rosé leggero. Cancro: vini dolci tipo Lachrima Christi. E: Barolo o, nel caso in cui la scelta ricada su una pietanza a base di pesce, un bianco Imperium. Vergine: Brunello classe 97. Bilancia: Spumante italiano, o addirittura dello Champagne millesimato. Scorpione: un vino forte, mascolino come il Primitivo di Puglia. Sagittario: vino verde portoghese, Retsina greco, Zinfandel californiano. Capricorno: un goccio di vino sfuso o di Barbera. Acquario: Chardonnay o Sauvignon. Pesci: i grandi vini del Collio, Tocai e Ribolla gialla.

da rivista

Água da Fonte nº 1

Data : 30/06/2007

Título : Os Messias no Império Romano

Categoria: Artigos

Descrição: Sobre a aridez do deserto, proliferaram os Messias contra a política romana de outrora.

Os Messias no Império Romano

SANTO CLAUDINO VERZELETI

Sobre a aridez do deserto, proliferaram os Messias contra a política romana de outrora. Desde o início dos tempos, sempre houve divindades que atendessem aos anseios do povo mais humilde.

Mesmo que os impérios homologassem alguma vantagem, ela só servia aos grupos dominantes que exerciam o poder.

Todavia, surgiram, através da história, pessoas revestidas de divindade, pregando aos mais pobres leis básicas de vida e de salvação.

Muitos com credibilidade, enquanto outros sucumbiram através da espada ou da expulsão do país.

Segundo a nossa visão, arrolamos alguns nomes que obtiveram êxito através dos tempos. São eles: Apolônio de Tiana, Simon Magos (ou Simcão), Simon Barcoba. Mitra (ou Mithra). Ísis, João Batista. Santa Helena. Constantino e Jesus Cristo.

Cada um em sua época impôs regras de comportamento espiritual ou material. Todos pregaram a paz, amor e a liberdade. E todos foram divisores do tempo.

Apolônio de Tiana

Personagem retocada pela lenda. Nasceu em Tiana, na Capadócia, e morreu no fim do século I, provavelmente em Efeso. No século II acoimaram-no de mágico, de adivinho. No século III, Filostrato publicou a *Vita Apollonii*, apresentando-o como sábio, taumaturgo e deus.

Na ânsia de aprender os mistérios explicativos do mundo e da vida, teria peregrinado pela Babilônia e por Nínive, pela Índia e Grécia, por Éfeso e Roma, pelas Gálias e Espanhas, por Alexandria e pelas terras altas do Nilo. Por toda a parte, haveria pregado a sabedoria e o bem.

No ano III d.C, foi adversário de Jesus Cristo e de diversos líderes religiosos adversários dos romanos, como Cristo, embora também pregasse a paz e o amor, espalhando seu poder e operando milagres.

Falava somente a pequeno número de pessoas (Jesus foi o pregador das multidões). E era inimigo dos romanos.

Por fim, em Efeso, ao som de um coro de virgens, teria subido ao céu, e de lá vindo para doutrinar cétricos sobre os destinos eternos da alma.

O Apolônio de Tiana figurado por Filostrato é a construção do sincretismo religioso dos tempos do imperador Sétimo Severo. E há nele elementos de tanta inspiração cristã, que chega a parecer uma réplica paga de Jesus Cristo. Daí a interferência da *Vita Apollonii* nas controvérsias acerca das suas origens cristãs.

Já no fim do século III, Hioroclês opôs Apolônio a Jesus. Rebateu-o Eusébio da Cesaréia, no Contra-Hioroclem. O cepticismo do tempo da Renascença, o deísmo do século XVIII, o cristianismo bíblico da Escola de Tubíngia, com Bauer, todos se têm aproveitado de Apolônio de Filostrato para tentar corroer e desgastar a figura de Cristo.

Apolônio foi o Messias do seu tempo. Como muitos outros, porém, sem o apoio oficial do Estado Romano.

Simon Magos (ou Simeão)

O povo dizia que Simon Magos tinha o poder de Deus, que era ele o Messias.

O número de seus seguidores abrangia desde a Samaria até Roma. Foi adversário político de Pedro, o apóstolo. Teve influência política maior que Cristo. Até o ano 300 d.C. ainda havia adoradores de Simon.

Constantino, nessa época, impôs por lei o Cristianismo, em todo o Império Romano. A espada falou mais alto. E a história foi escrita pelos vencedores.

Simon Barcoba

Adorado e Messias do povo, salvador dos pobres e oprimidos, lutou contra os romanos e o sistema político de então.

Era descendente do Rei Davi.

Organizou e lutou com grupos em sistema de guerrilha, chegando a extinguir uma legião romana.

Simon Barcoba era melhor pregador que Jesus e ungido como Messias. Houve até pedido de renúncia dos cristãos em seu favor. Figura ímpar e íntegra, até moedas foram cunhadas em sua homenagem.

O exército que organizou conseguiu derrotar os romanos de Israel. Por essa razão, recebeu o título de príncipe de Israel.

Mas em 135 d.C, os romanos destruíram o exército formado por Barcoba e 138 de seus seguidores acabaram por aderir à doutrina de Jesus Cristo.

Mitra (ou Mithra)

Também nasceu de uma virgem, em 25 de dezembro.

Antiga divindade dos povos arianos, ligados especialmente ao princípio da luz e da vitalidade que essa condição divina transmitia aos homens, inclusive no exercício da justiça e da verdade.

Na religião dos Vedas, Mithra é um deus importante, associado a Varuna. E, na religião do Avesta Zaratustra, considerado como enviado de Ahura, para trazer à humanidade os vários benefícios da luz.

O culto de Mithra foi-se constituindo gradualmente como forma religiosa independente (mitraísmo), passando à Ásia Menor e a Roma. já sob o aspecto de religião. Além de poderoso mensageiro da luz, apresenta Mithra como mediador e protetor dos homens, na defesa contra as trevas, e acompanhando o espírito do homem na sua viagem ao além-túmulo.

A partir do século II d.C, seu culto foi levado pelos legionários a todos os confins do Império Romano. Tinha as características de deus viril, fiador da verdade, com total difusão entre os militares de Roma. Todavia, é certo também que a vitória do cristianismo retirou a especial ajuda que os imperadores davam à adoração de Mithra, o que o fez decair no século IV.

Em todos os santuários de Mithra existia, como regra, a sua representação como jovem guerreiro, de barrete frígio e abatendo um touro, cujo sangue, símbolo das energias primordiais agora dominadas, fecundava a Terra e dava origem a toda fertilidade. Todos os romanos o adoravam. E só homens entravam em seu grupo.

Os pormenores conhecidos da iniciação dos devotos mistos no culto de Mithra incluíam taurobólio, ou imolação de um bezerro, cujo sangue devia escorrer sobre o devoto, enquanto era iluminado pela luz zodiacal.

Antes de morrer, Mithra ainda fez uma refeição e, após a morte, subiu ao céu. O pão e o vinho integravam o culto a essa divindade.

Ísis

E pela lenda osiriana que conhecemos Ísis, a imagem mais familiar do panteão egípcio. Irmã e esposa do deus Osíris, era ela que recolhia o corpo defunto e lhe dava o sopro vital que o trazia de novo à existência.

Da sua união com Osíris nasceu Hórus, que Ísis criou no delta. Figura muito popular, Ísis é o tipo da esposa fiel e da mãe devotada. O seu poder mágico, e em especial a proteção que dava às crianças, fazia aumentar cada vez mais o número dos seus devotos e admiradores.

Era muito venerada em todo o Egito, erguendo-se na localidade de Filas seu principal santuário. No tempo dos ptolomeus e dos romanos, o seu culto estendeu-se para além das fronteiras do Egito. Em todo o mundo romano havia templos, festas, sacerdotes e mistérios em seu louvor. Isso personificou sua imagem como deusa universal.

Calígula construiu um grande templo em sua homenagem, venerada que era como a Virgem Maria, e filha de Deus.

Grandes procissões ocorriam em adoração a Ísis. À sua semelhança, os cristãos também adotaram Maria amamentando uma criança.

Após 500 anos d.C, seus templos foram esquecidos e transformados pelo catolicismo.

Sua representação consiste numa mãe carregando uma criança ao colo.

João Batista

João Batista, Santo da Igreja Católica, aparece-nos como uma das figuras mais destacadas de toda a história da salvação. Foi anunciado por um mensageiro celeste, antes de sua concepção, e era filho de um sacerdote de nome Zacarias.

Enquanto este oferecia no templo o sacrifício do incenso, no cumprimento de sua missão sacerdotal, apareceu-lhe, à direita do altar, o anjo Gabriel, anunciando-lhe que sua esposa, Isabel, lhe daria um filho, embora fosse estéril e de idade avançada. Informou-o, ao mesmo tempo, da futura missão e da grandeza desse filho.

Diante do prodígio anunciado pelo mensageiro celeste, Zacarias duvidou e pediu um sinal. Foi-lhe dado, mas, como castigo, iria ficar mudo até se cumprir o prometido.

A realização da promessa do anjo seria inundada pelo Espírito Santo, desde o ventre da mãe. Foi um chamamento profético, revestido de um ambiente sobrenatural e acompanhado de fatos miraculosos.

Quando Isabel consultou o marido sobre o nome que se deveria dar à criança, este respondeu-lhe: "João é seu nome!"

O menino foi criado pelos pais de acordo com os princípios religiosos daquela época.

Sua primeira educação fundamentou-se no temor de Deus e no conhecimento dos livros sagrados.

Assim, no ano III d.C, nascia uma figura carismática, um messias, um profeta. Na Turquia, onde não se conhecia Jesus, ele foi adorado, ao reunir multidões para anunciar a boa nova, isto é, a vinda do verdadeiro Messias, o Cordeiro de Deus, não como figura a ser esperada, mas já presente a atuante no meio do povo.

A missão de João Batista consistia em preparar os caminhos do Senhor e apresentá-lo a Israel. Entretanto, acabou por tornar-se rival de Jesus, pela semelhança nas pregações.

Estando João às margens do Rio Jordão batizando seu povo, apareceu aquele que também foi enviado como salvador, e o batizou. Eram dois messias no mesmo lugar, e com os mesmos propósitos e missão. Os primeiros discípulos de João Batista também o foram de Jesus Cristo.

João morreu vítima de sua missão. Pois mais tarde, no tempo de Herodes, embora a contragosto, o rei mandou degolá-lo, a pedido da filha.

Entretanto, João Batista, o primo de Jesus, foi adorado em toda a Roma e por toda a cristandade. E é festejado em todo o mundo até os dias de hoje.

Santa Helena

Mãe do imperador Constantino Magno, chamava-se Flávia Júlia Helena Augusta.

De condição modesta, era a esposa de Constando Cloro, quando este, nomeado César, em 293, por motivos políticos, trocou-a por Teodora. Assim que subiu ao trono (em 306), seu filho Constantino chamou sua mãe à corte, tornando-a augusta, com todas as prerrogativas regias.

Helena aproveitou para praticar obras de misericórdia. Não se tem notícia de quando se tornou cristã. Em 326, empreendeu uma viagem aos lugares santos da Palestina, tendo promovido a construção das basílicas da Natividade, em Belém, e da Ascensão, no Monte das Oliveiras; e ainda a construção da Basílica da Ressurreição em outros lugares, como marco da cristandade.

Ela é venerada a 21 de maio, juntamente com seu filho Constantino.

Helena deve ter insistido, nos bastidores do poder, para que o filho se convertesse ao Cristianismo. Com seu jeito próprio de mãe, aos poucos Constantino curvou-se aos desejos dela.

Constantino e a lei do Cristianismo

Mais conhecido por Carlos Magno, nome do imperador César Flávio Valério C. Augusto, Constantino nasceu em Naissos, Mésia superior, em fevereiro de 282 ou 288, filho de Constando Cloro e Helena.

Foi aclamado imperador pelas tropas, em 25.07.306. Residiu em Tréveros e governou a Gália, Bretanha e a Espanha.

Depois de muitas lutas e intrigas, guerras e acordos, conseguiu unificar o Império em 324. E, em 20.05.325, assistiu à abertura do Concílio de Nicéia, onde os vencedores escreveram a história cristã. De julho a setembro de 326, permaneceu em Roma, sendo batizado em 23.05.337 por Eusébio, bispo da Nicomédia.

Em 312 d.C. Constantino teve um sonho (talvez de tanto a mãe encher o saco dele e também por lembrar a história de assassinatos de cristãos por seus antecessores).

Nessa noite, véspera da batalha de Ponte Milvio, teve duas visões. Na primeira, sonhou com o lábaro da cruz. E na segunda, ainda durante o sono, teve a promessa da vitória contra Maxêncio, se mandasse gravar na bandeira e nos escudos dos soldados o anagrama de Cristo.

Assim, em 313, Constantino começou a aderir às idéias cristãs, motivado pela histórica batalha, na qual sagrou-se vencedor. Após este feito, dispôs-se a favorecer o Cristianismo, até a paz definitiva em Milão. E com a paz na Igreja, abrandaram-se as perseguições religiosas.

A partir de 313, o Imperador publicou várias determinações (ou leis), em favor dos cristãos, as quais culminaram com o Edito de Milão, preparado no encontro com Licínio, nesta cidade, e publicado por este em nome dos dois imperadores, em Nicomédia (13.06.313).

Por esta lei dava-se liberdade religiosa a todos os súditos do Império; aboliram-se as leis contra os cristãos, restituindo-lhes os lugares de culto, sem obrigação de qualquer pagamento, se não estivessem em mãos particulares. Neste caso, o Estado indenizaria. A legislação modificou-se no sentido cristão. Em todo o Império Romano praticava-se uma só religião, a cristã, invertendo-se o uso da espada e da crucificação.

Nos trezentos textos legislativos promulgados em seus 25 anos de mando. Constantino estabeleceu um regime de justiça e eqüidade, que triunfou sobre o legalismo. Protegeu os fracos, órfãos, viúvas e escravos. Criou leis sobre o pudor, a castidade e a virgindade; abrogou as leis de Augusto contra o celibato, impôs leis contra o concubinato, para dificultar o divórcio; implantou o repouso dominical e tantas outras práticas de inspiração cristã. Julgava que a política de tolerância favorecia a união do Império e o regresso dos cismáticos e hereges.

Uniu, dessa forma, todo o Império Romano, numa base sólida.

O mundo virou cristão por força de Lei e pelas benesses do Poder. Por um sonho de uma noite mal dormida e por imposição de uma mãe zelosa de seu filho. E o sonho deu certo. Se é de Lei, cumpra-se até os dias de hoje. Por Lei, todas as religiões foram reunidas em uma, e com isso se manteve o Império unido e oficializou-se o Cristianismo.

Teodósio I, o Magno

Imperador romano de 379 a 395. Entre diversas expedições de guerra, foi proclamado Augusto, em Sirmium. Protegeu a monarquia visigótica contra as ambições de Clóvis, convencendo o rei Atanarico a entrar para seu serviço, na qualidade de federado.

A partir de 381, proclamou o Cristianismo como religião oficial e entregou aos cristãos os templos pagãos.

Com mais um canetaço contra os pagãos do Império Romano, determinou que lá todos eram cristãos, inclusive os gnósticos. E que não se duvide disso!

Jesus Cristo

Nasceu na Judéia, quando esta região era província romana.

Aos trinta e poucos anos, reuniu um pequeno grupo de seguidores, começando a realizar pregações, a exemplo de outros Messias citados anteriormente.

Por divergir da política romana, foi condenado à crucificação, durante o governo do Imperador Tibério.

Os ensinamentos de Jesus foram divulgados por seus apóstolos, que fundaram a Igreja Católica e lançaram as bases de uma das principais religiões da história.

Os relatos sobre sua vida foram reunidos em quatro livros: os Evangelhos. Entre os princípios de sua doutrina, podemos citar:

- a fraternidade entre os homens;
- o perdão das ofensas e o amor ao inimigo;
- a renúncia de si mesmo;
- a condenação da cobiça e da hipocrisia;
- a ressurreição dos mortos para uma outra vida.

O sucesso da doutrina de Cristo deve-se aos apóstolos e discípulos que acompanhavam suas pregações, especialmente Paulo (convertido ao Cristianismo), que viajou para a Grécia e Ásia Menor, até chegar a Roma, no começo do século I d.C.

Jesus promoveu milagres e curas em seu curto reinado, a exemplo dos demais Messias.

Aos poucos, a religião do Império Romano aderiu ao Cristianismo, apesar das perseguições movidas por diversos imperadores. Os primeiros cristãos formavam pequenas comunidades, e assimilavam os ensinamentos de Jesus, pela palavra dos apóstolos e seus sucessores. Mais tarde, o Cristianismo tornou-se a religião oficial, por Lei do Império. E, para sua organização, contribuiu o trabalho persistente de Santa Helena, que fez edificar, em cada lugar santo, um capitei. Mais tarde, por sua insistência com o filho Constantino, e pelas visões que este teve em sonhos, com os símbolos de Jesus, o Imperador mandou gravar o anagrama de Cristo, na bandeira e nos escudos dos soldados romanos.

Estava criada assim a religião mais poderosa do Império Romano, sob o fogo da espada.

Outro apóstolo que oportunizou a ampliação da Igreja foi Pedro, escolhido por Jesus para ser seu sucessor na Terra. Foi o primeiro bispo de Roma, ou seja, o primeiro Papa, firmando-se sobre todos os demais bispos da Igreja, por meio desta teoria chamada de Sucessão de Pedro. No ano 455, o Imperador Valentiniano III determinou que todos os bispos do Ocidente se submetessem à autoridade do Sumo Pontífice.

Os demais Messias não tiveram a mesma sorte de usufruir de uma Lei que os amparasse perante o sistema político.

(Santo Claudino Verzeleti é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia de Ciências Contábeis do RS; Coordenador do Grupo Pró-Memória de Passo Fundo.)

Da Revista

Água da Fonte nº5

Data : 30/11/2013

Título : Os Montes Sagrados

Categoria: Artigos

Descrição: Encrustada na rocha, com sua fantástica beleza natural, essa fortaleza se ergue no deserto da Judeia, aproximadamente a três quilômetros da margem ocidental do Mar Morto.

SANTO CLAUDINO VERZELETI MASSADA

Encrustada na rocha, com sua fantástica beleza natural, essa fortaleza se ergue no deserto da Judeia, aproximadamente a três quilômetros da margem ocidental do Mar Morto. É uma bela montanha que, na época, oferecia total segurança aos seus moradores. Tem mais ou menos um quilômetro de comprimento, por 200 metros de largura. Sua elevação corresponde a 700 metros acima do nível do mar.

Foi Herodes, o Grande, que construiu a enorme e magnífica fortaleza, no ano 40 a.C., a fim de proteger-se dos judeus, caso tentassem destituí-lo do governo. O suntuoso palácio serviria como sua residência se, porventura, fosse destronado por Marco Antônio.

Quando os romanos, no ano 70 a.C., subjugarão toda a terra de Israel e deixaram Jerusalém em cinzas, um grupo de judeus patriotas, em número de 967 sobreviventes, liderados por Eleazar Bem Yair, dirigiu-se ao Monte Massada, local onde foram sitiados pelos romanos, durante três anos. Todavia, ao reconhecerem que não seria mais possível ali permanecer, pois estavam prestes a ser derrotados pelos invasores e capturados como escravos, aconteceu o heroico e dramático fim dos judeus sobreviventes, que preferiram suicidar-se a renderem-se ao inimigo. Optaram pela morte, para fugir da escravidão.

Desde então o Monte Massada passou a ser um santuário para o povo judeu, por ter sido o cenário de um dos episódios mais sangrentos de sua história.

Observei in loco, junto com meus companheiros de viagem, que o povo está reconstituindo os palácios de outrora, com a ajuda voluntária de seus patrícios do mundo todo. Mulheres e homens prestam serviços à reconstrução, cada um de acordo com suas possibilidades.

Nos tempos de Herodes, a fortaleza possuía todas as condições de sobrevivência: despensas, cisternas, casas de banho, palácios, sinagogas e rituais de ablução.

Nós percorremos o platô da montanha e observamos parte da igreja bizantina, em mosaico herodiano, e o terraço inferior do palácio suspenso, ou seja, as poucas edificações que restaram após o jugo romano.

Para alcançar o cume, os invasores fizeram aquilo que o diabo não sabia fazer: ergueram uma taipa de terra e pedras, até chegar ao topo, ou seja, ao patamar do Monte Massada.

Foi então que encontraram os 967 corpos com as cabeças decepadas. Uma cena de horror!

MONTE TABOR

É um dos montes mais belos e históricos da Palestina, com 562 metros de altura.

Aparenta uma enorme calota arborizada, e sobrepujada por uma plataforma. Bem perto, os topônimos evocativos de Naim e os montes Endor e Ghilboah. A uns 20 km do mar (ou lagoa) de Tiberíades, e a 7 km de Nazaré, servia de limite às povoações e tribos de Neftali, Issacar e Zabulão, que para lá convidavam e atraíam os povos, a fim de oferecerem sacrifícios pela vitória.

Situado na extremidade Noroeste da grande e fértil planície de Jezrael/ Esdrelão, a sua estratégica localização geográfica fez dele o teatro da antiga gesta militar de Israel. Foi lá que Ali Baraq, ao apelo da profetisa Débora, convocou as tribos e venceu Siserah, por lhe terem assassinado os irmãos.

Igualmente ligado à história cristã, é o local menos provável da Transfiguração de Cristo (Mt 17, 1-9). A parábola, apesar de tradicional, o é ainda mais por ser o monte para onde Jesus convocou os discípulos, após a ressurreição (Mt 28, 16).

Não obstante as dominações, romana, bizantina, árabe e turca, vem lá do século VI a presença e a continuidade do culto cristão, mantidas, sucessivamente, por Beneditinos, Agostinianos e, desde o século XIX, por Franciscanos.

Pelo esplendor do local, é muito frequentado por turistas e montanhistas, ávidos de contemplar o nascer do sol.

O panorama do alto da montanha é sensacional. Vislumbra-se a área agrícola da região, especialmente a localidade de Naim.

MONTE SINAI

É uma península no extremo ocidental da Ásia, com 30 mil quilômetros quadrados de comprimento, e 250 mil quilômetros de largura. Está situado entre os golfos de Ácaba e de Suez.

O Sinai é montanhoso e desértico, com uma altitude de 2604 metros. Sua população é constituída, basicamente, por indivíduos nômades e pessoas pobres. Os centros mais importantes são: Tor, no caminho de Meca, e Abu-Zenima, um porto exportador de minérios. A principal riqueza é a exploração do petróleo.

Atualmente, o Monte Sinai tem sido cenário de lutas violentas, entre árabes e israelitas. Estes ocuparam o Sinai na guerra de 1956, devolvendo-o, por fim, ao Egito, e sanando, dessa forma, o conflito. Mas voltaram a ocupar o território, na

guerra de 1967, mantendo a ocupação, quase em sua totalidade, na luta armada de 1973.

O Monte Sinai é conhecido na Bíblia pelo nome de Horeb, e se tornou famoso pelas revelações de Javé a Moisés e ao povo de Israel. Na manifestação da Sarça Ardente (Ex. 3, 1-14 e 17), pois Javé confiou a Moisés a libertação do seu povo, que era oprimido no Egito. Pouco depois, os israelitas, comandados pelo chefe mencionado, atravessaram o Mar Vermelho, iniciando a travessia da península do Sinai, em direção a Canaã.

Ladearam então a costa ocidental, com alguma demora no Wadi Garandel, deserto do Sinai e Rafidim, até chegarem ao Monte Sinai, atualmente identificado como Gebel Musa. Nesse local foi proclamado o Decálogo (Ex 19, 1-18) e o Código da Aliança.

O Monte Sinai foi habitado por eremitas até o século VI, e se construiu ali o mosteiro que ainda existe, sendo habitado por monges ortodoxos.

O mosteiro é cercado por altas muralhas, e sua capela, chapeada em ouro. Trata-se de um local magnífico e de peregrinações constantes, desde a Idade Média. Ocupa também uma posição estratégica entre egípcios e israelitas.

Também existe ali um museu a céu aberto, com todos os instrumentos agrícolas usados por esses povos, desde os tempos imemoriais.

A montanha, que é de difícil acesso, possui diversas trilhas que levam a seu cume.

MONTE NEBO

Situa-se a 19 km a Leste do Rio Jordão, com 835 metros de altitude. É o local onde morreu Moisés, depois de ter contemplado a terra prometida.

Ele levou quarenta anos para realizar esse feito e, quando chegou ao cume, contemplou as planícies abaixo do Monte Nebo, vindo a falecer em seguida.

No contorno do Monte, observa-se o Rio Jordão e os desertos da Judeia e da Samaria.

Mananciais de água doce descem da montanha, abastecendo os moradores da região.

Do alto observa-se ainda a fortaleza de Herodion, Belém, as torres de Jerusalém e o oásis de Jericó.

O Monte Nebo foi habitado desde a mais remota antiguidade. Para testemunhá-lo, a Bíblia refere a morte de Moisés, que remonta à época bizantina. No Velho Testamento cita-se a fortificação de Nebo, entre outras cidades, como Madaba. Por sua vez, os antigos beduínos também conheciam muito bem a montanha.

Por fim, os cristãos daquela região construíram uma igreja e um memorial em homenagem a Moisés, formando-se lá um local de peregrinação, desde Jerusalém, através do Rio Jordão, até Livias e as estepes de Moab.

Os peregrinos se banhavam nas águas termais de Ma'in, indo depois descansar no santuário de Moisés.

O Monte Nebo possuía uma série de igrejas e um mosteiro, que foram destruídos pelo rei moabita, encontrando-se atualmente em processo de escavações e restauração. Testemunham tais fatos o Papa João Paulo II e o Santo Verzeleti, que estiveram in loco, conhecendo aquelas instalações e edificações históricas. Trata-se de um local fantástico, repleto de fervor religioso.

Desde o ano de 1933, estão sendo realizados estudos e escavações no local. Tanto na Basílica como no Mosteiro, os trabalhos de recuperação se encontram em fase adiantada. Trata-se de um local turístico e repleto de fervor religioso.

MONTANHA QUNRÂM

Em 1947, um beduíno à procura de sua cabra, que se havia extraviado na montanha, descobriu um dos mais importantes e preciosos achados arqueológicos do século XX: os famosos pergaminhos do Mar Morto.

Foram escritos pelos essênios, membros de uma seita religiosa que deixou Jerusalém, para instalar-se no deserto de Qunram, pelos idos do século I a.C. Os tais pergaminhos foram encontrados em grutas, nas montanhas da região.

Os escritos de Filão, Flávio, José, Hipólito, Solino, Eusébio e Epifânio relatam que os essênios abandonaram a sociedade judaica, o sacerdócio e o templo, para se refugiarem na montanha de Qunrãm, orientados pelo mestre de justiça, cuja identificação histórica se desconhece.

Essa gente levou uma vida dedicada à oração, ao estudo, à meditação e à caridade.

Todavia, no ano 31 a.C. eles abandonaram o local, que foi destruído por um terremoto. Trinta anos mais tarde, retornaram, construindo um pequeno povoado. E lá permaneceram até o ano 68, quando foram massacrados pelos soldados de Tito.

Ao saber da passagem dos romanos, os essênios esconderam rapidamente, naquelas obscuras cavernas, os seus mais preciosos bens, isto é, as suas escrituras. E o deserto guardou seu segredo por dois mil anos, pois o local onde viveram, nas vizinhanças do Mar Morto, se tornou célebre, a partir de 1947, por seu mosteiro e pelos arquivos bibliográficos lá descobertos.

Apesar do difícil acesso, no ano de 1996, durante uma excursão por aqueles lugares remotos e desconhecidos, passamos nas proximidades da montanha citada, observando sua beleza e rusticidade.

Vale a pena pesquisar sobre os ritos e os costumes dos povos, especialmente aqueles que habitam no entorno dos montes aqui descritos. Apesar de sua precariedade, o deserto possui encantos e segredos inimagináveis!

MONTE ARARAT

O Monte Ararat se caracteriza como um maciço vulcânico, localizado na Turquia oriental, mais precisamente na Armênia, perto das fronteiras soviética e iraniana.

É nesse lugar que se encontra o ponto mais alto do país, o grande Ararat, com 5565 metros de altitude.

Segundo a tradição bíblica, confirmada por lendas armênias, ao maciço teria ido a Arca de Noé, no fim do dilúvio.

Muitos arqueólogos fizeram expedições, segundo relatos de pesquisadores, entretanto, sem sucesso.

A arca até poderia estar no monte, porém muito longe de do alcance dos pesquisadores.

(Santo Claudino Verzeleti faz parte da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia de Ciências Contábeis do RS.)

Data : 30/04/2004

Título : Quando morre um Papa

Categoria: Artigos

Descrição: Muitos têm perguntado se o Papa pode renunciar.

Quando morre um Papa

SANTO CLAUDINO VERZELETI

Como sabemos, João Paulo II está doente, vítima da síndrome de Parkinson e alquebrado fisicamente, embora lúcido e disposto a cumprir sua estafante agenda de viagens apostólicas. Com pouco mais de 80 anos, o descompasso entre o corpo e a mente está-lhe inquietando o espírito.

A mente e o espírito, entretanto, não demonstram o menor sinal de fadiga, malgrado o tom pesado de sua voz. Sua memória não o trai. Tem demonstrado isso, por exemplo, durante almoços com cardeais de vários países, nos quais nunca falta vinho. Ele é capaz de passar do italiano ao francês, do inglês ao espanhol, com a mesma facilidade com que domina o polonês e o alemão.

Nos séculos passados, quando o Papa adoecia a ponto de não mais governar, a Cúria Romana cuidava de esconder o fato. Hoje já não se pode esconder do público a verdade, em vista de suas aparições todas as quartas-feiras aos fiéis. A mídia levantaria suposições de toda ordem.

Muitos têm perguntado se o Papa pode renunciar. Investido do sagrado poder que lhe confere o cargo de sucessor de Pedro e o dogma da infalibilidade papal em questões de fé e moral, o Papa pode quase tudo, no que concerne à vida interna da Igreja. Inclusive modificar ou simplesmente ignorar a legislação canônica vigente. Ou não aplicar ao Bispo de Roma leis que decretou para o colégio episcopal da Igreja.

Saudável ou enfermo, o Papa ocupa a função de soberano Pontífice até morrer. Nada impede, entretanto, que decida renunciar, como ocorreu com uma dezena de seus antecessores. Obrigados a renunciar aos 75 anos, os bispos permanecem à frente de suas dioceses até que o Vaticano acate a renúncia e nomeie seus sucessores.

Em caso de doença grave, o Papa tem direito a delegar parcela de sua autoridade ao Secretário de Estado do Vaticano ou a um outro cardeal. Caso entre em coma prolongado, sem que haja assinado delegação prévia, a Cúria Romana simplesmente tomará em mãos as rédeas da Igreja, exceto prerrogativas exclusivas do Papa, como nomear novos bispos e aprovar documentos importantes.

Se o coma se prolongar por mais de um ano, é possível que o colégio de cardeais interfira junto à Cúria para estabelecerem normas ao período de exceção.

O direito eclesiástico não prevê nenhum procedimento canônico para afastamento de um Papa com visíveis sinais de demência ou loucura. Outrora, caso semelhante poderia ser resolvido com a reclusão do Papa em seus aposentos, sem que os fiéis se dessem conta. Hoje não, os meios de comunicação iriam entupir-se de notícias de toda ordem.

Quem toma a decisão de afastar um Papa demente? Não se sabe. A falta de previsão canônica para eventualidade tão grave também divide, hoje, os teólogos. Uns confiam no Espírito Santo; outros julgam que a imprevidência não se coaduna com a prudência, uma das quatro virtudes cardeais. En fatti, o Vaticano teme o vazio de poder, se o mal de Parkinson afetar mentalmente João Paulo II, tornado-o incapaz de governar e sem poder ser substituído.

Ainda não é o caso, pois João Paulo II continua vivo. Mas, quando morre um Papa, o primeiro a constatá-lo informa o prefeito da Casa Pontifícia que, por sua vez, convoca o cardeal-carmelengo (mordomo), responsável pela comprovação do falecimento. O carmelengo notifica o cardeal-vigário de Roma, que comunica aos fiéis da diocese papal. O prefeito da Casa Pontifícia incumbe-se de dar a notícia ao decano do Colégio dos Cardeais, que faz saber a seus pares, aos embaixadores creditados junto à Santa Sé e aos chefes de Estado.

Antes que o processo chegue a cabo, a Rádio Vaticano divulga a notícia, ainda que de forma indireta, como a alteração repentina de sua programação. Dizem os vaticanistas que no menor Estado do mundo (44 ha) nada se fala, mas tudo se sabe.

O cadáver do pontífice não pode ser autopsiado, o que dá margem, em caso de morte súbita, a todo tipo de conjecturas, como ocorreu com João Paulo I.

Declarado morto o Papa, o governo da Igreja passa automaticamente às mãos do Colégio dos Cardeais, segundo regras definidas por João Paulo II, em 1996, no documento "Universi Dominici Gregis", Logo que os cardeais chegam a

Roma, esse documento é lido, bem como o testamento do Papa, que prescreve suas instruções quanto aos funerais. Sob juramento, os prelados ficam obrigados ao sigilo.

Nada impede, por exemplo, que João Paulo II queira ser enterrado na Polônia. Todos os cardeais da Cúria Romana, inclusive o Secretário de Estado, que equivale à função de primeiro-ministro, são compulsoriamente demitidos com a morte do Papa. Só três permanecem em suas funções: o carmelengo, responsável pela transição e eleição do novo pontífice; o penitenciário-mor, que deve manter aberta a porta do perdão dos pecados reservado à Santa Sé; e o vigário da diocese de Roma.

O carmelengo destrói o anel do "Pescador" e a matriz utilizada no lacre das cartas pontificias. Lacre os aposentos papais e ordena os funerais de acordo com as instruções deixadas pelo falecido. Ouvido o Colégio dos Cardeais, cuida da preparação do conclave (que significa "fechado a chave"), que elegerá o novo Papa.

Os poderes do colégio cardinalício, na fase transitória, são limitados. Não pode, por exemplo, modificar as regras que regem a eleição papal, nomear novos cardeais (os eleitores) ou tomar qualquer decisão que possa vir a constranger a autoridade do futuro pontífice.

A Capela Sistina é preparada para o conclave. As visitas turísticas são suspensas e uma equipe de segurança vasculha cada detalhe, à procura de dispositivos eletrônicos. São convocados à reclusão os cardeais que ainda não tenham completado 80 anos até dois dias antes do conclave.

Todos os cardeais são confinados em suas 108 suítes e 23 quartos próximos à Capela Sistina.

O início do conclave ocorre cerca de dez ou quinze dias após o enterro do Papa, tempo suficiente para que todos os cardeais cheguem a Roma.

O confinamento dos cardeais é uma forma de retiro. Uma vez lá dentro, nenhum deles poderá sair, até que o novo pontífice esteja escolhido, exceto em caso de doença grave e após consenso da maioria de seus pares.

Ingressam no conclave, junto com os cardeais-eleitores: o secretário do Colégio dos Cardeais; o mestre das liturgias papais, acompanhado por dois mestres de cerimônia e dois religiosos da sacristia papal; um assistente para o cardeal decano; uns poucos religiosos de diferentes idiomas, para atuar como confessores; dois médicos; e o pessoal dos serviços de cozinha e limpeza, (quase sempre freiras).

Nenhum cardeal pode trazer assistente pessoal, exceto médico particular, em caso de doença grave. Nada de jornais, TV, rádio ou aparelhos de gravação ou imagem. É mantida uma linha telefônica para casos de emergência. Só três cardeais têm direito a contatar seus escritórios: o penitenciário-mor, o vigário da diocese de Roma e o pároco da basílica de São Pedro. Nada mais é permitido. A reclusão é total. Ninguém tem acesso à capela do conclave.

da revista

Água da Fonte nº 1

Data : 30/04/2004

Título : Reserva Especial de Vinhos

Categoria: Artigos

Descrição: O vinho vai no sentido contrário ao da globalização.

Reserva Especial de Vinhos

SANTO CLAUDINO VERZELETI

Acabou-se a primazia das uvas internacionais, segundo Renato Machado. O vinho vai no sentido contrário ao da globalização. Para os especialistas, bem entendido. Até pouco tempo, o mundo girava em torno da fórmula americana de Robert Parker. Os tintos, concentrados, da uva cabernet-sauvignon, ou de duas outras que se internacionalizaram - a syrah e a merlot. Os brancos, amanteigados, da uva chardonnay. E assim era.

Tintos e brancos estagiam longo tempo em carvalho novo, para agradar crítico-mor. Cabernets e chardonnays do Novo Mundo, infelizmente, passaram a ditar normas ao Velho Mundo, num movimento ao reverso.

Fez-se de tudo para aumentar a concentração e a qualidade (o que é bom) e para vencer rápido esses sumos espessos, depois de misturá-los ao sabor intenso da madeira (o que é mau). Criou-se um estilo padronizado, na Califórnia, na Austrália, no Chile e na Argentina.

Esse atravessou de volta o Atlântico e foi deixar sua marca em terras europeias. Na Itália (Toscana e Piemonte), na França (Languedoc), em Portugal (Alentejo) e na Espanha (Piorato). Vinhos como os catalães de Álvaro Palácios, o Solaia e o Sassicaia, na Toscana, os brancos piernonteses de Angelo Gaja e os alentejanos Marques de Borba e Tapada, de Coelheiros, são um resultado nítido do gosto globalizado. Agora, as preferências mudam, e ainda bem. Uvas nativas, exóticas, aromas agrestes, sabores rústicos, voltam a fazer parte do universo do vinho. Com a diferença de que hoje a tecnologia está a serviço das nativas.

Assim, um vinho do Sul da Itália de uvas esquecidas no tempo, poderá interessar ao consumidor. Um riesling da Áustria ganha contornos diferentes de um alemão. É o terroir, o terreno, retomando a dianteira.

Dois países estão à frente desse processo de busca de raízes: Espanha e Portugal. Os espanhóis sempre tiveram a tempranillo, que dá um tinto estruturado, longo e impressionante, o Veja Sicília. E os portugueses renovaram as apostas na touriga nacional, uva que dá os frutados tintos do Douro. Entre eles o Fijo, o Quinta do Vale Meão e o Barca Velha, glórias lusitanas.

Aqui, no Brasil, as tendências são buscar suas raízes e produzir com qualidade, em relação aos demais países. É uma questão de acompanhar a tecnologia através de enólogos capacitados. O solo brasileiro nada deve aos países da Europa. Clima e solo são ingredientes necessários, e nós temos de sobra.

Muitas videiras, que foram esquecidas, terão seu lugar no solo, dando lhes condições de desenvolvimento, e criando um novo vinho com sabor original. A natureza é pródiga e sábia. Com a palavra, nossos imigrantes!

da revista

Água da Fonte nº 1

Data : 30/04/2012

Título : Sonhei...

Categoria: Artigos

Descrição: Meu sonho não era sobre o passado. Era um misto de passado, presente e futuro.

SANTO CLAUDINO VERZELETI

Sonhei...

Meu sonho não era sobre o passado. Era um misto de passado, presente e futuro. Um entrelaçamento de realidade acontecida, acontecendo, e por acontecer. Sonho constante e reiterado.

Um sonho como o de todos os corações humanos, de todos os povos, de todas as épocas. Um sonho sendo produzido e sem nunca chegar ao fim. Sonho de possibilidades e impossibilidades. Sonho de Deus. Sonho dos homens. Um sonho possível só para quem vive totalmente acordado.

Entretanto, o que pretendo, neste momento, é revelar o que sonhei. Desde o lugar chamado Linha Graciema, onde nasci, no interior de Bento Gonçalves, até a Passo Fundo de outrora, que abracei com vigor, entusiasmo, e devoção pelos

ideais da comunidade, como afirmou o jornalista Wilson João, do jornal Correio Riograndense.

Pois o meu sonho representava as nações vivendo a solidariedade e a partilha de ideais. Haviam terminado as divisões Norte/Sul, Oriente/Ocidente. Os povos entenderam que têm o mesmo sangue e os mesmos desejos correndo nas veias.

Que a dominação desapareceu e as alas da fraternidade se abriram. Aprenderam que, em todos os seres vivos, a vida suspira por realização e plenitude. Afinal, nesta terra evoluída, não há mais lugar para lobos e escorpiões, nem para águias e falcões.

E o sonho continuou...

Sonhei com os meios de comunicação somando ideias, optando pela verdade e não pelos interesses da economia e da política. Com jornais que se irmanam e se completam, deixando de lado o velho esquema do devorar-se uns aos outros.

Sonhei com as Igrejas caminhando juntas. Nenhuma julgando-se a dona da verdade. Nada de grupos fanáticos.

Todos os credos buscando o mesmo Deus, e realizando tudo em nome da paz. Todos em defesa da vida. Todos promovendo a fraternidade e a convivência entre os indivíduos e os povos, e desses com o Deus de todas as Igrejas.

Sonhei com os partidos políticos buscando o bem comum. Somando projetos, organizando o povo para que se torne senhor da história e para que cada um se sinta cidadão. Partidos e homens públicos que se preocupam em somar, sem o velho esquema de dividir ou destruir para vencer. E o povo exaltando, e os jovens entoando o hino da democracia.

Sonhei com as empresas buscando o progresso comum. Sem o esquema secular de se julgarem senhoras do capital e das máquinas. Sem explorar a capacidade de trabalho do povo apenas para seu lucro próprio, ou para um grupo privilegiado. Sonhei com empresas solidárias, humanas, empenhadas em concretizar os sonhos de cada cidadão.

Sonhei com os clubes, os sindicatos, as associações, as cooperativas, as empresas e escolas, todos se organizando, não para seu próprio proveito, mas para o bem da coletividade. Todos promovendo a igualdade de direitos e deveres, a inclusão social, o progresso solidário para que ninguém se sinta alijado do processo de desenvolvimento.

Sonhei com este mundo novo e belo pertinho de mim: em minha casa, minha cidade, minha igreja, minha comunidade, meu círculo de amigos, meu grupo social. Sonhei e acredito na possibilidade de um novo céu e de uma nova terra, onde o lobo e o cordeiro, a criança e a cobra, o leão e o gato, consigam conviver harmoniosamente.

(Santo Claudino Verzeleti é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia de Ciências Contábeis do RS. Fundador do Centro Cultural Italiano Anita Garibaldi.)

Data : 30/11/2012

Título : Um Santo na Terra Santa

Categoria: Artigos

Descrição: Movido pelo impulso religioso, e por outras lições mais que a escola da vida nos propiciou, através dos ensinamentos paternos, empreendi...

SANTO CLAUDINO VERZELETI

Movido pelo impulso religioso, e por outras lições mais que a escola da vida nos propiciou, através dos ensinamentos paternos, empreendi, com um grupo de peregrinos, uma viagem de confirmação desses princípios, a Israel e Portugal. Tomados de intensa esperança e curiosidade, nos assentamos silenciosos em nossos lugares, guiados pelo Padre Valter Girelli, procedente de Erechim.

Foi no dia 14 de abril de 1996, que partimos do Brasil, em voo com destino a São Paulo, via TAP, rumo a Portugal. Lá íamos, os romeiros, empurrando as malas nos respectivos carrinhos. Menos o Padre Girelli. Alguém sugeriu-lhe então que ele também se servisse de um carrinho, pois era de graça. Ao que ele prontamente respondeu: Ah é? Como é que você sabe que sou gringo?

Às dezessete horas rumamos para Lisboa. A informação aérea indicava que viajávamos a 11.300 pés de altitude, nua velocidade de 800 quilômetros por hora, com uma temperatura externa de 61 graus negativos. Foram nove horas e meia de viagem. O grupo já estava bem descontraído, uns dormiam, enquanto outros se mantinham acesos. Chegamos antes de tudo à terra dos que ocuparam o Brasil há mais de 500 anos, a terra de Camões e de Pedro Álvares Cabral, com uma diferença de quatro horas no fuso horário.

Em Portugal, recebemos orientações do guia Pietro Fanton que diligenciou o encaminhamento de nossos passaportes. E tomamos o rumo de Tel Aviv, em Israel, onde desembarcamos, no dia 15 de abril, uma segunda-feira.

Foi assim que um Santo, oriundo de Passo Fundo/RS, chegou à Terra Santa, para enfrentar, junto com os demais peregrinos, diferenças de língua, costumes, alimentação, clima e fuso horário. No aeroporto moderno, com ampla segurança, encontramos nossos futuros condutores: o motorista Almir e o guia Jorge, um judeu argentino casado com uma carioca e residindo em Israel.

Aos poucos começamos a entendernos, e até a reforçar nosso linguajar de viagem, dentro do contexto judaico. De pronto, seguimos para Haifa, com agradecimentos e orações a São Cristóvão e Nossa Senhora da Boa Viagem. Imploramos a bênção para a nossa peregrinação, para o motorista e para o guia. Subimos então pelo litoral do Mediterrâneo, passamos perto de Cesareia Marítima, deslumbrados com as planícies e suas plantações de trigo, tâmara, laranja, figo, abacate, manga, cacto e oliveira. A diferença do fuso horário correspondia a seis horas.

Ao anoitecer, chegamos em Haifa, que fica no Monte Carmelo. Fomos hospedados no Hotel Stela Maris, das irmãs e frades carmelitas. Como se tratasse de um local citado na bíblia, jantamos e nos reunimos para participar da primeira Missa da viagem, na Igreja Nossa Senhora do Carmo. Haifa é uma cidade no norte da Palestina, no golfo do acre, ao sopé do Monte Carmelo. É o principal porto e um dos centros comerciais e industriais mais importantes do novo Estado de Israel, terminal de algumas vias-férreas e de um oleoduto procedente do Iraque.

Há refinarias de petróleo, indústria têxtil e eletrotécnica. O país também exporta milho, azeite, sésamo, legumes e outros cereais. Seu nome antigo era Sycaminum. Já integrados no espírito religioso, a Irmã Erminda apresentou uma mensagem de Atilio Hartmann, em que ele afirma que “as pessoas são presentes do Pai”. Todos os peregrinos recebemos como lembrança um escapulário de Nossa Senhora do Carmo, que também foi abençoado.

Depois, enquanto uns foram descansar, fiquei pesquisando com as Irmãs Carmelitas o que poderiam doar, para um museu religioso que, na ocasião, eu estava organizando em Passo Fundo. Minha meta era empolgar padres, capelães e zeladores de cada local, igreja ou capela, a fim de colaborarem com doações.

(Observação: Doravante, nesta narrativa, deixarei de usar a 1ª pessoa – eu – e passarei a relatar na 3ª pessoa: o Santo.)

No dia 16, uma terça-feira, todos acordamos cedo. (O fato de não estarmos em nosso fuso horário fez alguns se confundirem!). Depois do café, fomos a campo pesquisar, ver, examinar e ouvir, de nosso guia, a história da localidade: Monte Carmelo, histórico e rico em passagens bíblicas, montanha situada no litoral da Palestina. O monte, coberto de extensa vegetação, é rico em cavernas que abrigaram inúmeros ascetas hebraicos, tais como Elias e Eliseu, e foi o retiro preferido dos primeiros anacoretas cristãos.

O santuário que hoje se ergue nesse monte é a sede da Arquiconfraria de Nossa Senhora do Carmo. Apreciamos uma linda visão de Haifa e seu porto. Ela foi fundada há duzentos anos e é o centro mundial da religião Baal.

Os espaços mais importantes visitados durante essa peregrinação, serão descritos no relato que segue. GRUTA DE ELIAS – Profeta de Israel (século IX a. C.), ressuscitado por Deus para combater o culto a Baal e a impiedade de Jesebel e Acab. Seu nome está ligado a numerosos episódios bíblicos: a seca de três anos, o extermínio dos sacerdotes de Baal, a ressurreição do filho da viúva de Sarepta, a intervenção em favor de Nabot e a assunção do profeta ao céu, num carro de fogo. Segundo Malaquias, deverá voltar à terra antes que venha o grande dia do Salvador. Alguns questionam o tal carro de fogo... – Seria um disco voador?

Concluída a visitação, com todos a bordo, rumamos para Nazaré, passando pelo vale de Zebulon, que tem ao fundo a baixa e a alta Galileia, com suas paisagens lindíssimas. Avistamos ali os primeiros beduínos, pastores que moram em tendas cobertas de lona, cuja aparência é de muita pobreza e vida rústica. Nesse dia, os judeus rememoravam os mortos da Segunda Guerra Mundial. Num gesto de solidariedade, paramos um instante à margem da estrada, seguindo o costume deles.

Vamos que vamos até chegar a Nazaré.

No tempo de Maria Viviam lá mais ou menos 120 pessoas. Foi a cidade da anunciação do anjo à Maria. Lemos e meditamos o texto de Lc 1, 26-38. Marcounos o canto: Maria do sim, ensina-me a viver meu sim! Situada no norte do Estado de Israel, Nazaré é a capital do distrito de Norte e a mais importante cidade da Galileia. Bastante pitoresca, implantada sobre uma colina, a sudeste do lago de Tiberíades, divide-se em bairros gregos, muçulmanos, latinos e judeus. Outrora uma localidade sem maior importância, tornou-se célebre por evocar vários episódios da vida de Jesus. É o lugar onde, segundo o Novo Testamento e a tradição oral, nasceu a Virgem Maria e onde ocorreu a anunciação. Cristo morou lá ao volta do Egito até seu batismo. Na parte norte da cidade, vêem-se as ruínas da sinagoga em que Jesus pregava, a oficina de José e o poço mariano. Segundo a lenda, a casa da Sagrada Família foi transportada, milagrosamente, transportada de Nazaré para Loreto, na Itália.

Neste lugar ocorreu o primeiro problema da nossa viagem. Eis que todos se dirigiram à gruta de José, ao lado da Basílica, enquanto o Santo se desviou do roteiro para procurar o pároco da Basílica. Ele pretendia reivindicar um lembrança de Nazaré. O grupo se afastou para visitar o jardim e a caverna (casa) onde morou José. Eis que no momento em que o Santo conversava com o pároco, tocou o telefone. Um jornalista da França desejava saber dos últimos distúrbios ocorridos na cidade. E o padre alegava que nada tinha a declarar e que o assunto não era da competência dele. Assim, enquanto o tempo passava, o Santo permanecia ali postado, esperando o padre largar o telefone. Enfim, ao revirar daqui e dali as gavetas da sacristia, o bom homem encontrou um estola e perguntou: “Isto serve?” – “É claro!” - respondeu o Santo, saindo em disparada ao encontro do grupo. Todavia, ao encontrou mais ninguém. Tudo estava silencioso... Ele não falava árabe, nem grego, mas falava vêneto, e o capelão era italiano, por isso se entenderam.

Mas agora, o que fazer? Onde estaria o grupo? – O Santo estava perdido em Nazaré! Subiu e desceu tantas vezes os 40 degraus da escada, que acabou cansando. Optou então por observar o local em volta. Presumiu que não iriam deixá-lo justo onde Nossa Senhora nasceu. Junto à calçada encontrou um senhor de meia idade, simpático, vendendo objetos religiosos. Olharam-se mutuamente. Este cara está perdido! – foi o que o homem pensou. E o Santo, por sua vez, dirigiu-se a ele com as palavras: Mi son perso! – O sujeito prontamente entendeu e respondeu: No perso, brasiliani gruta San José! – E indicou o local com o dedo. Como um relâmpago, o Santo seguiu naquela direção e encontrou a turma, que já procurava por ele. Enfim, o encontro. Que alívio e que alegria! Final feliz, sobretudo por ter conseguido a doação que pretendia.

Em seguida, fomos visitar a gruta de José, uma caverna onde a família de Jesus morou e trabalhou, em sua carpintaria. Continuando o roteiro, visitamos a fonte onde Maria buscava água. No local há hoje uma igreja ortodoxa-gregaoriental. Ao meio-dia, a fome apertando, almoçamos no restaurante La Fontana di Maria. Satisfeitos e aliviados, nos deslocamos para a primeira visita da tarde: Canaã, antiga cidade da Galileia, na qual, segundo a Bíblia, Jesus Cristo operou seu primeiro milagre, transformando a água em vinho, por ocasião de uma festa de bodas (João 2, 1-11).

Aproveitamos a oportunidade e fizemos uma surpresa ao Sr. e Sra. Ângelo Scotà, único casal entre os peregrinos. Eles decidiram renovar o sacramento do matrimônio e convidaram todos os demais como testemunhas. Novamente, o Santo vasculhava em busca de algo. Recolheu uma porção de terra como lembrança, e adquiriu algumas garrafas de vinho da Terra Santa. De Canaã partimos para as margens do lago de Genesaré ou da Galileia, o mesmo em torno do qual Jesus viveu e desenvolveu a maior parte do seu ministério.

Nessa tarde, visitamos ainda a Igreja das Bem-Aventuranças, ocasião em que cada peregrino recebeu uma mensagem contendo uma delas. O lugar é lindo! No interior da igreja, lemos o evangelho (Mt 5, 1-12), depois nos detivemos um momento contemplando as belas paisagens, com o lago ao fundo. Encerrada a visita, rumamos para Tiberíades, que também fica às margens do lago. Hospedamo-nos no hotel, passeamos em volta das águas, e entramos para brincar e nos banhar. Por sinal, eram muito frias.

Por fim, o Santo recolheu como lembrança algumas pedras, para o futuro museu. Todos nos embriagamos com o que vimos e sentimos naqueles lugares santos. Dessa vez, ninguém se perdeu. No dia 17 de abril, uma quarta-feira, rumamos em direção ao novo destino.

Monte Tabor

Chegando ao Monte Tabor, deixamos o ônibus ao sopé do mesmo e tomamos um táxi, isto é, uma limusine. Nunca havíamos andado nesse tipo de veículo. Maravilhados com a paisagem em volta, chegamos por fim ao monte. Visitamos a igreja, lemos e meditamos o texto bíblico da Transfiguração (Mt 17, 1-9).

Na parte externa, sobre um patamar, com uma fantástica vista ao fundo, avistamos a cidade de Naim. Foi nela que Jesus ressuscitou um jovem, filho de uma viúva (Lc, 11-17). O Monte Tabor, com 562 m. de altura, fica na Palestina, a leste de Nazaré, e nele se deu o episódio da transfiguração de Cristo.

Na ocasião em que Jesus, com Pedro, Tiago e João subiu ao monte para orar, transformou-se o seu rosto, enquanto orava, e as suas vestes tornaram-se resplandecentes de brancura. Que falava Ele com os apóstolos? – Falava da própria morte, que haveria de cumprir em Jerusalém.

Quanto a nós, descemos do monte ungidos pela ideia da transfiguração, e retomamos a viagem, passando por Quibut.

Para atravessar o lago de Genesaré, tomamos um barco, enquanto íamos rememorando os grandes acontecimentos bíblicos relacionados com aquelas águas sagradas e também históricas. Entre eles: A tempestade no lago, A pesca milagrosa, Jesus caminha sobre as águas, e outros.

Enquanto partilhávamos estas informações, preparamos também a celebração da Missa. No meio do lago, os motores do barco foram desligados e, calmamente, celebramos a Eucaristia. A beleza do panorama era inesquecível e todos cantaram com redobrado fervor: Tu vieste à margem do lago, Senhor! Tu me olhaste nos olhos, e sorrindo disseste meu nome! Lá na praia, eu deixei o meu barco, junto a ti, buscarei outro mar... – E também: Se as águas do mar da

vida quiserem te afogar, segura na mão de Deus e vai!... Terminada a celebração, retornamos a Tiberíades para, no almoço, alimentarmos de peixe, como fez São Pedro. A refeição foi ao ar livre e à beira do lago.

Um momento deveras emocionante! Após foi servido o tão esperado e tradicional café da turca. A satisfação de todos era enorme, por termos o privilégio de caminhar pelo mesmo solo sagrado que Jesus e seus apóstolos percorreram. À tarde, retomamos nossa peregrinação para Cafarnaum, cidade da Galileia, à margem noroeste do Lago de Genesaré, também chamado Lago Tiberíades. Fica a pouca distância da desembocadura do Rio Jordão. Muito próspera no tempo de Jesus, esta cidade, que ligava o Egito à Síria, decaiu a tal ponto que hoje não restam mais traços que determinem com certeza a primitiva condição. Segundo o Novo Testamento, Cristo passou por ela várias vezes, pregando, operando números milagres e chamando-a de minha cidade. Foi na sinagoga de Cafarnaum que Ele instituiu o sacramento da Eucaristia.

A beleza do lugar é extraordinária, com flores múltiplas e coloridas. Outrora havia no local uma sinagoga, hoje em ruínas. Mesmo assim, demonstra a pujança e a riqueza daqueles tempos imemoráveis.

Algumas passagens bíblicas narram fatos da vida de Jesus que aconteceram nos seus arredores. Entre eles: a cura da sogra de Pedro, a pregação dentro da sinagoga, a cura do servo do Centurião, a apreensão pela ingratidão do povo. Em nosso entender, foi lá que Jesus arregimentou seus discípulos, homens destemidos e de estatura forte, que usariam da força se fosse necessário. Ele sabia que precisava, à sua volta, seguidores respeitáveis. E eles corresponderam, pois abandonaram suas próprias famílias pela nova causa.

As autoridades daquela época não admitiam ideias contrárias às do rei. A política de Cristo, entretanto, era defender os pobres, os doentes, as classes menos favorecidas, os pecadores – ensinamentos totalmente contrários àqueles do poder central do Estado Romano. Prosseguimos a caminhada pela beira do lago até a igreja da Confirmação de Pedro. Dentro dela, a suposta rocha em que Jesus teria dito: Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja!

Desse local, a fim de incrementar o museu religioso que pretendia organizar em sua volta, o Santo recolheu um pote de terra e mais algumas pedras em que o Senhor pisou.

Próximo dali visitamos outro local verídico, o sítio da Multiplicação dos pães (Mc 6, 30-44), onde cantamos solenemente: Pão em todas as mesas da Páscoa, nova certeza, a festa haverá, e o povo a cantar Aleluia! – A seguir, recitamos o Pai Nosso, implorando o pão nosso de cada dia.

Para marcar sua passagem por ali, o Santo adquiriu um cálice, decorado com um peixe do período bizantino. O local é extremamente sóbrio. Oferece tranquilidade e paz interior. O Papa Paulo VI, o único a visitar a Terra Santa, também visitou esses lugares, onde ocorreram a Multiplicação dos Pães e a Confirmação de Pedro, como chefe da Igreja.

Como já se anunciava a noite, retornamos, sob a proteção do Senhor, para o descanso no hotel, em frente ao lago. Rezamos o terço e partilhamos a sensação de estarmos num local de tantas e tão belas histórias. Foi uma bênção extraordinária!

Após esses momentos de oração e contemplação, mesmo estando baixa a temperatura da água, alguns do grupo não resistiram e, a exemplo do guia espiritual, Padre Valter Girelli, jogaram-se no lago para um banho reparador. Afinal, ir até lá e não se banhar nas águas onde Jesus andou e pescou, seria imperdoável. Foram momentos de lavar, sobretudo, a alma!

Ao nascer do novo dia, retomamos a tarefa de transportar malas e bagagens. O autobus nos aguardava em frente ao hotel, a fim de conduzir-nos até as nascentes do Rio Jordão, na saída do Lago de Genesaré. Temperatura agradável, muito verde pelo caminho, e tamareiras sem fim...

No local destinado, celebrou-se uma missa sobre a mesa de refeições, ocasião em que lemos a passagem bíblica sobre o batismo de Jesus e renovamos as promessas do nosso próprio batismo. Cada um escolheu um padrinho e uma madrinha, e o padre tomou o lugar de João Batista, derramando água sobre a cabeça de cada um dos peregrinos. Por fim, recebemos a lembrança desse batismo: um diploma que até hoje preservo, entre outras lembranças de viagens.

Por meio dessa cerimônia, os filhos e filhas de Deus foram purificados, em instante memorável e histórico. Cada um deles recolheu ainda uma porção de água do Rio Jordão. O Santo, por sua vez, encheu uma garrafa destinada a fazer parte do Museu do Imigrante, que ele mesmo criou, em Passo Fundo.

No retorno, o ônibus realizou uma parada, a fim de recolher algumas espigas de trigo como lembrança. Ele é o símbolo do pão!

Continuando a viagem, chegamos às escavações de Esquitópolis, uma maravilha! Estão reconstruindo uma cidade do tempo dos romanos. No alto de uma coxilha, vislumbramos o contorno do horizonte, com muitos arbustos. Chamou-nos atenção um deles, apinhado de pequenos frutos arredondados. E, por um instante, recordamos ter visto em Cafarnaum um coelho trepado num arbusto semelhante, comendo daqueles frutos estranhos. E o Santo, naturalmente, decidiu provar e afirmou que tinha gosto de maçã. Estava assim desvendado o segredo do coelho.

Após analisar e tatear, o Santo ainda recolheu um prego que havia por lá. Tudo destinado a seu futuro museu. O autobus seguia vagaroso pelo vale, rumo à próxima cidade:

Jericó

Uma cidade antiga e fortificada da Palestina, Jericó está situada no vale do Jordão, a 24 km ao nordeste de Jerusalém. Foi a primeira cidade conquistada pelos israelitas (1400 a.C.), comandados por Josué. Foi reforçada no reinado de Acab, destruída pelos romanos e reconstituída pelo imperador Adriano. A Jericó dos tempos romanos, referida no Novo Testamento, estava situada um pouco mais para o sul. A Jericó da Idade Média localizava-se onde atualmente se encontra El Riat, mais para leste. Seguimos debaixo de um sol forte, em local com aspecto de deserto. À nossa direita se apresentava o monte das tentações de Cristo.

A Bíblia relata que Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo demônio. Jejuou quarenta dias e quarenta noites, e depois teve fome. Então o tentador aproximou-se dele, dizendo: “Se és o Filho de Deus, ordena que estas pedras se tornem pães!” Jesus respondeu: “Está escrito: Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus.” Em silêncio, vagamos pela estrada e passamos pelo manancial de Eliseu, profeta do Antigo Testamento, sucessor de Elias, o qual promoveu a revolução de Jeú contra Acab. Em consequência dela, foi extirpado o culto fenício de Baal, no reino de Israel.

Sob um sol escaldante, lemos a história de Zaqueu, lembrando também que foi na cidade de Jericó que Jesus realizou a cura de um cego. Registramos nossa passagem pelo lugar – onde se localizara o palácio de Herodes, o Grande – subindo um dos morros. Naturalmente, quem representou o grupo foram o Santo e o Padre Valter, que recolheram dos muros algumas pedras, símbolo vivo de um passado longínquo e notável.

O Padre gostou tanto do lugar que não resistiu à tentação de subir a uma árvore para ser fotografado, a fim de provar que esteve na mesma Jericó dos tempos de Cristo.

Segundo a história, Jesus, ao voltar a Jerusalém, passou por Jericó. Entre a multidão que o aguardava, encontravase um homem baixote, de nome Zaqueu que, para enxergar melhor, subiu num cinamomo (sicamoro).

De Jericó seguimos para Qumran. No meio do caminho, ao pararmos para um lanche, alguns aproveitaram para dar uma volta de camelo e fotografar. Seguiu-se um proveitoso descanso, durante o qual o Santo, com alguns companheiros, foram visitar um parreiral próximo. E observaram que as videiras haviam sofrido um corte ao redor do tronco, uma incisão de cerca de dois ou mais milímetros, interrompendo em parte a circulação da seiva. Questionaram o caso, e alguém que estava por lá informou-lhe que o corte era tecnicamente realizado, pois a redução da seiva melhorava o teor de açúcar e apressava o amadurecimento da fruta.

Os turistas do camelo, ao revelarem as fotos, notaram que algumas apresentavam a cabeça decepada, tanto do camelo como do condutor. Isso porque o animal é alto e, ao levantar-se, saía parcialmente do foco da máquina. Descendo pela margem do Jordão, chegamos à Jordânia, uma planície de rica agricultura.

Mas, nesse tipo de viagem, o impossível acontece. E ocorreu que, enquanto o guia espiritual celebrava uma missa no lago da Galileia, ouvia-se, de tempos em tempos, um tiro surdo, tipo morteiro. Todos ficamos curiosos para saber o que era aquilo.

Então, antes de chegarmos ao destino, fizemos uma parada técnica. Foi quando observamos, uma encruzilhada, alguns tanques de guerra de 50 ou mais toneladas, e caminhões com foguetes, na divisa da Jordânia. Perguntamos ao guia para que serviam tais máquinas. E ele nos confirmou com toda a segurança: “Os foguetes servem para espantar os patos que sujam as águas do mar da Galileia!”

Sob a proteção divina, chegamos a Qumran, que fica junto ao Mar Morto, em pleno deserto. A primeira providência que tomamos foi almoçar, pois já passava do meio-dia.

Qumran

Em 1947, um beduíno à procura de sua cabra que se havia extraviado, descobriu um dos mais importantes e preciosos achados arqueológicos do século XX, os famosos pergaminhos do Mar Morto.

Escritos pelos essênios, membros de uma seita religiosa que deixou Jerusalém para instalar-se no deserto de Qunrãm, mais ou menos no século I a.C., os pergaminhos foram encontrados em grutas da região. Os escritos de Filão, Flávio José, Hipólito, Solino, Eusébio e Epifânio relatam que os essênios abandonaram a sociedade judaica, o sacerdócio e o templo, para se refugiarem em Qunran, orientados pelo mestre de justiça, cuja identificação histórica se desconhece.

Essa gente levou uma vida dedicada à oração, ao estudo, à meditação e à caridade.

Todavia, no ano 31, eles abandonaram o local, que foi destruído por um terremoto. Trinta anos mais tarde, retornaram, construindo um pequeno povoado, e permanecendo ali até o ano de 68, quando foram todos massacrados pelos soldados de Tito. Sabendo da passagem dos romanos, os essênios esconderam rapidamente os seus mais preciosos bens, ou seja, suas escrituras, naquelas obscuras cavernas. E o deserto guardou seu segredo por dois mil anos, pois o local onde viveram, nas vizinhanças do Mar Morto, tornou-se célebre a partir de 1947, por seu mosteiro e pelos arquivos bibliográficos lá descobertos.

Vale a pena pesquisar sobre ritos e costumes dos povos antigos. O deserto possui encantos e segredos inimagináveis. Dando prosseguimento à nossa viagem, fomos em direção a Jerusalém. No trajeto, atravessamos um deserto com montanhas de pedra.

Judeia

Região meridional da antiga Palestina, foi designada pelos persas como morada dos judeus, após o seu retorno do cativeiro da Babilônia, no ano 538 a.C. Esteve sob o jugo de vários povos. Além dos persas, também dos gregos e romanos. Quando província romana, a Judeia compreendia, em 641 d.C., ainda a Idumeia, a Samaria e o litoral entre o Monte Carmelo, no norte, e a cidade de Jamnia, no sul. Em 67 d.C., acrescentouse mais a Galileia ao seu território.

Antes de entrarmos em Jerusalém, passamos por Betânia, terra de Lázaro e suas irmãs, onde lemos e meditamos os textos bíblicos: Jesus vai à casa de Marta e Maria (Jo 2, 1-11); e A ressurreição de Lázaro (Jo, 12, 1º e seguintes).

Jerusalém

Capital de Israel e cidade santa dos cristãos e judeus, Jerusalém é uma fortaleza natural, uma elevação rochosa formada por duas colinas, cerca de 60 km da costa e 27 km a leste do Mar Morto.

Entre os lugares de interesse turístico e religioso, pode-se citar: a Igreja do Santo Sepulcro, o Monte das Oliveiras, a Igreja dos Cruzados de Santa Ana, o Horto de Getsêmani, o Muro das Lamentações e, modernamente, a Universidade Hebraica, a Catedral Anglicana e a Basílica Franciscana. Nossa visita seguinte foi à Igreja dos Pastores, onde lemos o texto de Lc 2, 8-20 e, juntando nossas vozes, entoamos Glória, glória, aleluia! O pátio da Igreja do Campo do Pastor é o local onde o Anjo apareceu aos pastores e anunciou o nascimento de Jesus. A consciência induziu o Santo a recolher algo daquele campo sagrado, e ele cortou um pequeno ramo de cacto que, no retorno da viagem, seria plantado em Passo Fundo, no Parque da Roselândia.

Em seguida, nos dirigimos para a Igreja da Natividade, isto é, do nascimento de Jesus. Descemos à gruta e beijamos o local da manjedoura. Procuramos o texto bíblico de Lc 2, 1-12, que narra o nascimento de Jesus e, como não poderia deixar de ser, mesmo não estando no período de Natal, cantamos Noite Feliz. Junto desta igreja, visitamos a gruta de São Jerônimo, o primeiro tradutor da Bíblia para o latim.

Nossa emoção foi tão grande que, num momento de reflexão, recordamos da família, dos nossos pais e dos amigos. Lágrimas copiosas começaram a rolar pelas faces do Santo. Procuramos ainda o capelão da igreja, num local escuro, tipo uma gruta, e nada... Assim mesmo, fomos abrindo portas e caminhos, até que alguém nos perguntou algo. Seria o capelão? Não entendemos nada, e tentamos usar a linguagem dos sinais. Nem assim foi possível a comunicação. Então dissemos em coro: Desejamos uma lembrança daqui! O Santo decidiu usar o dialeto vêneto, e conseguiu fazer-se entender.

Fomos então conduzidos até uma pequena sala, com diversos armários, onde o padre mostrou-nos uma manta de cor verde com vermelho. Serve?- perguntou. Yes! Aleluia! –respondeu o colecionador de objetos sagrados.

Em seguida, nos encaminhamos para a Igreja de Nossa Senhora do Leite – na verdade, uma linda gruta -, a fim de conhecer o mais emocionante dos quadros: Maria amamentando Jesus.

Uma imagem tão humana da Mãe e do Filho, que nos fez lembrar daquela que nos amamentou, e do melhor alimento par a criança, o leite materno. Também as mulheres que hoje morrem de câncer no seio, - e são tantas! – vieram à nossa mente, naquela hora de tão sublime contemplação.

Na saída da Basílica da Natividade encontra-se a “porta da humildade”, uma pequena entrada para a igreja. Essa porta foi reduzida, através da vedação parcial do arco cruzado, em algum momento do século XVII, para assegurar que os muçulmanos não entrassem no templo montando seus cavalos. O visitante deve curvar-se completamente para entrar no templo. O Santo, com seu olhar de águia, vislumbrou uma pequena pedra, uma turmalina rosa, que hoje se encontra no Museu do Imigrante, em Passo Fundo.

Belém

Seguimos para Belém, onde tivemos uma hora de lazer. Cada um foi comprar suas lembranças. O Santo aproveitou para adquirir um crucifixo feito de oliveira, e uma estátua de Nossa Senhora, da mesma madeira. Então, fatigados, retornamos ao hotel Holiday in Crowne Plaza. Cinco estrelas. Um luxo!

Belém é uma pequena cidade da Palestina, perto de Jerusalém, terra natal de Jesus Cristo. A ela afluem, em constante romaria, peregrinos de todas as partes do mundo. A mais antiga igreja cristã se encontra ali. Já era 19 de abril. Iniciamos o dia visitando a Igreja Pater Noster, no Monte das Oliveiras. Presume-se que foi nesse lugar que Jesus ensinou a rezar esta oração. Nós também a rezamos e cantamos. O Pai Nosso está escrito em diversos idiomas -inclusive em português -, numa parede do templo.

Começamos então a descer o monte. E presenciamos uma das vistas mais lindas da antiga Jerusalém. Em seguida, os muros da cidade, com a cúpula dourada da Mesquita de Homar. Visitamos ainda a igreja Dominus Flevit, construída em memória do choro de Jesus, durante a agonia. Oramos fervorosamente, recordando tantas pessoas que sofrem e choram por diferentes razões.

Descemos mais até chegar à Igreja da Agonia, que é também a Igreja das Nações, erguida sobre a suposta pedra onde Jesus chorou na noite de Quinta Feira Santa. Na chegada, impressionaram-nos as oliveiras de mais de dois mil anos, local verdadeiro em que Jesus pisou. No interior, contemplamos o lindo quadro do Senhor Jesus, e a pedra, sobre a qual orou ao Pai. Também lá o Santo colheu alguns ramos de oliveira e encheu um pote com terra, destinados a integrar o futuro museu.

Prosseguindo, dirigimo-nos para a igreja do túmulo de Maria, que hoje pertence à Igreja Ortodoxa Grega. Os ortodoxos estavam celebrando a Semana Santa, de acordo com o rito deles, e havia muita reza, cantos e incenso. A gruta possui uma enorme escadaria que se bifurca em forma de T, e está repleta de turíbulos.

Novamente, a serviço da história, o Santo descobriu alguém para dialogar e fazer-se entender. Quanto esforço e malabarismo no linguajar! Mas quem deseja intensamente, sempre alcança. Entre as centenas de capelas, apareceu um capelão que, finalmente, despachou o Santo: Tome e leve um souvenir! – Gracie, signore! – respondeu o agraciado.

Sáímos do Horto das Oliveiras para o Monte Sion, onde conhecemos outros locais históricos: o túmulo do Rei Davi, muito cultuado e venerado pelos judeus; e a sala superior, isto é, o Cenáculo, onde a emoção tomou conta de todos. Tem aspecto rústico, mas muito natural. Na ocasião, lemos Jo 13, 1-11, que descreve a cena do Lava-Pés. Meditamos sobre o gesto de Cristo. E o Padre Girelli, com um óleo perfumado, ungiu os pés dos peregrinos. Continuamos lendo Jo 13, 12-20, enquanto refletíamos sobre o mandamento do amor. Ungimos então as palmas das mãos, recordando que elas servem para abençoar, unir, construir e praticar a solidariedade. Em seguida, fizemos a leitura de Mt 26, 26-29, sobre a instituição da Eucaristia e do sacerdócio. O guia espiritual lembrou seus 15 anos de consagração a Deus, desde que fora ungido pelo Bispo, para o serviço do Senhor.

Por fim, a leitura dos Atos dos Apóstolos (1, 12-14; e 2, 1 ss), que relatam o Pentecostes, invocando o Espírito Santo, para nós e para a Igreja. Cantamos “Vem, vem, vem, vem, Espírito Santo de amor!” E relembro nossa Crisma, unguimos nossas frentes com óleo perfumado. A emoção dominou a todos, novamente.

No final da manhã, visitamos a Igreja da Dormição de Maria. Cantamos e recomendamos a Deus os falecidos, por meio da Virgem. E, cansados, retornamos a Belém para o almoço.

Assim, com o corpo alimentado e a mente liberta, retornamos a Jerusalém. Na viagem, ao lado da piscina de Siloé, (conforme Jo, 9, 1 ss.), soubemos que foi lá que Jesus curou o cego de nascença.

Nessa tarde, entramos na velha cidade de Jerusalém, transpondo os seus muros. Lá dentro, tudo impressionava: as enormes escavações, os muros destruídos e reconstruídos, e também o Muro das Lamentações. Detivemo-nos bastante tempo nesse lugar, acompanhando o misticismo dos judeus, que consiste em bater a cabeça no muro, inclinar-se, cantar e orar, segundo seus costumes.

Também nós nos aproximamos do muro para um momento de oração. Segundo a tradição judaica, os homens se postam de um lado, e as mulheres, do outro. Prosseguindo em nossa peregrinação, percorremos várias ruelas, encurralados pelos vendedores de suvenires e outros objetos.

O Caminho da Via-Sacra (em que a cruz do Santo serviu para o ato litúrgico), é um local verídico e carregado de simbolismo. De lá seguimos até a antiga Fortaleza Antonia, onde ocorreu o julgamento e a condenação de Cristo. Cada parede, cada sala, e o próprio chão, contam sua história. Permanecemos mais tempo no local da Condenação, onde Ele tomou a cruz às costas, para seguir até o Calvário. Hoje existem duas igrejas no local.

Em seguida, nos encaminhamos para a Igreja de Santa Ana, esposa de São Joaquim e mãe de Maria, portanto, avós de Cristo. Ao lado da igreja, localiza-se a piscina de Betesda, onde, conforme Jo 5, 1-18, ocorreu a cura de um paralisado, por milagre de Jesus.

As escavações da piscina são extraordinárias. No pátio do templo, conhecemos a pimenta branca, da qual alguns peregrinos colheram amostras.

O tempo corria veloz e, às 16 horas, descemos à Gruta de Getsêmani, para a celebração de uma missa. A gruta é sui-generis, e situa-se junto à igreja do túmulo de Maria. Seu formato lembra um turíbulo.

Num clima de recolhimento, silêncio e meditação, celebramos a Eucaristia. Mas antes tivemos de convencer o frei responsável pelo local, de que o nosso guia espiritual era realmente um “padre”.

Ele desconfiou que não fosse, e os romeiros tiveram de intervir. Por fim tudo se resolveu. E o Santo, com aquela cara de piedoso, mostrava-se muito concentrado.

Por fim, celebramos e refletimos sobre a Paixão de Jesus Cristo. A leitura relatava a história do servo sofredor, encontrada em Is 53, 2-4 e 6; e a homilia lembrava o sofrimento de Jesus no Horto das Oliveiras (Mt. 26, 36-46). No final

do ato religioso, fizemos uma reflexão sobre os versículos 47 a 56, do mesmo evangelista, descrevendo a história de Judas e o beijo da traição. Mas a visitação não poderia passar em brancas nuvens, e procuramos novamente o tal frei, para solicitar algum objeto. Dito e feito. Havia junto do altar diversos crucifixos, esculpidos com a imagem de Cristo. Logramos êxito e conseguimos um deles.

Nessa missa foram abençoados também os ramos de oliveira que colhemos no jardim. No final, foram eles distribuídos entre nós. Imaginem quem mais colheu! Alguns dos romeiros davam a impressão que iriam promover um reflorestamento em terras de Passo Fundo e Farroupilha.

Retornamos ao hotel mais cedo, já que à noite teríamos um programa especial: uma hora de adoração e vigília na Igreja das Nações, exatamente no lugar onde Jesus suou sangue, às vésperas de sua prisão. Junto com um grupo de padres espanhóis, encenamos o ato, entoando: “Se as águas do mar da vida quiserem te afogar, segura na mão de Deus, e vai...” E, para nos despedirmos de Cristo, a canção: “Lenta e calma sobre a terra, desde a noite e foge a luz. Quero agora despedir-me: Boa Noite, meu Jesus!”

A noite estava muito fria. E esse foi, sem dúvida, o momento de mais baixa temperatura que ocorreu durante a viagem.

No final da semana, ou seja, no sábado, dia 20 de abril, iniciou-se a visitação às mesquitas dos muçulmanos, localizadas no pátio do antigo templo de Jerusalém. São obras lindíssimas! A de Homar está construída sobre a pedra onde Abraão esteve prestes a sacrificar seu filho Isaac (Gen. 22, 1-19).

Para ingressar em tais mesquitas, deve-se tirar o calçado, em sinal de respeito e para a conservação das peças ali existentes. Em seguida, encaminhamonos para a celebração da missa do dia, na Igreja da Condenação de Jesus à morte. Foi um ritual de celebração do louvor. Cada um de nós expressou seus motivos de dar graças, por meio da canção: “Entoai ação de graças, e cantai um canto novo, aclamai ao Deus Javé, aclamai com amor e fé!”.

O intento do Santo foi outra vez encontrar alguém responsável pela igreja, tão histórica quando as demais. O capelão, teimoso como só ele, não dava oportunidade. Mas, quem insiste, leva! – diz o ditado. Até que enfim cedeu uma estola da cor do vinho. “Manco male!”

É um grande privilégio visitar os lugares em que Jesus Cristo viveu! E, nos momentos de meditação individual, a emoção toma conta da gente. Foi o que aconteceu, ao ouvirmos a Elba cantar: “Amor, amor, amor... Ser cristão é ser amor. Ama teu próximo como a ti mesmo. Deus é amor!”

Prosseguindo, fizemos a caminhada da via-crucis, turisticamente falando. E chegamos ao Monte Calvário, ao túmulo de Jesus, onde se deu o encontro mais dramático de Deus com a humanidade, na pessoa do Nazareno.

No domingo, dia 22, iniciamos mais uma jornada de pesquisas: o roteiro pela Igreja da Visitação de Maria a Isabel, em Ain Karen. Um local sereno, com boas vertentes e muita vegetação. Subimos uma centena de degraus, até chegar à Igreja de João Batista. Chovia. E no interior do tempo, meditamos e participamos da missa. Foi neste lugar que nasceu João Batista, o filho de Isabel. Recordamos o martírio dele, com a oração do Benedictus, outrora proferida por

seu pai, Zacarias. O texto estava escrito em português, num dos muros do templo.

No exterior da igreja há uma capela, que é um local de oferendas. Foi nessa oportunidade que o Santo vislumbrou um quadro jogado no chão, representando a ascensão de Jesus aos céus. É óbvio que ele recolheu de imediato aquela peça histórica, a fim de trazê-la com lembrança.

Foi ainda nesses arredores que aconteceu algo inusitado. Após a visitação, rumamos para um local afastado, onde restava um pequeno altar, construído sobre as ruínas da casa de João Batista. Era um dia frio e chuvoso. E assim que iniciamos o cerimonial, com a atenção redobrada, o Santo divisou um crucifixo de metal, que parecia abandonado no interior daquele recinto. Recolheu então o objeto que guardou como uma relíquia e também como lembrança dos lugares santos... Amém!

A seguir, rumamos em direção ao Mar Morto, passando por Qumran e Judeia, até alcançar a fortaleza de Massada

Massada.

Encrustada na rocha, e com sua fantástica beleza natural, essa fortaleza ergue-se no deserto da Judeia, a aproximadamente 3 km da margem ocidental do Mar Morto. Tem mais ou menos um quilômetro de comprimento, por 200 metros de largura. Sua elevação corresponde a 700 metros acima do nível do mar.

Foi Herodes, o Grande, que construiu a enorme e magnífica fortaleza, no ano 40 antes de Cristo, a fim de proteger-se dos judeus, caso tentassem destituí-lo do governo. O suntuoso palácio serviria como sua residência se, porventura, fosse destronado por Marco Antônio. Quando os romanos, no ano 70 a.C., subjugaram toda a terra de Israel e deixaram Jerusalém em cinzas, um grupo de judeus patriotas, em número de 967 sobreviventes, liderados por Eleazar Bem Yair, dirigiu-se à Massada, local onde foram sitiados pelos romanos, durante três anos. Todavia, ao reconhecerem que não seria mais possível ali permanecer, pois estavam prestes a ser derrotados pelos invasores e capturados como escravos, aconteceu o heroico e dramático fim dos judeus sobreviventes, que preferiram suicidar-se a se render ao inimigo. Optaram pela morte, para fugir da escravidão. Desde então, Massada passou a ser um santuário para o povo judeu por ter sido o cenário de um dos episódios mais sangrentos de sua história.

Atualmente, o povo está reconstruindo os palácios de outrora, com a ajuda voluntária de seus patrícios do mundo todo. Mulheres e homens prestam serviço à reconstrução, cada um de acordo com suas possibilidades.

Nos tempos de Herodes, a fortaleza possuía todas as condições de sobrevivência: despensas, cisternas, casas de banho, palácios, sinagogas e rituais de ablução.

Nós percorremos o platô da montanha e observamos parte da igreja bizantina, em mosaico herodiano, e o terraço inferior do palácio suspenso, ou seja, as poucas edificações que restaram após o jugo romano.

Para alcançar o cume, os invasores fizeram aquilo que o diabo não sabia fazer: ergueram uma taipa de terra e pedras até alcançar o topo, o patamar de Massada. Foi então que encontraram os 967 corpos com as cabeças decepadas. Uma cena de horror! Como amigo e ferrenho defensor da natureza, o Santo colheu uma folha de cactus ou palma, que trouxe para Passo Fundo e plantou no Parque da Roselândia.

Findo o passeio, já com fome e sede, tomamos o rumo do Mar Morto, a fim de encontrar um local de almoço. Após breve intervalo, nos dirigimos todos às margens do referido mar, a fim de arriscar um banho em suas águas famosas. Corajosamente, e devagar, fomos entrando, até atingir a profundidade de 1,30 metros, para então começar a nadar.

E tivemos uma enorme surpresa, diante da quantidade de sais e outros minerais que havia em suspensão, fazendo o corpo flutuar. Era mais ou menos como tentar afundar um porongo. A gente desliza e, por meio de certos movimentos, desloca-se sobre a água com tranquilidade. É uma das riquezas de Israel. E assim, com o corpo arejado e temperado pelo sal, enfrentamos a segunda-feira, 22 de abril. Ao cantar do galo, saltamos da cama para a missa da Ressurreição, numa das capela do Calvário. E iniciamos a caminhada, como fez Cristo com a cruz às costas, ao mesmo tempo em que cantávamos hinos de louvor. O Santo carregava uma cruz de puro cerne de oliveira, não às costas, mas debaixo do braço. E assim concluímos a Via Sacra, parando e observando, em cada estação, o caminho do sofrimento de Cristo.

Findo o passeio, retornamos ao hotel, aprontamos as malas e, às 10 h e 30 min, seguimos para Tel Aviv, a fim de visitar a cidade velha de Jafa (ou Jope). Nossa primeira parada foi na casa do curtidor Simão, onde Pero se hospedou.

Nessa cidade o apostole ressuscitou Tabita, e dali foi convidado a ir à Cesareia marítima, na casa do centurião romano, Cornélio. Na Catedral de São Pedro, realizamos algumas incursões pelas escavações da antiga edificação.

E, ao final da tarde, rumamos para Lisboa, iniciando o caminho de retorno ao nosso país.

(Santo Claudino Verzeleti é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia de Ciências Contábeis do RS.)

Data : 31/12/2008

Título : Vingança inesperada uma parábola moderna

Categoria: Artigos

Descrição: O tempo é o mediador de nossas ações cotidianas...

Vingança inesperada uma parábola moderna

O tempo é o mediador de nossas ações cotidianas, de nossas atitudes no convívio familiar, social e comunitário.

Por sua vez, as entidades são nossas representações perante a sociedade. Se sua atuação for profícua e para o bem do grupo que as compõe, se estampará na face de todos a satisfação e o bem estar.

Entretanto, quando as vaidades despontam, tentando alguém sobressair-se entre os demais, pode ocorrer o que popularmente se denomina um tiro no pé. Pois bem. Havia, em certa ocasião, uma antiga e prestigiada casa de cultura, cujos participantes pretendiam viver em harmonia, promovendo união, o convívio fraterno, a liberdade, o respeito às leis e aos princípios da confraria, entre os quais a alternância de comando.

Como determinam as normas, ocorreram eleições na mencionada confraria. Alguns interessados ficaram sabendo, mas nem todos, pois houve deliberada intenção de camuflar o processo.

E assim surgiu um sujeito de nome Augustus, com a pretensão de derrubar seu adversário a qualquer preço, por achá-lo indigno de ocupar o posto, e inventando artimanhas para tirá-lo do páreo.

Consultados os anciãos, acertou com eles o resultado, marcando as cartas do jogo.

E a vitória sorriu para Augustus, que foi ungido pelos doutores, e reinou absoluto, por um período além da prescrição legal, indo e vindo sem consultar nenhum oráculo, no auge de sua empolgação.

Depois de longas e estrepitosas aparições em público, e sucessivas mensagens nas protuberâncias do ego, resolveu editar uma epístola, determinando dia e hora para confirmar sua pretensão: ser novamente ungido como imperador, e por vezes sucessivo.

Foi então que Augustus procurou a fonte das profanas divindades, para purificar-se e invocar a proteção dos oráculos, por meio da ninfa Pitia. Tudo programado, em perfeito acordo com os efes, esses e erres, fixou um documento na porta da “casa de exercícios intelectuais”, determinando data e horário para o exercício do voto. Mas o fez, à última hora antes do pleito, para que ninguém visse, nem soubesse, nem aparecesse.

Aconteceu, porém, que alguns membros da confraria tiveram um pressentimento, e se fizeram presentes, mesmo desconhecendo a convocação para a assembléia.

Augustus, na cabeceira da mesa patriarcal, tentou passar uma rasteira nos presentes (e nos ausentes também), alegando motivos sobrenaturais, como elevada dedicação à confraria, desejo impulsivo de continuar “fazendo o bem”, questão de justiça para com sua “meritória atuação” à frente da irmandade. Presume-se até que, em seu íntimo, tenha orado aos deuses, sentado à cabeceira da mesa extensa, privilégio de suas edificantes virtudes.

Os poucos intelectuais presentes se entreolharam incrédulos (deixando de lado até o café com bolachas, petisco indispensável naquelas horas de convívio), diante do fato estranho, que estampava no rosto de Augustus o riso impertinente da vitória. Cercavam a mesa, o corajoso Paulus, o eclético Zaratustra, o poeta-cantor, o causídico notável e a verzejadora impetuosa, xará da mãe de Constantino (o Imperador), entre outros intelectuais mais taciturnos.

Houve então um breve tumulto, motivado pela oratória de Paulus, que não comungava com a forma pífia da eleição sem voto, que dava as costas à democracia e à igualdade de direitos, entre todos os ocupantes de cadeiras na confraria.

Paulus, então, falou e disse. Em seguida retirou-se, em sinal de protesto. E, um tanto aparvalhados com o inusitado da situação, os demais permaneceram no local, apreensivos e insatisfeitos. Uma nuvem pesada, escurecendo os semblantes, desceu sobre o silêncio da mesa oval... Por fim, alguns se pronunciaram. E a verzejadora também. Para desespero de Augustus, solicitou a palavra, a fim de apresentar uma alternativa de oposição.

Reiterado e insistente no seu propósito de atropelar a lei, Augustus ainda tentou adiar o enfrentamento, obviamente no intuito de preparar uma falseta para o inevitável embate. Não logrando êxito em seu intento, pela desaprovação de seus pares, foi forçado a promover o pleito.

E, ao proclamar o resultado do escrutínio, obrigou-se a reconhecer o que nem em sonhos cogitara: Paulus foi eleito o novo condutor da confraria. Caiu por terra o mito, e a humildade tomou o lugar da soberba...

da revista Água da Fonte n° 06